

TIAGO JOSE DA SILVA
ISA MARIA FREIRE

EPISTEMOLOGIA E HISTORIOGRAFIA NA CIENCIA DA INFORMACAO

EJ Editora
UFPB



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Reitor

VALDINEY VELOSO GOUVEIA

Vice-reitora

LIANA FILGUEIRA ALBUQUERQUE

Pró-Reitor PRPG

GUILHERME ATAÍDE DIAS



EDITORA UFPB

Diretor

REINALDO FARIAS PAIVA DE LUCENA

Chefe de produção

JOSÉ AUGUSTO DOS SANTOS FILHO

Conselho editorial

Adailson Pereira de Souza (Ciências Agrárias)
Eliana Vasconcelos da Silva Esval (Linguística, Letras e Artes)
Fabiana Sena da Silva (Interdisciplinar)
Gisele Rocha Côrtes (Ciências Sociais Aplicadas)
Ilda Antonieta Salata Toscano (Ciências Exatas e da Terra)
Luana Rodrigues de Almeida (Ciências da Saúde)
Maria de Lourdes Barreto Gomes (Engenharias)
Maria Patrícia Lopes Goldfarb (Ciências Humanas)
Maria Regina Vasconcelos Barbosa (Ciências Biológicas)

Conselho científico

Maria Aurora Cuevas-Cerveró (Universidad Complutense Madrid/ES)
José Miguel de Abreu (UC/PT)
Joan Manuel Rodriguez Diaz (Universidade Técnica de Manabí/EC)
José Manuel Peixoto Caldas (USP/SP)
Letícia Palazzi Perez (Unesp/Marília/SP)
Anete Roese (PUC Minas/MG)
Rosângela Rodrigues Borges (UNIFAL/MG)
Silvana Aparecida Borsetti Gregorio Vidotti (Unesp/Marília/SP)
Leilah Santiago Bufrem (UFPR/PR)
Marta Maria Leone Lima (UNEB/BA)
Lia Machado Fiuza Fialho (UECE/CE)
Valdonilson Barbosa dos Santos (UFCG/PB)

Editora filiada à:



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

**EPISTEMOLOGIA
E HISTORIOGRAFIA
NA CIENCIA
DA INFORMACAO**

Direitos autorais 2020 – Editora UFPB
Efetuado o Depósito Legal na Biblioteca Nacional, conforme a
Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

Todos os direitos reservados à Editora UFPB

É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998) é crime estabelecido no artigo 184 do Código Penal.
O conteúdo desta publicação é de inteira responsabilidade do autor.

Projeto Gráfico
Editora UFPB

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

E64	Epistemologia e historiografia na ciência da informação / Tiago José da Silva, Isa Maria Freire (organizadoras). - João Pessoa: Editora UFPB, 2020. 224 p. E-book Formato: PDF Requisito do sistema: Adobe Acrobat Reader ISBN: 978-65-5942-055-1 1. Ciência da informação. 2. Epistemologia. 3. Historiografia. 4. Comunicação científica. 5. Estudo métrico da informação I. Silva, Tiago José da. II. Freire, Isa Maria. III. Título.
UFPB/BC	CDU 02

Livro aprovado para publicação através do Edital Nº 01/2020/Editora Universitária/UFPB - Programa de Publicação de E-books.

EDITORA UFPB
Cidade Universitária, Campus I, Prédio da editora Universitária,
s/n João Pessoa – PB .• CEP 58.051-970

<http://www.editora.ufpb.br>
E-mail: editora@ufpb.br
Fone: (83) 3216-7147

Tiago José da Silva

Isa Maria Freire

Epistemologia e historiografia na ciência da informação

João Pessoa
Editora UFPB
2020

A Deus, a minha família e amigos.

Dedico.

Tiago Silva

Para meus pais, Inácio e Zilda,
in memoriam, dedico, com saudade.

Isa Freire

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da
Informação da Universidade Federal da Paraíba pela oportunidade
de desenvolver essa pesquisa.

Agradeço a minha família, Edneuza (mãe), José (pai), Avós (Emília e
Maria), irmãos (Tatiane, Timóteo, Tânia, Raquel, Edna e Ezequias)
pelo apoio emocional necessário.

Agradeço aos meus amigos Flavia Lima, Ana Lúcia Eustáquio,
Sônia Coimbra, Gabriela Ortega, Eri Dias, Liana Lopes, Karla Farias,
Marcilania Barbosa, Altamira Vilela e Fátima Lucena
pelas valiosas contribuições.

Tiago Silva

APRESENTAÇÃO

Compartilhamos, na presente edição, os resultados da pesquisa mais completa sobre a produção científica em Epistemologia e Historiografia na Ciência da Informação. Nossa afirmação se fundamenta tanto na extensão dos dados apresentados e discutidos, quanto na abordagem teórico-metodológica adotada.

Aqui, não apenas discutimos a Lei de Bradford, que estabelece o núcleo da área de dispersão em uma dada temática; nem a Lei de Lotka, sobre a distribuição dos autores e sua produtividade; ou a Lei de Zipf, ou lei do mínimo esforço, que versa sobre a frequência das palavras em um dado texto; ou, ainda a afirmação de Solla Price de que 1/3 da literatura científica, em uma dada área, é produzida por apenas 1/10 dos autores produtivos.

Na pesquisa, esses enunciados fundamentais da Bibliometria, Cientometria e Informetria, áreas relevantes da Ciência da Informação, são aplicados a um significativo conjunto de dados e seus resultados são discutidos e analisados.

Convidamos à leitura de uma caçada no território da literatura, em busca do grupo de elite e a frente de pesquisa de um campo científico. Certamente há um mapa para transitar nesse território, e ele está logo a seguir, no Sumário. Vamos?

Os Autores

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
1 INTRODUÇÃO	9
2 TECENDO A REDE CONCEITUAL.....	19
2.1 Sobre Epistemologia e Historiografia na ciência da informação	19
2.2. Comunicação científica e Estudos Métricos da Informação....	45
3 PARADIGMAS E INDÍCIOS	63
3.1 Nas trilhas da pesquisa	63
3.2 O mapa da pesquisa.....	68
4 O “CAÇADOR DO INVISÍVEL”	76
4.1 A produção e os autores do GT1	78
4.2 Buscando informações na Brapci	85
4.3 O grupo de elite a partir do GT-1 e da Brapci	120
4.3 O grupo de elite a partir do GT-1 e da Brapci	143
4.4 Autores do grupo de elite da pesquisa	170
5 CONTEXTO FINAL.....	200
REFERÊNCIAS	208
SOBRE OS AUTORES	224

1 INTRODUÇÃO

As áreas científicas estabelecem, dentro de seu escopo de abrangência, o interesse por metainformações acerca de seus próprios preceitos epistemológicos, no intuito de perceber como, ao longo do tempo, os movimentos culturais, sociais, políticos e científicos constituíram seus objetos, teorias, sujeitos e metodologias. Em outras palavras, as ciências formam grupos de pesquisa/trabalho que evidenciem a importância de conhecer a sua episteme.

A Ciência da Informação, considerada uma ciência relativamente nova e classificada como uma ciência social, tem em seu escopo uma discussão interna em relação ao seu enquadramento dentro dos moldes científicos. Pois há uma vertente que segue a linha positivista, a qual, por sua vez, internaliza todas as características desse modelo como a “a explicação como sinônimo de simplificação, a quantificação, a busca por regularidades e leis e o conseqüente apagamento das singularidades” como apontou Araújo (2009, p. 203).

Mas, ao seguir essa linha de raciocínio, têm-se certas limitações quanto às reflexões teóricas, discussões acerca do conceito de informação e percepções empíricas das pesquisas. Diante do exposto, surge outra corrente teórica que tenta incorporar a complexidade, permitindo capturar “aquilo que o método não dá conta de apreender: a informação subjetiva, dotada de sentidos diversos e inserida no terreno da experiência histórico-cultural” (ARAÚJO, 2009, p. 2003).

Sendo dessa maneira, o estudo sobre a epistemologia é muito importante para a Ciência da Informação, pois, segundo Rendón

Rojas (2008), permite encontrar a identidade, criar um corpo conceitual claro e definido, mantendo relações interdisciplinares. Toda epistemologia envolve identificação de objeto, metodologia e teorias, partes que compõem o que vem a ser ciência.

A Ciência da Informação constrói seu conhecimento observando a informação, muitas vezes de forma interdisciplinar, como pode ser visto na área de Organização do Conhecimento, que recorre à Linguística e à Terminologia, entre outras, para elaborar normas que regem as atividades relacionadas àquela disciplina.

Para observar o campo científico da Ciência da Informação, foi criado, pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB), um Grupo de Trabalho (GT-1), denominado Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação, grupo esse que se preocupa com a constituição do referido campo e de suas questões epistemológicas. O GT-1 coordena as comunicações e resumos expandidos apresentados no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), posteriormente publicados nos Anais.

Outro instrumento utilizado pelas instituições hegemônicas da área é constituído pelos periódicos científicos especializados que, no caso desta pesquisa, são aqueles indexados na Base de dados da Ciência da Informação (Brapci). Todos esses dispositivos são responsáveis pela disseminação discursiva, como diz Foucault (1999), em prol do que consideram certo e compatível com os interesses da área, decretando seu conceito e quem pode falar em nome dessa área.

Tanto os periódicos quanto os anais do GT-1 fazem parte de uma construção coletiva de conteúdo/ informação/conhecimento

que pode estimular à competição entre seus colaboradores, mas que objetiva consolidar parcerias e relações de interdependência, ou seja, uma cooperação entre os atores que atendam interesses individuais, institucionais e/ou coletivos. Esses dispositivos podem ser considerados como espaços de discussão e debate, onde os atores se oportunizam a discutir pressupostos teóricos e metodológicos, podendo construir e/ou reconstruí-los com defesa pública.

Saber como essa cadeia de produção literária acerca da temática epistemológica e historiográfica da Ciência da Informação se comporta torna-se necessário para identificar os elementos que mais se destacam na referida área para, assim, traçar políticas que evidenciem tanto as questões positivas quanto as que corrijam algumas desconformidades situacionais presentes em qualquer sistema de produção e comunicação científica. Além da possibilidade de se ter artefatos que consigam descrever a área com grande profundidade, permitindo, assim, que os pesquisadores possam ter uma visão de como se dão as relações no processo dessas produções científicas.

Quando se trata de epistemologia estuda-se a construção do conhecimento, e essa ação dentro da Ciência da Informação permite conhecer o pensamento científico da área e a construção dos conceitos, levando à concepção de como as bases teóricas foram fundadas e quais foram os métodos que permitiram as definições conceituais.

Dessa forma, ainda dentro dos objetivos da pesquisa cujos resultados são compartilhados, visa-se estudar as particularidades dos elementos que intervêm na produção científica acerca da

Epistemologia da Ciência da Informação, na literatura brasileira da área, tomando como partida o núcleo de pesquisadores que publicaram nos anais do GT-1 nos Encontros Nacionais de Pesquisa em Ciência da Informação, e nos artigos indexados na Base de Dados da Ciência da Informação, buscando os indícios que permitam identificar o núcleo geral epistemológico e historiográfico da Ciência da Informação no Brasil.

Para tanto, considerou-se como campo de pesquisa os anais do GT-1 dos ENANCIB (ANCIB); o Diretório dos Grupos de Pesquisas do Brasil (DGP) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); os currículos dos pesquisadores na Plataforma Lattes (CNPq); e os sítios virtuais dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil.

Para a descrição desses espaços de discussão, tomam-se os estudos acerca da produção e comunicação científica (MEADOWS, 1999; MUELLER, 2000) e os estudos métricos da informação (MACIAS-CHAPULA, 1998; VANTI, 2002; SANTOS; KOBASHI, 2009) como norteadores das estruturas conceituais da comunidade científica.

O problema da pesquisa foi direcionado à existência, na literatura da área, de poucos trabalhos no nível de dissertação e/ou tese que façam uma diagnose, pelos quais se permita a identificação dos movimentos que giram em torno da produção na temática Epistemologia e Historiografia da Ciência da Informação. Essa observação é tomada como forma de conhecimento e avaliação da relevância de termos, impacto de produção, repercussão, abrangência, pessoas e instituições, recursos e articulações.

As pesquisas do gênero dissertação sobre o GT-1 da ANCIB estão restritas a dois trabalhos. O primeiro é o de Nunes (2009), que reflete sobre o desenvolvimento das pesquisas e o avanço do pensamento científico da área da Ciência da informação a partir da fragmentação da ementa do GT-1 em sete categorias, nas quais foram classificados os 98 trabalhos até então publicados no referido GT, levando a autora a concluir que o GT-1 é um espaço propiciador de avanços sobre o pensamento científico da área e desempenha um papel fundamental no desenvolvimento do campo.

O referido trabalho motivou a pesquisa cujos resultados são aqui compartilhados, no sentido de dedicar atenção às necessidades que o campo demonstra e à percepção dos rumos tomados pelas pesquisas publicadas nos anais do GT-1.

O segundo trabalho foi desenvolvido por Lima (2017), que faz uma análise discursiva a partir do GT-1 do ENANCIB. A autora conclui que a institucionalização cognitiva e social tem o poder de ressaltar a opacidade da institucionalização científica, a qual é responsável e refém das próprias enunciações. A autora motiva esse trabalho ao defender que, para tirar o tema epistemologia da periferia da Ciência da Informação, é preciso investigar uma nova camada da comunicação científica, levando em consideração que os anais de eventos representam um nível de formalidade equivalente aos dos periódicos científicos, devido à sua institucionalização pelas sociedades científicas.

Freire (2008), ao fazer uma pesquisa exploratória sobre a produção científica brasileira, na temática “Epistemologia da Ciência da Informação” a partir dos anais do GT-1 e periódicos indexados

na Brapci, conclui que a temática do GT-1 é um padrão que permite o elo entre os fios conceituais e institucionais da Ciência da Informação. Esse trabalho é um dos raros trabalhos encontrados que utilizam a Brapci na procura de artigos epistemológicos e historiográficos da área. O trabalho da autora justifica a pesquisa que foi realizada, ao dizer que é necessário desvendar as redes de relações institucionais e interpessoais “subjacentes aos processos de produção e comunicação científica, as fontes de informação que alimentam os processos de construção e reconstrução do conhecimento, as redes de citações, que reúnem e entrelaçam antigos e novos conceitos” (FREIRE, 2008, p. 28-29).

Na literatura epistêmica da área, percebe-se que a Ciência da Informação consegue penetrar nas produções das outras áreas sem nenhuma dificuldade e os questionamentos atualmente estão voltados para a construção de uma filosofia específica da Ciência da Informação, como já aponta Rabello (2012), pois por meio dessa filosofia se chegaria a algumas reflexões para possíveis soluções das problemáticas dentro dessa ciência.

Contudo, os estudos sobre como os cientistas da informação produzem conhecimento ainda não receberam um aprofundamento de análise numa visão epistemológica, a partir da percepção de como se dá a construção das relações sociais e da produção científica, numa espécie de estudo “metaepistemológico”. Percebe-se que os estudos disponíveis estão voltados para a formulação de teorias, técnicas, métodos e conceitos, ou até mesmo à aplicação dessas em uma determinada realidade, ou, ainda, voltada às classificações paradigmáticas.

Essas pesquisas ainda trabalham os aspectos bibliométricos-cientométricos nos contextos de publicações de periódicos relacionados ao tema epistemologia da Ciência da Informação.

A produção científica sobre o tema está restrita à regularidade de um grupo de pesquisadores, mesmo tendo passado 312 pesquisadores no GT-1 da ANCIB, no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, segundo pesquisa *in loco*. Nesse sentido, González de Gómez (2007) já havia apontado que há uma rotatividade no referido GT-1.

Em outra pesquisa *in loco*, fez-se uma busca na Brapci com os seguintes descritores temáticos: Historiografia, Historiografia e Ciência da Informação, Epistemologia, Epistemologia e Ciência da Informação. Nos resultados apresentados, apenas um autor transita entre historiografia e epistemologia da Ciência da Informação. Percebeu-se também que há uma grande dispersão de autores, além de problemas na recuperação com os referidos descritores, trazendo trabalhos que não tratam de fato da temática, ou apresentando ausência de pesquisadores que trabalham a temática, mas que não foram recuperados.

Diante dessas situações, é necessário entender o porquê de apenas um pequeno grupo de pesquisadores manter regularidade nas publicações em anais do ENANCIB e em periódicos indexados pela Brapci, e como se dão as relações entre os pesquisadores dessa temática. Foi assim que foram tomadas como indagações norteadoras da pesquisa, os seguintes pontos:

- Quais pesquisadores mantêm regularidade na publicação sobre a temática Epistemologia e Historiografia da Ciência da

Informação, em anais do GT-1 do ENANCIB e em periódicos indexados pela Brapci?

- Conforme essas fontes, quantos artigos foram escritos, por um autor e em coautoria, quais autores escreveram e em quais circunstâncias?
- Quais periódicos indexados pela Brapci publicaram trabalhos desses pesquisadores, acerca da temática Epistemologia e Historiografia da Ciência da Informação?
- Os pesquisadores que publicaram nos anais do GT-1 do ENANCIB e nos periódicos indexados na Brapci estão vinculados a programas de pós-graduação em Ciência da Informação?
- Quais as relações entre os pesquisadores da temática?

Acredita-se que, respondendo a essas questões, possivelmente será possível desenhar um panorama de como se relacionam os autores e estudos acerca da Epistemologia e Historiografia na Ciência da Informação no Brasil.

A pesquisa se justifica, também, nas palavras de Duarte (2003), quando aponta para importância da realização de estudos que evidenciem a produção científica, pois permite que se faça um mapeamento das contribuições, dos déficits e das necessidades nas diversas áreas do conhecimento científico, além de permitir a formulação de indicadores que subsidiem políticas de pós-graduação.

A investigação acerca do núcleo de pesquisadores da episteme da Ciência da Informação, permitirá perceber como a produção colaborativa dessa temática tem sido construída e promovida, no Bra-

sil. Nas palavras de Corrêa (2012), é importante estudar a construção, publicação e disseminação de artigos de forma coletiva, uma vez que possibilita o desenvolvimento em diversas áreas, como econômica, tecnológica e social, já que os relatos de experiências permitem o aperfeiçoamento de técnicas, produtos e serviços em vários domínios do conhecimento.

Mas, nessa estrutura de produção e comunicação científica, há uma luta coletiva pelo domínio do discurso, como abordado por Bourdieu (1983), de modo que existem as relações de poder institucionalizadas na organização de grupos de pesquisa, de programas de pós-graduação, de corpos editoriais e redes de colaboração científica.

Para compreender essa estrutura, adota-se uma abordagem que indaga acerca da unicidade ou pluralidade das verdades disseminadas dentro da estrutura do campo.

Diante disso, acredita-se que a pesquisa poderá contribuir para identificar o grupo de pesquisadores que trabalham nessa temática com certa regularidade e descrever as relações estabelecidas na rede de colaboração.

A partir dos pressupostos apresentados, foram formuladas três hipóteses de trabalho sobre a problemática, as quais foram verificadas, como se pode ler no capítulo 4 desta publicação:

H1 - Os indícios de produção científica acerca da temática historiografia e epistemologia no campo da literatura da Ciência da Informação permitem inferir que há um grupo pequeno de pesquisadores que trabalha regularmente o tema no Brasil;

H2 - Nesse grupo, alguns pesquisadores têm seus trabalhos de tese e dissertação relacionados à temática; outros

pesquisadores passaram a trabalhar a temática com a publicação de artigos derivados de grupos de pesquisa, nos anais do GT-1 do ENANCIB ou através de outros canais de comunicação científica reconhecidos;

H3 – O núcleo de pesquisadores/autores que mais publicam nos anais do GT-1 tem uma composição diferente do núcleo de pesquisadores/ autores mais evidentes nos artigos indexados na Brapci.

Nesse sentido, o objetivo geral da pesquisa foi investigar a produção literária no campo da Ciência da Informação, a partir das comunicações científicas dos estudiosos da temática epistemologia e historiografia da área.

2 TECENDO A REDE CONCEITUAL

Apresentam-se, a seguir, os fios conceituais com os quais se tece um contexto sobre Epistemologia e Historiografia, tanto na literatura geral quanto na especificidade da Ciência da Informação, destacando a comunicação científica, os estudos bibliométricos, cientométricos e informétricos.

Para tratar do tema comunicação científica, descreve-se, com o auxílio da literatura da área, como se dá o processo dessa comunicação e como se caracterizam os principais canais formais e informais, além de verificar como se formam as redes sociais científicas na Ciência da Informação, especificamente no GT-1 da ANCIB e nos artigos indexados na Brapci. Na busca aos dados, será necessário abordar os estudos bibliométricos, cientométricos e informétricos, a fim de utilizá-los como método de tratamento de dados.

2.1. Sobre Epistemologia e Historiografia na Ciência da Informação

Apesar de caminharem juntos nos constructos teóricos e metodológicos de uma ciência, os termos epistemologia e historiografia têm valores semânticos diferenciados. A base etimológica do primeiro é de origem grega, *episteme*, que se refere aos preceitos reflexivos acerca da verificação da verdade, da natureza científica, das relações entre os atores sociais e os objetos da matéria disciplinar. Segundo o dicionário Aurélio (2017, *on line*), é o ramo filosófi-

co “que se ocupa dos problemas que se relacionam com o conhecimento humano, refletindo sobre a sua natureza e validade”.

Já historiografia é um termo que remete à descrição de eventos ocorridos e que, de acordo com o dicionário Aurélio (2017, *on line*), está relacionado à “arte de escrever a história”, ou ao estudo crítico acerca dos historiadores. Sua origem etimológica vem da composição “história + grafia”, o que significa, denotativamente, *história escrita*.

Para adentrar na verificação conceitual desses termos no campo da Ciência da Informação, é mister a compreensão das discussões acadêmicas acerca deles no âmbito mais geral. Dessa forma, tomam-se como empréstimos os conceitos trabalhados em algumas áreas do conhecimento, como a Filosofia e a História.

Nesse sentido, parte-se do ponto em que a Epistemologia é um ramo da Filosofia e estuda o conhecimento humano, utilizando Grayling (1996) para verificar quais são as questões de interesse dessa área. Nesse sentido, segundo o autor, tem-se:

- ✓ O que é conhecimento?
- ✓ Como se pode alcançá-lo?
- ✓ Podem-se construir meios que permitam defendê-lo diante do ceticismo?

O trabalho epistemológico caminha para responder a essas e a outras questões derivadas destas.

O termo *epistemologia* foi cunhado pelo filósofo James Ferrier, em 1854, com o intuito, segundo Mazzotti (2013), de substituir a Filosofia da Ciência, mesmo sendo esses dois termos usados como sinônimos em muitas situações, principalmente pelos britânicos e pelos seguidores destes.

Essa pesquisa se aproxima de Mazzotti (2013), quando concebe a Epistemologia como estudo do modo de criação do conhecimento, já que o referido autor argumenta que os problemas epistemológicos têm origem e são consequentes de alguma metodologia de pesquisa. Vale salientar que Maszotti (2013) direciona a discussão para a constituição de uma epistemologia das ciências da educação. Por isso, a epistemologia viabiliza a produção de algum conhecimento confiável sobre alguma temática, além de examinar as crenças com intuito de corroborar ou rejeitá-las. Com efeito, há a apresentação das próprias insuficiências, tentando elaborar proposições que sejam compostas por vias de soluções (MAZZOTTI, 2013).

Para o filósofo Dancy (1985), na perspectiva cognitiva, a Epistemologia é o estudo do direito às crenças de que se dispõem. Dessa forma, para o autor, posturas cognitivas são a crença e o conhecimento. Ainda são, por outro, as atitudes em relação às estratégias e métodos de que se fazem uso para obter novas crenças, ou abandonar as antigas, o que pode permitir novos produtos e métodos oriundos dessas ações.

Na abordagem de Fumerton (2014, p. 16), a crença também pode ser vista como uma ação e

[...] podemos ter razões para crer de modo análogo ao qual temos razões para agir de determinada maneira. [...] Crer parece ser também o tipo de coisa que pode levar aquele que crê a alcançar determinado objetivo ou fim.

Dessa forma, a razão que pode estimular o epistemólogo da Ciência da Informação, por exemplo, é a tentativa de tornar provável uma proposição que acredite ser verdadeira.

Trazendo essas concepções para mais próximo da Ciência da Informação, tem-se a visão de Wilson (2008), quando conceitua Epistemologia como uma questão de acreditar em algo verdadeiro sobre o mundo, de modo que toda pesquisa tem uma posição epistemológica, ainda que o pesquisador não esteja consciente disso.

A partir desse conceito, Silva, Freire e Oliveira (2017) acreditam que, dentro das ciências, a epistemologia está associada às técnicas, métodos, teorias e conceitos de que se fazem uso para a construção do conhecimento. Já para Souza (2011), epistemologia oferece a possibilidade de realizar o estudo e desenvolver a compreensão do progresso do conhecimento da ciência, em seu dinamismo e complexidade.

Para Freire e Silva (2012, p. 162),

[...] entender a configuração do campo científico de uma disciplina do conhecimento é deliberar propostas sobre sua essência e/ou sobre mecanismos que atestam essa essência.

Assim, estudar a Epistemologia de uma área de domínio da Ciência é conhecer sua identidade e suas funções como campo científico.

Nesse percurso expositivo, Japiassu (1988, p. 16), um dos autores dos quais a Ciência da Informação mais se aproxima no tocante a suas perspectivas epistemológicas, define Epistemologia como

[...] estudo metódico e reflexivo do saber, de sua organização, de sua formação, de seu desenvolvimento, de seu funcionamento e de seus produtos intelectuais.

Japiassu (1988), apresenta três denominações epistemológicas:

- a *epistemologia específica*, que se refere à historiografia da construção e aplicação de teorias no contexto científico;
- a *epistemologia particular*, que objetiva fazer uma análise crítica e intrínseca dos fundamentos teóricos e metodológicos da referida disciplina;
- a *epistemologia global*, que analisa o comportamento natural de uma ciência, no intuito de determinar o que cabe ao sujeito e ao objeto, recorrendo a outras ciências e epistemologias.

Já a classificação proposta por Hjørland (2002), autor da área da Ciência da Informação, oferece um modelo com quatro escolas epistemológicas, a saber: Empirismo, Racionalismo, Historicismo e o Pragmatismo.

O Empirismo atenta para os dados, fazendo a percepção hermenêutica da problemática; o Racionalismo se fundamenta na lógica, nos modelos matemáticos, nos modelos computacionais e sistemas de axiomas, definições e teoremas, de forma que os dados devem estar organizados segundo esse fundamento, não podendo advir de experiência; no Historicismo, há o conhecimento prévio da pré-compreensão, das teorias, dos conceitos, dos contextos, dos desenvolvimentos históricos e perspectivas de evolução; e no Pragmatismo, as informações são vistas quanto aos seus objetivos, valores e consequências que envolvem o sujeito e o objeto de pesquisa (HJØRLAND, 2002).

A partir dessas percepções conceituais acerca da Epistemologia, cabe agora a exposição de algumas posições conceituais sobre

a Historiografia. No primeiro momento, é necessário fazer a distinção entre História e Historiografia.

Para Martins (2004), a História se configura como conjunto de acontecimentos, situações e fatos acontecidos; já o conceito de Historiografia está relacionado à produção dos historiadores. Diante disso, pode-se considerar a Historiografia como a escrita da história, o que para Morris *et al.* (1990), tem como função evitar a repetição de erros do passado, sendo importante na resolução de problemas de ordem metodológica e conceituais enfrentados no presente. Segundo esses autores, através da análise dos primórdios de determinadas questões tem-se a possibilidade de reconstruir as trilhas percorridas nas áreas do conhecimento.

Outro ponto importante abordado por Morris *et al.* (1990) diz respeito à identificação, por parte da Historiografia, das influências sociais, políticas, econômicas e pessoais sofridas por um cientista ou uma área da ciência.

Destarte, nos argumentos de Cruz (2006, p. 163),

[...] a historiografia é uma disciplina preocupada com a pesquisa histórica em si; em como fazer a coleta de dados; quais os critérios de escolha dos dados; como analisar; qual orientação teórica utilizar.

Pode-se considerar a Historiografia como a observação crítica da História por meio de fatos e marcos enaltecidos na história da humanidade. Dessa forma,

A história se encarrega de situar em qual medida a produção científica responde as questões do seu tempo. E a difusão da história da ciência e da tecnologia torna-se um campo de conhecimento que

se atualiza, ao dialogar com uma nova temporalidade, resultado [...]. Cada época intitula os seus problemas e os seus objetos, sem comparação a difusão no mundo contemporâneo, enriquecida a diversidade social e epistemológica, aos valores e aos meios de acesso a produção de saber, que é quase simultânea. (BELENS; PORTO, 2009, p. 25-26).

Belens e Porto (2009) ainda argumentam que a Ciência desempenha uma função estratégica de compreender os processos de modernização da sociedade, sendo que o historiador da ciência deve explorar as relações estabelecidas entre ciência, cultura e o seu tempo, e apresentando a verdade sob diversas formas, ressaltando que nem todas as formas são compatíveis entre si.

Nesse contexto, a historiografia da Ciência da informação se direciona para os relatos dos fatos a partir da perspectiva de quem investiga a sua história. Ou seja, a cultura da comunidade científica é parte intrínseca da composição do universo histórico e cultural dos atores sociais das áreas de domínio desse campo (SILVA; FREIRE, 2018).

Ao longo de sua história, a Ciência da Informação vem construindo sua própria identidade, que gira em torno de sua estrutura teórico-metodológica. Foucault (1999) aponta para a identidade como um construto de relações de forças em um determinado período histórico. A identidade, assim, está relacionada a um sujeito, neste caso a Ciência da Informação, e não a um objeto.

Desse modo, a identidade da Ciência da Informação pode ser vista como uma complexidade inerente às novas ciências surgidas no século XX, o que lhes permite um comportamento camaleônico, como pode ser visto nos paradigmas da Ciência da Informação

apontados por Capurro (2003), que sugerem que esta ciência se comporta, em relação ao seu objeto de estudo, de acordo com o momento histórico.

Desde o final do século XX, a Ciência da Informação está diretamente ligada ao fenômeno da explosão informacional, o qual possibilitou grandes transformações na sociedade com a evolução das ciências e da tecnologia. Silva (2014, p. 23) entende a explosão informacional

[...] como o crescimento da informação disponibilizada, ou seja, quando o processo de geração, disseminação, acesso e uso da informação foi impulsionado por meio da tecnologia, o que se somando a outros fatores acarretou numa inefável produção de informação. A informação, na sua grande parte, não estava mais restrita aos pequenos seletos grupos, agora ela pode ser acessada por outros indivíduos que podem produzir outras informações a partir daquela.

Assim, com relação ao objeto *informação*, conforme Capurro e Hjørland (2007), a Ciência da Informação tem se voltado para a observação da relevância do fenômeno e a sua interpretação como aspectos básicos do seu conceito. No entanto, no seu percurso teórico-conceitual, a Ciência da Informação passa pela complexidade dos problemas relacionados ao seu objeto de estudo, pois este é trabalhado em várias áreas dos domínios, cabendo à Ciência da Informação, conforme Kobashi e Tálamo (2003), determinar qual o seu papel frente à relevância sociopolítico econômica da informação, elaborando conceitos que contribuam para o entendimento do seu objeto de estudo e proposição de alternativas compreensivas do fenômeno informação.

No processo de compreensão do que se constitui a Ciência da Informação, faz-se necessário perceber os processos sociais, políticos, históricos, econômicos e ideológicos subjacentes ao seu desenvolvimento. Dessa forma, pode-se verificar sua estruturação, institucionalização e suas contribuições para o desenvolvimento da sociedade e da ciência.

Isso posto, passa-se a investigar os contextos históricos e conceituais para a Ciência da Informação, com intuito de estabelecer relação entre seus momentos históricos e sua epistemologia.

Quanto a sua gênese, existe um embate na Ciência da Informação. Para alguns autores, esta ciência surgiu no período da Segunda Guerra Mundial (BARRETO, 2002; RABELLO, 2008; SARACEVIC, 1996); para outros (MATTELART, 2002; FIGUEIREDO, 1996; ORTEGA, 2004; RAYWARD, 1997), a preocupação com o processo informacional já existia bem antes do fenômeno da explosão informacional.

Para os que remontam o início da disciplina aos meados do século XIX, tem-se como marco o início dos estudos sobre os métodos para o tratamento informacional. Assim, têm-se o Sistema de Classificação Decimal de Mevil Dewey e o Movimento de Documentação de Paul Otlet e Henri La Fontaine, datados de 1876 e 1890 respectivamente.

Considerado o pai da documentação, Paul Otlet, juntamente com Henri La Fontaine, estudou em detalhes as tecnologias e os serviços bibliográficos disponíveis à sua época, o que resultou, conforme Rayward (1997), no aumento da cooperação e padronização na preparação de publicações bibliográficas.

Em 1895, os dois visionários fundaram o Instituto Internacional de Bibliografia - IIB que, segundo Mattelart (2002), tinha o intuito de estudar os pontos concernentes ao Livro e à organização sistemática da Documentação em bases internacionais e universais. O que faz Figueiredo (1996) defender que o Tratado de Documentação, sendo documentação um neologismo da época inserido por Otlet, um dos primeiros textos da Ciência da Informação. O conceito de documentação está relacionado a todos os produtos informacionais surgidos e expandidos com a revolução industrial, que não eram considerados materiais de biblioteca.

A partir da fundação do IIB, um catálogo começou a ser construído através da cooperação internacional. Esse catálogo, que em 1934 havia atingido a marca de 16 milhões de fichas bibliográficas, foi denominado *Repertoire Bibliographique Universel* (RBU) (NUNES, 2009). Para o catálogo, um sistema de classificação facetada foi criado pelos próprios Otlet e La Fontaine: o CDU – Classification Décimale Universél, baseado na Classificação Decimal de Mevil Dewey.

Otlet entendia que as informações extraídas do conteúdo de um livro, de seu autor e de sua intenção autoral, poderiam ser acumuladas em fichas e essas fichas agrupadas de maneira a refletir as afinidades envolvidas em cada assunto (RAYWARD, 1997). Segundo Freire (2006, p.10), ele acreditava que a ação de recuperar uma informação era capaz de operar a “comunicação intelectual, mudança social e paz mundial”, esperando que o acesso à informação “viesse a formar uma nova opinião pública internacional e democrática, recomendando, para a preparação dessa opinião, uma organização mundial da informação”.

Por isso mesmo, Rayward (1997) entende que o campo científico que viria a ser a Ciência da Informação já estava presente nas ideias de Otlet, uma vez que, ao conceituar a documentação, ele sugeriria uma nova disciplina intelectual à qual associa uma série de práticas novas e técnicas específicas.

Outra vertente aponta a gênese da Ciência da Informação na Biblioteconomia. Seguindo essa linha, Silva e Freire (2012) argumentam que quando a biblioteca pública ganha o status de instituição socializadora e de acesso ao público, cria-se uma marca identitária do que viria ser a Ciência da Informação, uma vez que, com a alfabetização dos cidadãos, havia a necessidade de técnicas organizacionais e de difusão da informação contida nos acervos bibliográficos. À vista disso, surgiram os catálogos, as bibliografias e outros instrumentos de organização da informação, que visavam aprimorar e ampliar seu acesso aos usuários.

Os autores elencam Gabriel Naudé e Melvil Dewey como idealizadores iniciais dos preceitos conceituais da Ciência da Informação. Para justificar essa concepção, entendem Naudé como visionário que imagina uma biblioteca que agregue todo o conhecimento do mundo, o que se assemelha aos objetivos de Otlet. Sua aproximação com o campo da Ciência da Informação está relacionada à organização, difusão e acesso irrestrito da informação, além do processo de recuperação de informação, quantidade e qualidade de livros em uma biblioteca.

Quando se procura em Melvil Dewey indícios para a Ciência da Informação, pode-se rerepresentar a CDD – Classificação Decimal de Dewey, criada em 1876 e que influenciou os processos de orga-

nização da informação até Otlet. A CDD é um amplo instrumento de organização do conhecimento, utilizado até a atualidade nas diversas bibliotecas espalhadas pelo mundo (SILVA; FREIRE, 2012). Nesse contexto, Souza (2015) defende que a Ciência da Informação se configura como ambiente de aprofundamento e atualização de alguns estudos e práticas bibliotecárias. No entanto, acrescenta-se que as perspectivas da Ciência da Informação também incorporam outras áreas como a documentação, arquivologia, museologia e gestão da informação.

Somando-se a essas concepções, tem-se a argumentação integradora de Ortega (2004, p. 10) de que a Ciência da Informação tem origem na bifurcação da Documentação/Bibliografia e da Recuperação da Informação:

É uma ciência social cujo objeto é a informação, tendo início no campo da informação científica e tecnológica, passando a atuar também com a informação para fins educacionais, sociais e culturais.

Outro discurso acerca da origem da Ciência da Informação é o de Pinheiro e Loureiro (1995), que diz que Nobert Wiener, na obra *Cybernetics or Control and Communication in The Animal and Machine*, em 1948, e, no ano seguinte, o livro de Claude Shannon e Warren Weaver, *The Mathematical Theory of Communication*, renunciavam o que viria a ser Ciência da Informação. Ainda em Pinheiro e Loureiro (1995), verifica-se que, em 1959, dá-se o primeiro uso do termo e que, na década de 1960, iniciam-se as exposições e formulações acerca dos conceitos e definições fundamentais para o construto teórico do novo domínio.

Um discurso que se materializa no percurso diferente do embate entre a Documentação e a Biblioteconomia, é de que a Ciência da Informação surgiu durante a Segunda Guerra Mundial, com uma imensa influência de cientistas norte-americanos. Esse quarto discurso pode ser remetido a Saracevic (1996) e a Barreto (2002), que dizem que o marco inicial dessa nova disciplina foi com a publicação do artigo *As we may think*, de Vannevar Bush, em 1945, no qual o autor apontou os entraves existentes para organizar e repassar à sociedade as informações sigilosas durante a Segunda Guerra Mundial.

O artigo de Bush apareceu primeiro em 1939, em uma carta ao editor da revista *Fortune*, teve sua histórica versão no periódico *Atlantic Monthly* e posteriormente a revista *Life* fez várias observações e chamadas sobre o trabalho. Isso era o máximo de exposição, que uma questão, nesse caso um problema de informação, poderia ter na mídia da época. **Vannevar Bush pode ser considerado o precursor da ciência da informação e 1945 a data fundadora, com a publicação de seu artigo;** ele indicou uma mudança de paradigma para a área de informação em ciência e tecnologia, que envolvia: profissionais, instrumentos de trabalho para armazenagem e recuperação da informação; argumentou sobre o desuso das condições teóricas da representação da informação para processamento e armazenagem e recuperação. (BARRETO, 2002, p. 69. Grifo nosso)

Segundo Barreto (2002, p. 69), Bush “introduziu a noção de associação de conceitos ou palavras na organização da informação”, apontou a intuição e as limitações existentes à época nos sistemas de classificação e indexação. As soluções identificadas por Bush eram a operacionalização associando os conceitos, ou seja, “como nós podemos pensar” (*As we may think*), no processo de armazena-

mento e recuperação da informação, e a formação do profissional da informação. Essa era vista como conservadora na época. Outro problema apontado por Bush era a literatura sobre a construção dos sistemas de organização da informação, que estava ultrapassada e errada, e para isso, propôs um apetrecho tecnológico que tinha como função o armazenamento e recuperação de documentos mediante associação de palavras (BARRETO, 2002).

Após essa breve exposição de alguns conceitos historiográficos acerca da gênese da Ciência da Informação, cabe a enumeração de marcos históricos ligados diretamente a essa ciência. Álvares e Araújo Júnior (2010) fazem um trajeto histórico da Ciência da Informação, cujos primeiros indícios na direção dos estudos da informação na sociedade são encontrados em meados dos anos 1970.

No Brasil, a narrativa historiográfica da Ciência da Informação está intrinsecamente ligada à Documentação, quando foi criado, em 1954, o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD). No entanto, foi a Biblioteconomia, segundo Nunes (2009), que teve um novo período no que se refere ao tratamento documentário através do IBBB.

Diante do exposto, o surgimento da Ciência da Informação pode ser considerado como soma de fatores/eventos que vêm se configurando na sociedade desde o final do Século XIX. Eventos esses que trazem em sua essência princípios inerentes à configuração do campo disciplinar dessa Ciência. Sendo assim, a gênese da Ciência da Informação pode ser encontrada nos objetivos de armazenagem e disposições das informações produzidas por todo mundo, nos adventos da explosão informacional, nos debates entre as áreas

da documentação/bibliografia, da recuperação da informação e da biblioteconomia.

No campo científico, a discussão sobre a classificação das áreas que “são ciências” ou “não são ciências” demandou, e ainda demanda, um dispêndio de energia social muito forte. Isso porque quem detiver o controle dos discursos científicos poderá fixar as regras do jogo, como apontou Foucault (1999, p. 36):

A disciplina é um princípio de controle da produção do discurso. Ela lhe fixa os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reutilização permanente das regras.

Desse modo, as ciências monopolizam o discurso que lhes pertence para estabelecer o que é dito e, assim, o que deve ser aprovado pelos pares.

A disciplina científica é um domínio de objetos e, segundo Foucault (1999, p.31), para que ela exista é necessária que exista a possibilidade de formulação indefinida de proposições novas, pois

[...] uma disciplina não é a soma de tudo o que pode ser dito de verdadeiro sobre alguma coisa; não é nem mesmo o conjunto de tudo o que pode ser aceito, a propósito de um mesmo dado, em virtude de um princípio de coerência ou de sistematicidade.

Logo, há, nesse conflito entre as disciplinas Biblioteconomia e Documentação/bibliografia, uma disputa pelo controle da produção do discurso científico. No interior dessas disciplinas há o reconhecimento de proposições verdadeiras e falsas, mas cada uma delas pode, teratologicamente, retirar de seus respectivos escopos o discurso que inviabilize suas hegemonias.

Assim se comportaram as Ciências Naturais, detendo o poder dos discursos científicos e estabelecendo os critérios para classificar uma área de domínio científico, conforme um modelo positivista no qual uma ação, para caracterizar-se como ciência, deveria ter uma justificação, método, metodologia, epistemologia, ontologia e filosofia, como explicitado por Rendón Rojas (2008).

As Ciências Humanas e Sociais travaram uma luta para receber o *status ciência*, localizando seus objetos fenomenológicos dentro de cada subárea desse esquema modelado. As duas grandes áreas têm como objeto de estudo a realidade humana, evitando, como aponta Rendón Rojas (2008), a mera descrição e atenção de converter o sujeito em objeto, proporcionando também a justificação de seu conhecimento com uma metodologia que fundamenta a verdade de seus enunciados.

Retomando Foucault (1999), cada época tem suas instituições às quais são dadas a hegemonia e as quais são responsáveis pela disseminação discursiva em prol do que consideram certo e compatível com seus interesses. Nesse sentido, o filósofo francês indaga quem são as instituições que decretam o que é ciência e quem pode falar em nome dela.

Logo, ao se inserir no contexto de qualquer ciência, não somente na Ciência da Informação, os cientistas que estão vinculados a instituições hegemônicas, que por sua vez disseminam discursos em prol do que consideram verdadeiro, têm o acesso à publicação de seus textos (carregados de discursos) nos meios que institucionalizam o poder, tais como os meios de distribuição da informação – periódicos, eventos, etc.

Destarte, conforme Bourdieu (1983), no campo científico se trava a luta pelo monopólio da competência científica, o que pode ser remetido ao domínio do discurso da área. Afinal, a ciência não é desinteressada, nem tão pouco a Ciência da Informação que, na maioria dos países, teve a sua institucionalização fomentada pelos Governos. Para Bourdieu (1983), os dominantes são os que conseguem impor uma definição da ciência e, dessa forma, exercem o poder sobre os discursos dos outros.

O campo científico é sempre o lugar de uma luta, mais ou menos desigual, entre agentes desigualmente dotados de capital específico e, portanto, desigualmente capazes de se apropriarem do produto do trabalho científico que o conjunto dos concorrentes produz pela sua colaboração objetiva ao colocarem em ação o conjunto dos meios de produção científica disponíveis. Em todo campo se põem, com forças mais ou menos desiguais segundo a estrutura da distribuição do capital no campo (grau de homogeneidade), os dominantes, ocupando as posições mais altas na estrutura de distribuição de capital científico. (BOURDIEU, 1983, p. 136)

Isso posto, entende-se que a ciência é um campo de trabalho social onde se torna mais evidente essa luta pelo domínio do discurso do outro, pois também envolve as questões políticas em que as ideologias a serem seguidas devem estar materializadas no discurso dos cientistas ditos influentes (dominantes), isto é, a ordem, as regras, o que não impede que sejam quebradas e refeitas, dependendo sempre do contexto que envolve os sujeitos sociais.

Nada obstante, todas as ciências, como argumenta Kuhn (2013), experimentam crises, rupturas e revoluções, construindo e reconstruindo paradigmas. Dessa forma, as ciências vêm evoluindo em conceitos e outros construtos epistemológicos. Fumerton (2014)

reforça esse argumento ao afirmar que a história da ciência é constituída pelos descartes de uma teoria após a outra. Ainda com Kuhn (2013), percebe-se que as interpretações se tornam discursos e, em determinado momento, se impõem às comunidades científicas, classificando-se como as mais rigorosas para a investigação de uma determinada área, sendo, ainda, aceitas como modelos de pesquisa – na fala de Kuhn (2013), como paradigmas. Para este autor, a noção de *episteme* se assemelha à de *paradigma*, pois o que é caracterizado como a ordem do progresso é identificado com a ordem do devir científico, em outras palavras, no processo de desenvolvimento de uma ciência há momentos em que a investigação é feita sem nenhuma teoria pré-estabelecida, dando origem a diferentes interpretações sobre o mesmo objeto (ALMEIDA, 2012).

Como em qualquer outra área do conhecimento, as relações de poder na Ciência da Informação são instituídas pelas organizações e organismos que fomentam a produção, a distribuição e o consumo dos conhecimentos produzidos na área. Os cientistas da informação não ficaram indiferentes às evoluções conceituais observadas nas ciências, principalmente nas ciências sociais e humanistas no século XX, tendo em seu campo de atuação o surgimento de várias problemáticas possibilitadas pelo mundo da tecnologia digital. Novos termos nasceram e com eles novos problemas conceituais, além de disputa entre as ciências pelo uso de tais termos.

Talvez, a epistemologia não dê conta de trabalhar essa relação de poder nos discursos da Ciência da Informação, contudo, qualquer percepção filosófica deve trabalhar a convergência entre os domínios que fundamentam a Ciência da Informação, abarcando as

facetas do fenômeno informacional e o espectro acerca dos conceitos, teorias e metodologias.

As discussões que cercam os conceitos da Ciência da Informação estão estritamente ligadas à sua função, sua história e sua natureza. Sendo assim, o que move esse domínio, segundo, Griffith (1980 citado por CAPURRO, 2003, *on-line*) é a preocupação com o processo de “produção, seleção, organização, interpretação, armazenamento, recuperação, disseminação, transformação e uso da informação”. Diante disso, pode-se afirmar que se trata de uma ciência que trabalha com as propriedades, comportamentos, relações, desenvolvimento e concepções conceituais da informação.

Nessa perspectiva, Borko (1968, p.3), sintetizando as definições apresentadas por Robert Taylor em 1963, nas conferências do Georgia Institute of Technology (GeorgiaTech), apresenta uma definição conceitual clássica da área, quando afirma que a Ciência da Informação

[...] é a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento informacional, as forças que governam os fluxos de informação, e os significados do processamento da informação, visando à acessibilidade e a usabilidade ótima. A Ciência da Informação está preocupada com o corpo de conhecimentos relacionados à origem, coleção, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação, e utilização da informação. Isto inclui a pesquisa sobre a representação da informação em ambos os sistemas, tanto naturais quanto artificiais, o uso de códigos para a transmissão eficiente da mensagem, bem como o estudo do processamento e de técnicas aplicadas aos computadores e seus sistemas de programação. É uma ciência interdisciplinar derivada de campos relacionados, tais como a Matemática, Lógica, Linguística, Psicologia, Ciência da Computação, Engenharia da Produção, Artes Gráficas, Comunicação, Biblioteconomia, Administração, e

outros campos científicos semelhantes. Têm ambos componentes, de ciência pura visto que investiga seu objeto sem considerar sua aplicação, e um componente de ciência aplicada, visto que desenvolve serviços e produtos.

Ainda nesse período, Goffman (1970, p.591) propõe uma perspectiva conceitual a partir da reunião de conceitos científicos das Ciências Naturais, Humanas e Tecnológicas com conceitos da própria Ciência da Informação:

O objetivo da disciplina de Ciência da Informação deve ser o de estabelecer um enfoque científico homogêneo para estudo dos vários fenômenos que envolvem a noção de informação, sejam eles encontrados nos processos biológicos, na existência humana ou nas máquinas criadas por humanos. Conseqüentemente, o assunto deve estar ligado ao estabelecimento de um conjunto de princípios fundamentais que direcionam o comportamento em todo processo de comunicação e seus sistemas de informação associados

Na década de 1970, o foco da Ciência da Informação muda para uma perspectiva mais social, estudando, na visão de Cardoso (1994) a historicidade dos sujeitos cognoscente e dos objetos cognoscíveis, a totalidade dos fenômenos sociais, a “tensionalidade” constante presente na sociedade. Assim,

[...] a realidade está permanentemente em movimento e em construção, e que todo processo de conhecimento é apenas uma possibilidade, dentre outras, de aproximação da verdade, consideramos que o objeto de estudo da área de informação deve ser apropriado tendo o social como referência. (CARDOSO, 1994, p. 111)

De modo similar, Wersig e Nevelling (1975) já apontavam que o fundamento da Ciência da Informação está na sua responsabi-

lidade social, pois sua função seria facilitar a transmissão do conhecimento para aqueles que dele necessitam. Isso permite afirmar que a Ciência da Informação seria uma ciência social que se preocupa em esclarecer problemas concretos no campo da informação, voltada para um sujeito social que busca informação. Entende-se, aqui, *informação* como um conceito intrínseco à sociedade moderna e que possui um valor científico, político, histórico e socioeconômico.

No entendimento de Pinheiro (2005), a Ciência da Informação é social e, também, de natureza interdisciplinar, de modo que seus pressupostos disciplinares tendem a definir suas fronteiras constituintes. Anteposto a essa colocação, Saracevic (1996, p. 60) já argumentava que as contribuições sociais da Ciência da Informação influenciaram a maneira como a informação é usada na sociedade, por meio da tecnologia, permitindo melhor

[...] compreensão para um rol de problemas, processos e estruturas associados ao conhecimento, à informação e ao comportamento humano frente a informação.

Dessa forma, a Ciência da Informação estaria direcionada a uma perspectiva social, constituindo-se como:

[...] um campo dedicado às questões científicas e à prática profissional voltadas para os problemas de efetiva comunicação do conhecimento e de seus registros entre os seres humanos, no contexto social, institucional ou individual do uso e das necessidades de informação. No tratamento destas questões são consideradas de particular interesse as vantagens das modernas tecnologias informacionais. (SARACEVIC, 1996, p. 47)

Para se definir alguns elementos da área, Rendón Rojas (2012) elenca três categorias para a Ciência da Informação:

- a) sujeitos – usuário, profissional da informação, autor, comunidade, entre outros;
- b) objetos – informação, documento, fonte, fundo, linguagem documental, unidade de informação, tecnologia da informação, entre outros;
- c) processos – geração de informação, coleta de informação, processamento de informação, armazenamento da informação, busca e recuperação da informação, disseminação da informação, uso da informação, leitura, educação ou formação de usuários, políticas de informação, avaliação e desenvolvimento de coletas, valorização dos documentos, entre outros.

Por sua vez, Bates (1999) destaca três questões em três categorias:

- a) paradigma físico – Quais são as características e as leis do universo, as informações gravadas?
- b) paradigma social – Como as pessoas se relacionam, buscam e utilizam informações?
- c) *design* – Como pode ter acesso a informações gravadas de forma mais rápida e eficaz?

Bates (1999), então, conclui que a Ciência da Informação não pode ser considerada apenas como um paradigma explícito do estudo da seleção, coleta, organização, acesso e recuperação da informação, deve-se considerar os elementos desarticulados também.

Em outro direcionamento, há um debate dentro da área sobre a interdisciplinaridade, uma vez que muitos autores exortam esse

comportamento da ciência da informação enquanto outros se posicionam contrariamente.

Na perspectiva interdisciplinar, Foskett (1980, p. 84) constrói o objeto de estudo da Ciência da Informação entrecruzando as perspectivas biblioteconômica, computacional, comunicativa, psicológica e linguística, sendo

[...] uma disciplina que surge de uma ‘fertilização cruzada’ de ideias que incluem a velha arte da biblioteconomia, a nova arte da computação, as artes dos novos meios de comunicação e aquelas ciências como psicologia e linguística que, em suas formas modernas, têm a ver diretamente com todos os problemas da comunicação – a transferência do conhecimento organizado.

Segundo Borko (1968) e Saracevic (1996), a Ciência da Informação é de natureza interdisciplinar — em outras palavras, ela estuda seu objeto aplicando métodos e técnicas próprias ou originárias de outras ciências.

A Ciência da Informação, no seu estado atual, parece ter um comportamento holístico e de unificação, fazendo com que surjam alguns novos conceitos como epistemologia social e alguns estudos da Ciência da Informação sendo referenciados em outras áreas do conhecimento. Nessa direção, Pombo (2003) define “interdisciplinaridade” como a convergência entre as disciplinas a partir de um olhar heterogêneo sobre determinado objeto, levando-se em consideração seus contextos de situações, realidades, hipóteses e objetivos.

Adepta da concepção da interdisciplinaridade, Pinheiro (1999, p. 156), como já mencionado, argumenta que a Ciência da Informa-

ção, além de interdisciplinar, é de natureza social e está “relacionada à tecnologia da informação e do novo papel da informação na sociedade e na cultura contemporânea”, ou seja, está preocupada com os problemas da sociedade atual que estão relacionados às questões como o acesso e uso da memória coletiva possibilitado pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC).

Nessa linha de pensamento, Rendon Rojas (2008) afirma que a interdisciplinaridade da área é complexa devido ao fenômeno do domínio (a informação), pois, para compreender a informação como objeto de estudo, é necessário apreender as interrelações e cooperação de algumas teorias. Assim,

[...] la interdisciplina [Ciência da Informação] NO es un invento o una moda, sino es respetar la realidad de un fenómeno para comprenderlo em sus diferentes facetas y de esta manera poder conorcerlo más o menos em su totalidad. Tampoco es la extrapolación de una visión científica de una disciplina a outra [...], ni el ocultamiento de la falta de identidad de una disciplina, la cual se esconde detrás de muchas ciencias sin ser realmente una de ellas. (RENDON ROJAS, 2008, p. 5)

Diferentemente dos demais pesquisadores, Zins (2011) redefina a Ciência da Informação como Ciência do Conhecimento, pois estaria direcionada para os aspectos do metaconhecimento do conhecimento objetivo, principalmente as questões tecnológicas e mediadoras, explorando os fenômenos, objetos e condições de facilidade do acesso ao conhecimento. Dessa forma, a Ciência da Informação estabelece sua fundação pela Epistemologia, Filosofia, Sociologia do Conhecimento e Metodologia Científica. Sendo assim, para Zins (2011, p.162),

[...] a Ciência da Informação é o ramo do conhecimento que estuda os aspectos tecnológicos e mediadores do conhecimento objetivo, ou seja, a produção, a representação, a organização, o processamento, a armazenagem, a disseminação e a recuperação do conhecimento.

Nessa abordagem, a informação é considerada um tipo de conhecimento, tendo o autor sugerido uma mudança de nomenclatura.

A partir da discussão acerca da epistemologia da Ciência da Informação, observa-se que essa Ciência tem dois grandes fundamentos, como apontou Souza (2011): o primeiro está relacionado à pretensão de unidade da ciência, e o segundo relaciona-se à colaboração desse campo científico no processo de domínio da informação. Desse modo, para compreender a Ciência da Informação alguns autores constroem uma reflexão acerca dessa Ciência por meio de paradigmas, abordagens, classificações periódicas, entre outras.

Para esse debate, Pinheiro (1997) distingue a Ciência da Informação em três períodos:

- na Fase 1 (1962-1969), quando se dá o surgimento do domínio e os primórdios discursivos acerca da origem, território, denominação, conceitos e definições;
- na Fase 2 (1970-1989), quando a área persegue a formação dos princípios, aspectos metodológicos e teorias da área, delimitando o terreno epistemológico, a inserção das novas tecnologias;
- A partir de 1990, tem-se a Fase 3, quando houve algumas consolidações acerca das denominações e princípios, métodos e teorias e as relações interdisciplinares.

Em outra vertente, Capurro (2003) compreende que a Ciência da Informação construiu seu conhecimento a partir de percepções

coletivas do que seria importante para direcionar os estudos, dividindo a historicidade da Ciência da Informação em paradigmas, modelos abstratos para compreensão das áreas de conhecimento. Remetendo a Kuhn, Capurro (2003) diz que o paradigma é uma crise que leva à revolução científica. Dessa forma, apresenta três paradigmas, que seriam responsáveis pelo construto teórico e metodológico da Ciência da Informação. São eles:

- o paradigma físico: que se refere à visão tradicional de informação como algo 'concreto', em alguma medida, passível de ser retirado de um lugar hipotético e colocado em outro, a informação seria simplesmente algo enviado de um emissor a um receptor;
- o paradigma cognitivo: que está relacionado à inserção do sujeito cognoscente no processo de aquisição do conhecimento;
- o paradigma social: que evidencia a informação como um construto social que contextualmente é fruto das relações sociais. Com essa concepção, nega-se a necessidade de informação como uma prioridade ou uma funcionalidade (CAPURRO, 2003).

Embora tenha percebido que existe uma linearidade cronológica direcionando os paradigmas, Capurro (2003) enfatizou que esse fator não é uma regra. Ele sugeriu uma influência cada vez maior das tecnologias modernas na Ciência da Informação. Outros autores, como Wersig (1993), se opõem à construção da epistemologia dessa ciência a partir de paradigmas, pois essa visão conduziria a trabalhos que não são, de fato, motivados por mudanças de paradigmas (crises, rupturas e revoluções) ou competição entre eles.

Para uma perspectiva paradigmática, Le Coadic (2004, p.109-111) apresenta sua visão epistemológica e, aludindo ao ciclo da informação (produção – comunicação – uso), apresenta quatro paradigmas que estão relacionados às revoluções referentes aos três tempos do ciclo.

O primeiro paradigma é o trabalho coletivo, que está inferido nas práticas informacionais e nas técnicas que permitem realizá-las. O segundo é o do fluxo que está relacionado à gestão documental, quando ocorre uma mudança de suporte, o que faz acontecer infinito número de estoque informacional, de maneira que se deve fazer, agora, é o gerenciamento dos fluxos “ininterruptos e diluvianos de informações e captar a informação relevante” (LE COADIC, 2004, p. 109). O terceiro paradigma é o do uso: está relacionado à revolução da passagem progressiva da ênfase no documento para a ênfase na informação, “de uma orientação ao sistema para uma orientação para o usuário” (LE COADIC, 2004, p. 110). O último paradigma é o do elétron, que está na mudança de suporte, de modo que modifica o “espaço-tempo da informação e que parece se estabelecer de modo duradouro [...] até a próxima revolução” (LE COADIC, 2004, p. 111).

2.2. Comunicação científica e Estudos Métricos da Informação

O campo científico da Ciência da Informação também se configura como estudo dos seus elementos de composição, como a produção e comunicação científica, as técnicas métricas da informação para apontar indicadores de produção, assim como os artefatos de

publicação das produções científicas da área. Dessa forma, apresentam-se os conceitos essenciais desses elementos nessa seção.

A comunicação científica é uma das mais relevantes temáticas abordadas no campo da Ciência da Informação, e isso acontece porque os cientistas da informação trabalham na vasta tipologia da informação, especialmente as informações sobre a produção científica. Na definição de Lourenço (1997), produção científica se caracteriza pela produção documental, independentemente do suporte, abordando temáticas de interesse de uma determinada área científica e promovendo o desenvolvimento da Ciência em sua episteme. Targino (2000, p. 10) corrobora com essa definição ao dizer que

[...] a comunicação científica é indispensável à atividade científica, pois permite somar os esforços individuais dos membros das comunidades científicas. Eles trocam continuamente informações com seus pares, emitindo-as para seus sucessores e/ou adquirindo-as de seus predecessores. É a comunicação científica que favorece ao produto (produção científica) e aos produtores (pesquisadores) a necessária visibilidade e possível credibilidade no meio social em que produto e produtores se inserem.

Nas palavras de Costa (2000), a pesquisa é principal atividade dos cientistas, independentemente da área de conhecimento, a qual necessita de mecanismos para comunicação dos resultados de suas investigações. Para Bastos (2005, p. 72),

Sem produção científica, a disseminação do conhecimento científico se torna limitada, dificultando o avanço da ciência. A disseminação da produção científica permite maior visibilidade aos estudos e pesquisas realizados, impulsionando o desenvolvimento intelectual e a geração do conhecimento.

Nesse sentido, Le Coadic (2004, p. 27) ressalta a importância das atividades científicas, tendo como o insumo para a comunicação e atividade científica a informação, sem as quais seria impossível o desenvolvimento de novos conhecimentos, de modo que

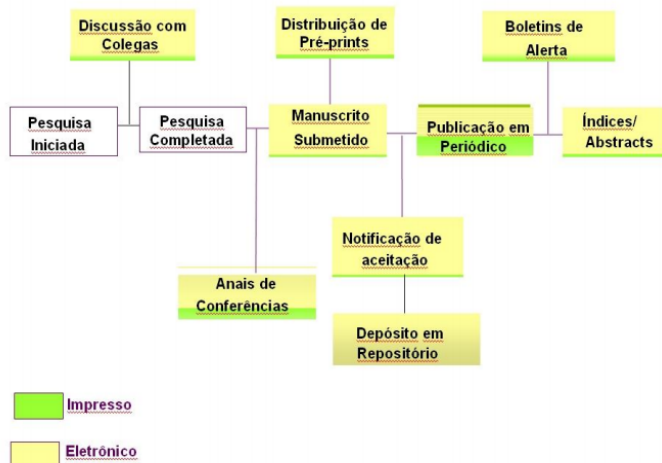
As atividades científicas e técnicas são o manancial de onde surgem os conhecimentos científicos e técnicos que se transformarão, depois de registrados, em informações científicas e técnicas. Mas, de modo inverso, essas atividades só existem, só se concretizam, mediante essas informações. A informação é o sangue da ciência. Sem informação, a ciência não pode se desenvolver e viver. Sem informação a pesquisa seria inútil e não existiria o conhecimento. Fluido precioso, continuamente produzido e renovado, a informação só interessa se circula, e, sobretudo, se circula livremente.

Quando se observa a história da comunicação científica, percebe-se que não há uma exatidão para o momento em que ela surgiu, contudo Meadows (1999) afirma que as discussões acadêmicas remontam a um lugar específico de Atenas, a Academia, na Grécia Antiga, onde se debatiam questões filosóficas. Mesmo na tradição da pesquisa comunicada, o autor argumenta que a Grécia Antiga também é referência, tendo à frente Aristóteles com seus debates presenciais no Liceu e em manuscritos.

Já no modelo tradicional desenvolvido por Garvey e Griffith, a comunicação da produção científica era voltada para o meio impresso, mas em 1979 sofreu alterações quando foram incorporadas as tecnologias da informação a esse processo. Esse modelo foi adaptado por Hurd, em 1996, quando as fases do processo de comunicação científica foram influenciadas pelas tecnologias da informação. Outra adaptação sofrida foi a integração dos meios im-

pressos e eletrônicos sugeridos por Costa, em 2008 (SCHWEITZER; RODRIGUES; RADOS, 2011).

Figura 1 – Adaptação: modelos de Garvey, Griffith e Hurd



Fonte: Costa (2008, p. 225)

Adiante, com o advento da internet e sua popularização, no final do século XX, formas inovadoras de publicação, por meio eletrônico, animam os pesquisadores, pois facilitam tanto o acesso quanto a divulgação de pesquisas realizadas no mundo inteiro, permitindo a maior circulação de textos e compartilhamento dos resultados das pesquisas quase que instantaneamente após a finalização da pesquisa.

O marco inicial na utilização dos meios eletrônicos para publicações científicas deu-se com o artigo *Scholarly Skywriting and*

the Prepublication Continuum of Scientific Inquiry, de Stevan Harnard, em 1991. Nesse artigo, aparece pela primeira vez o termo “skywriting” que, segundo Harnard, significa “escrever nos céus”, ou seja, dar visibilidade universal as publicações e permitir que todos tenham acesso e possam deixar suas contribuições (MUELLER, 2006). A partir de então, vários esforços foram feitos para que o acesso às publicações científicas fosse livre para todos.

Algumas iniciativas nesse sentido começaram a surgir, com destaque para os arquivos de *pré-prints* de Paul Ginsparg, em 1991, em Los Alamos (MUELLER, 2006). O sistema de Los Alamos permitiu que cientistas do mundo inteiro enviassem suas produções para um repositório central, ficando disponível para acesso (MUELLER, 2006).

No entanto, toda essa facilidade e abundância de trabalhos depositados na internet trouxe preocupações quanto à qualidade e validade dos materiais que circulam na rede, visto que uma das características mais relevantes da Ciência é a confiabilidade e a fidedignidade dos resultados, sendo que essa confiabilidade é o que separa o conhecimento científico do senso comum (MUELLER, 2000). Do leigo ao pesquisador mais renomado, todos buscam publicações que tenham o respaldo da ciência, que tenham passado por avaliações prévias para constatar o rigor da pesquisa em questão.

As primeiras publicações, ainda na década de 1990, “não foram, de início, recebidas como formas legítimas de certificação da ciência e comunicação científica” (MUELLER, 2006, p. 33), ainda assim, foram comemoradas, pois retiravam das mãos das editoras e dos membros avaliadores parte do poder, ou assim se pensava. No

entanto, como não seguiam os moldes tradicionais, as publicações eletrônicas enfrentaram a falta de legitimidade por parte da comunidade científica, já que a avaliação por pares não estava contemplada, a princípio (MUELLER, 2006).

O sistema de avaliação por pares consiste em avaliar previamente os artigos submetidos para publicação nos periódicos por pesquisadores especialistas que compõe o seletivo grupo dos mais prestigiados da área, que são denominados de “pares”. Embora seja o sistema avaliativo de maior destaque, o sistema de pares enfrenta algumas críticas (COSTA, 2000). A maior crítica refere-se à morosidade do processo avaliativo, criando um hiato de tempo entre a conclusão do trabalho e sua divulgação dos resultados nos meios de comunicação científica.

Ao utilizar as novas tecnologias eletrônicas de comunicação, buscava-se maior celeridade ao processo de avaliação sem, no entanto, perder a qualidade das publicações. O processo se tornaria mais rápido pois teria em cada pesquisador/leitor um avaliador em potencial. Muitas propostas foram apresentadas, como a avaliação de comentários pelos pares, que aconteceria após a publicação dos resultados, mas nenhuma delas foi aceita, pois não garantiam a qualidade dos artigos publicados como na avaliação pelos pares (PAVAN; STUMPF, 2009).

É importante destacar que, segundo Meadows (1999), a comunicação dos resultados da pesquisa de um cientista depende do meio empregado (periódico ou evento), da natureza das informações compartilhadas e do interlocutor (pesquisadores –usuários que buscam informações especializadas). Com base na observação

feita pelo autor, pode-se classificar os processos de comunicação científica como formais e informais, sendo os primeiros relacionados à apresentação para um público amplo, com a informação registrada e armazenada por muito tempo, dos quais o periódico científico é o melhor exemplo. Já o segundo processo está relacionado a um público mais restrito, limitado aos participantes de eventos em áreas científicas específicas, sendo, em sua maior parte, um processo oral ao qual se pode acrescentar a publicação de anais.

Para Le Coadic (2004), o processo informal não possui a mesma confiabilidade daquele em que a informação é comunicada através de periódicos, já que há a perspectiva dessa informação ser modificada na troca de informações pelos cientistas, durante o evento. Na mesma perspectiva, Mueller (2000a, p. 19-20) conceitua os mecanismos de comunicação científica esclarecendo que:

A comunicação informal utiliza os chamados canais informais e inclui normalmente comunicações de caráter mais pessoal ou que se referem à pesquisa ainda não concluída, como comunicação de pesquisa em andamento, certos trabalhos de congressos e outras com características semelhantes. A comunicação formal se utiliza de canais formais, como são geralmente chamadas as publicações com divulgação mais ampla, como periódicos e livros.

Nesse contexto, o GT-1 da ANCIB se configura como canal informal de comunicação científica, na medida em que as comunicações orais dos resultados de pesquisas permitem o debate sobre o conteúdo apresentado entre os pesquisadores, cujos resultados geralmente não são registrados; mas, do mesmo modo, pode ser visto como canal formal de comunicação científica, uma vez que os anais do ENANCIB não somente são publicados como também de-

têm registro no International Standard Serial Number (ISSN), tal como publicação periódica, sendo classificados como B1 pelo Qualis de Periódicos da Capes.

No entanto, os periódicos não têm como missão apenas a divulgação dos resultados de pesquisas. Segundo Mueller (2000a), a *Royal Society* atribui aos periódicos quatro funções: a primeira e original função dos periódicos é a comunicação dos resultados originais das pesquisas, especialmente para a comunidade científica; a segunda função refere-se à preservação do conhecimento registrado, pois “a preservação e organização dos periódicos, nas bibliotecas do mundo todo, garantem a possibilidade de acesso aos conhecimentos registrados ao longo do tempo” (MUELLER, 2000a, p. 71-72); a terceira função dos periódicos é a garantia da propriedade intelectual, registrando a autoria das descobertas científicas. Por último, os periódicos modernos possuem a missão de manutenção do padrão de qualidade na ciência e, dessa forma, as publicações nos periódicos respeitados conferem confiabilidade por passarem previamente pela avaliação de cientistas notáveis da comunidade científica.

No Brasil, os periódicos científicos são avaliados pela Capes segundo alguns critérios estabelecidos. Após a avaliação, os periódicos são classificados de acordo com o Estrato Qualis obtido para determinada área, observando que um periódico pode ter diferentes conceitos de acordo com área do conhecimento relacionado. Os Estratos Qualis variam em oito níveis (A1, A2, B1, B2, B3, B4, B5, C), sendo o conceito A1 o mais alto do sistema e o C o conceito mais baixo, que configura a pouca relação existente entre o periódico e determinada área ou o não atendimento aos critérios estabelecidos.

Destarte, no escopo da Ciência da Informação há um grupo de disciplinas que estudam a metrificação da informação denominado Estudos Métricos da Informação. Esses estudos envolvem a Bibliometria, que tem como objetivo estudar os aspectos quantitativos da produção, disseminação e uso da informação registrada; a Cientometria, que estuda os aspectos quantitativos da ciência enquanto uma disciplina ou atividade econômica; e a Informetria, que, por sua vez, estuda os aspectos quantitativos da informação em qualquer formato e referente a qualquer grupo social (MACIAS-CHAPULA, 1998; MARICATO; NORONHA, 2012)

O surgimento dos estudos métricos se dá em meados de 1930, voltados para a mensuração de livros, derivando o termo Bibliometria do trabalho de Paul Otlet, em 1934 (MARICATO; NORONHA, 2012). Segundo Gomes (2006), ao usar os preceitos bibliométricos identificam-se os indicadores das tendências de pesquisas e, ainda, apontam-se fragilidades das teorias e metodologias da produção científica, contribuindo, assim, para desenvolvimento de meios para ultrapassá-las. Os indicadores que mais se destacam são: número de trabalhos, número de citações, coautorias, número de patentes, número de citações de patentes e mapas dos campos científicos e dos países. A partir desses indicadores, têm-se os seguintes produtos, considerados por Noronha e Maricato (2008, p. 123) como outros indicadores:

- evolução quantitativa e qualitativa da literatura;
- obsolescência da informação e dos paradigmas científicos;
- dinâmica e estrutura da comunicação científica (principalmente formal);

- características e funções de diversos tipos documentais (literatura branca e cinzenta)
- ranking de publicações, autores, instituições, países, etc.;
- estudos de citação, fator de impacto;
- relações interdisciplinares, intradisciplinares e multidisciplinares na ciência;
- estudos de colaboração científica (principalmente baseados em coautoria);
- comportamentos de uso e crescimento do acervo em bibliotecas;
- evolução de disciplinas, subdisciplinas e novos conceitos;
- características de frequência de ocorrência de palavras em textos.

Os indicadores supracitados ajudam a avaliar a produtividade e a qualidade das pesquisas cujos resultados foram compartilhados pelos cientistas, com base no número de publicações e citações, e alguns deles são utilizados na presente pesquisa. Por sua vez, Vanti (2002, p. 155) elenca possibilidades com o uso das técnicas bibliométricas, o que permite avaliar a produtividade dos pesquisadores:

- Identificar as tendências e o crescimento do conhecimento em uma área;
- Identificar as revistas do núcleo de uma disciplina;
- Mensurar a cobertura das revistas secundárias; –

identificar os usuários de uma disciplina;

- Prever as tendências de publicação;
- Estudar a dispersão e a obsolescência da literatura científica;
- Prever a produtividade de autores individuais, organizações e países;
- Medir o grau e padrões de colaboração entre autores;
- Analisar os processos de citação e cocitação;
- Determinar o desempenho dos sistemas de recuperação da informação;
- Avaliar os aspectos estatísticos da linguagem, das palavras e das frases;
- Avaliar a circulação e uso de documentos em um centro de documentação;
- Medir o crescimento de determinadas áreas e o surgimento de novos temas.

Ainda em Noronha e Maricato (2008, p. 122), têm-se o detalhamento dos indícios a serem recolhidos, os quais serão observados nessa pesquisa. Sendo assim, no âmbito das pesquisas métricas,

[...] poderão ser estudados aspectos sobre a orientação, a dinâmica e a participação da C&T em escala internacional (através da comparação entre dois ou mais países), nacional (entre dois ou mais estados), local (entre instituições de uma mesma cidade ou região). Cada uma dessas categorias de análise pode ser subdividida e aprofundada, surgindo novas variáveis e abordagens, por campo de atuação (linhas de pesquisa), por pesquisadores (formação,

titulação), por colaboração (trabalhos em coautoria, sociabilidade entre os autores), assuntos, tipos documentais (periódicos, teses, dissertações, eventos, etc), instituições (universidades, centros de pesquisa, empresas), departamentos, cursos, disciplinas, etc.

No entanto, Santos (2003) ressalta que as ações e o comportamento dos cientistas estão diretamente ligados ao contexto e, dessa forma, esses fatores não são considerados neutros e nem extemporâneos. Assim, as ações são consideradas na concentração do labor representado nos aspectos da produção científica certificada, o que favorece, com seus resultados, o regime de produção econômica vigente.

Diante do exposto, é necessária a descrição das três dinâmicas tradicionais dos estudos métricos da informação. No primeiro momento, tem-se a Bibliometria, termo que, segundo Vanti (2002) e Maricato e Noronha (2012), foi utilizado pela primeira por Paul Otlet na obra *Traité de documentati n*, de 1934, mas cuja popularidade veio através de Alan Pritchard, em 1969, no Seminário anual do *Documentation Research and Training Centre (DRTC)*.

A referida disciplina trabalha com um conjunto de leis e princípios empíricos clássicos que são: a Lei de Lotka, que trabalha com a quantifica o da produ o dos autores contextualizada em um modelo de distribu o; a Lei de Bradford, que trabalha com a informa o veiculada em periódicos científicos, estabelecendo o núcleo importante e as áreas de dispersão sobre determinado assunto; e a Lei de Zipf, que mede a frequência das palavras em diversos documentos, gerando um  ndice de palavras relevantes em uma disciplina. (GUEDES, 2012; VANTI, 2011; SANTOS; KOBASHI, 2009).

A Lei de Lotka (Lei do Quadrado Inverso), de 1926, mede a distribuição do tamanho frequência dos diversos autores em um conjunto de documentos, ou seja, a produtividade dos cientistas. Sua premissa diz que uma grande quantidade de trabalhos científicos é produzida por um pequeno número de autores, enquanto um grande número de pequenos pesquisadores se iguala, no quantitativo em produções, ao pequeno grupo de autores (URBIZAGASTEGUI ALVARADO, 2008). Sua fórmula se dá: $Y=C/X^2$, onde Y é número de autores publicando número X de trabalhos e C é um valor constante para cada campo científico.

A premissa foi aperfeiçoada por Solla Price (1976), ao concluir que 1/3 da literatura é produzida por menos 1/10 dos autores mais produtivos e 60% dos autores produzem uma única pesquisa. Segundo, Araújo (2006), a partir daí Solla Price criou a Lei do Elitismo: o número de membros da elite corresponde à raiz quadrada do número total de autores, e a metade do total da produção é considerado o critério para saber se a elite científica é produtiva ou não.

Dessa forma, a Lei de Lotka ajuda o pesquisador a conhecer quais os autores mais importantes de uma determinada área, possibilitando que a pesquisa seja fundamentada naqueles que mais publicam sobre o assunto. De fato, isso leva ao elitismo como apontou Solla Price (citado por Araújo, 2006), pois bem se sabe que aquele que tem mais publicações também tem seus trabalhos mais facilmente aceitos para outras publicações.

Adiante, tem-se a Lei de Zipf (Lei do Mínimo Esforço), de 1949: quantifica a frequência do aparecimento das palavras em vários textos, o que forma ordenadamente uma listagem de termos de uma

determinada disciplina ou assunto. As palavras, quando listadas em ordem decrescente de frequência, implicam em que a frequência de uma palavra multiplicada seja considerada uma constante. Para se atingir esse princípio a equação é a seguinte: $r \times f = k$, onde r é a posição da palavra, f a sua frequência e k a constante. Assim, Zipf argumenta que existe uma economia do uso de palavras, e se o sujeito tem a tendência de usar o mínimo, significa que as palavras não vão se dispersar. Diante disso, uma mesma palavra será usada muitas vezes, o que se permite dizer que esses vocábulos indicam o assunto do documento (ARAÚJO, 2006).

A Lei de Zipf, portanto, relaciona a frequência de ocorrência de palavras em documentos, permitindo aos sistemas de indexação automática fazerem uma representação do documento e, no intuito da recuperação da informação, que o usuário se sinta satisfeito.

Prosseguindo com as exposições das leis informétricas, tem-se a Lei de Bradford (Lei da Dispersão): estabelece o núcleo e as áreas de dispersão sobre um determinado assunto em um mesmo grupo de revistas. Isso é feito a partir da mensuração da produtividade dos periódicos.

Seu princípio diz que quando os periódicos são colocados em ordem decrescente de produtividade de artigos em um determinado assunto, identifica-se um núcleo de títulos mais voltados ao tema e vários outros grupos/zonas que fazem a inclusão do mesmo número de artigos que o núcleo que detém a maioria dos títulos. Assim, para se ter o resultado, “o total de artigos deve ser somado e dividido por três; o grupo que tiver mais artigos, até o total de 1/3 dos artigos, é o “core” daquele assunto” (ARAÚJO, 2006, p. 15). Des-

sa forma, a Lei Bradford objetiva avaliar a produção e a área de concentração das publicações, possibilitando critérios na seleção de periódicos para uma dada área em uma determinada organização.

Voltando às disciplinas dos estudos métricos, tem-se a cientometria, que é um termo surgido na antiga União Soviética e designa a aplicação de métodos de mensuração para o estudo da ciência e do progresso tecnológico. Para Macias-Chapula (1998), a cientometria estuda os aspectos quantitativos da ciência enquanto uma disciplina ou atividade econômica. Assim, a cientometria, sob aspecto da sociologia da ciência, aplica-se no desenvolvimento de políticas científicas.

Ademais, têm-se indicadores quantitativos, que, para Taguet-Sutckiffe (1992), medem os incrementos de produção e produtividade de uma disciplina, grupo de pesquisadores de um domínio, delineando o crescimento de determinada área do conhecimento. Na perspectiva de Van Raan (1997), por meio dela se revelam os laços entre a ciência e a tecnologia, possibilitando o avanço do conhecimento e relacionando estas com as questões sociais e de políticas públicas. A cientometria se comporta de forma multidisciplinar, uma vez que seus métodos vêm, conforme Vanti (2002), das ciências naturais, sociais e comportamentais.

A Solla Price se reconhece o modelo que integrou a bibliometria e os estudos da atividade científica, tendo a formulação do campo teórico da Ciência da Informação e proporcionado o desenvolvimento dos estudos interdisciplinares (SANTOS, 2015, p. 327). Em Solla Price (1965), tem-se que os objetos empíricos da cientometria são os artefatos e os atores das ciências, numa perspectiva

cumulativa da ciência à qual se deu o nome de Efeito Mateus, significando, segundo Kroff e Lima (1999), que a quem mais tem mais lhe será dado.

Para a informetria, tem-se uma disciplina que amplia as fronteiras da bibliometria e da cientometria, tendo sido proposta pela primeira vez por Otto Nacke, em 1979. Seu conceito, por Macias-Chapula (1998, p. 134), é o estudo quantitativo da informação em qualquer formato

[...] e não apenas registros catalográficos ou bibliografias, referente a qualquer grupo social, e não apenas aos cientistas. A informetria pode incorporar, utilizar e ampliar os muitos estudos de avaliação da informação que estão fora dos limites da bibliometria e cientometria.

Segundo Wormell (1998), a informetria é um subcampo emergente da Ciência da Informação, combinando técnicas de recuperação da informação com estudos métricos dos fluxos da informação.

Percebe-se que, de acordo com os estudos métricos aqui apresentados, todas as informações quantificáveis advêm dos artigos científicos. Todavia, alguns outros pontos são investigados e tidos como indícios na elaboração de indicadores para mensuração da produção científica, além de serem considerados indicadores cientométricos, os quais são utilizados como pistas nessa pesquisa.

Segundo Vanti (2011), têm-se:

- **índice de citação:** proposto por Garfield, em 1955, constituído por uma lista em ordem alfabética de elementos bibliográficos e que é utilizada para determinar o reconhecimento de um autor na sua área de domínio, podendo também ser usado também para perceber o

prestígio de um determinado periódico;

- **fator de impacto:** um indicador que aponta a média de citações recebidas por um periódico para perceber o impacto na comunidade científica. Obtém-se esse fator pelo número de vezes quem o periódico foi citado e o número de artigos que ele publicou num período de tempo determinado.
- **índice de coautoria:** índice obtido por meio de técnicas de análise das relações de colaboração com intuito de verificar redes sociais colaborativas estabelecidas entre os atores, instituições, entre outros.
- **Índice-H:** um índice utilizado para quantificar a produtividade e o impacto dos trabalhos de diferentes pesquisadores. Foi criado por Jorge Hirsch, em 2005, e considera que “um cientista terá um índice H_n se tiver um número igual ou superior de citações ao número total de artigos publicados, para cada artigo” (VANTI, 2011, p. 24).

A partir do exposto, tem-se a perspectiva do processo de avaliar mensurando também, pois, como aponta Costa (2011), esse ato constitui

- uma questão ontológica, pois captura os números que estão na essência do objeto;
- uma percepção formal já que consiste na ação de atribuir símbolos que viabilizam a manipulação;
- uma questão de informação quando a mensuração consiste em realizar avaliações que atendem a dados objetivos.

Segundo o referido autor, pelo ato de mensurar se enfrenta o problema da subjetividade, pois esse problema do conceito institui dificuldades no entendimento baseado nas razões ontológicas. Sendo assim, fazer a mensuração de informações relacionadas à

produção e comunicação dos cientistas da Ciência da Informação que trabalham as questões epistemológicas e históricas dessa ciência, permite perceber como essa temática vem se configurando dentro do GT-1 da ANCIB e nos periódicos da área.

3 PARADIGMAS E INDÍCIOS

Neste capítulo serão apresentados os guias do processo de busca e análise dos indícios sobre a produção em epistemologia e historiografia na Ciência da Informação, no Brasil, quais sejam, os princípios do método indiciário de Ginzburg e a técnica do brauseio de Araújo, o percurso metodológico e as fontes de informação utilizadas, tais como os anais do GT-1 nos ENANCIB, os artigos indexados na Brapci e os dados da Plataforma Lattes.

Diante da combinação dos elementos teóricos com o objeto do estudo, sentiu-se a necessidade de fazer a pesquisa de campo sem um método fechado, de modo a não deixar o pesquisador engessado no próprio método. Dessa forma, optou-se pelo método do paradigma indiciário de Ginzburg (1989) que, no âmbito da Ciência da Informação, já foi usado em vários trabalhos pela pesquisadora Isa Maria Freire.

Alinhado a essa perspectiva metodológica, usou-se a técnica do brauseio (*browsing*) definida por Araújo (1994, p. 189) como “a arte de não se saber o que se quer até que se o encontre” e que, nas palavras de Freire (2014), é uma atividade de busca tendo como causa uma necessidade ou interesse de informação percebido.

3.1 Nas trilhas da pesquisa

O método do paradigma indiciário, apresentado por Ginzburg (1989), consiste num conjunto de princípios que atenta para os

detalhes, dados marginais, resíduos, pistas indícios, sinais, vestígios. Em uma linguagem metafórica, é o percurso em que se pode tomar no processo de tecelagem, seguindo fio a fio para criar o tecido, ou o método do caçador, que atenta para os vestígios da caça (pegadas, fezes, pelos) para criar a narrativa das causas e efeitos de sua passagem pelo território. Nas palavras de Ginzburg (1989, p. 170),

Trata-se [de remeter, a partir de] de adjetivos não-sinônimos, [...] a um modelo epistemológico comum, articulado em disciplinas diferentes, muitas vezes ligadas entre si pelo empréstimo de métodos ou termos-chave.

No contexto dessa pesquisa, trata-se de examinar os pormenores mais negligenciáveis e menos influenciados pela instituição à qual pertença o pesquisador. Quando os “rastros” não são suficientes para se criar a história, é mister atentar especialmente nos efeitos para reconstruir a narrativa, ou, nas palavras do autor supracitado: “Quando as causas não são reprodutíveis, só resta inferi-las a partir dos efeitos” (GINZBURG, 1989, p. 169).

A técnica usada no sistema de busca foi o brauseio que, segundo Araújo (1994), é uma estratégia que consiste em andar a esmo, ou deambular, colhendo *flashes* de qualquer tipo de informação. Para Naves (1998), o brauseio consiste numa atividade não orientada, não sistemática, casual, informal, não programada. Sendo assim, o termo é definido como uma busca que não necessita de critérios e objetivos pré-estabelecidos.

Conforme Araújo (1994), a forma de pesquisa pelo brauseio se dá por um processo de exploração visual, por meio do “acesso di-

reto” sem ajuda de um mediador. Dessa forma, o pesquisador deve encontrar por acaso o que lhe interessa.

Na perspectiva de Freire (2014), brauseio é uma atividade de busca derivada de uma necessidade ou interesse informacional percebido, o que, no âmbito da presente pesquisa, consiste em buscar pistas sobre as relações de colaboração na produção e comunicação de artigos que tratam da historiografia e epistemologia da Ciência da Informação, publicados nos anais do GT-1 nos ENANCIB e na literatura indexada pela Brapci.

Nessa mesma perspectiva, Hassan (2006) argumenta que o processo de brauseio se dá quando o usuário explora visual e espacialmente o conjunto de documentos, sem ter a necessidade de expressar previamente quais são suas necessidades informacionais: em outras palavras, sem especificar suas necessidades mediante a linguagem de consulta.

O percurso metodológico da pesquisa consistiu em valorizar as especificidades e as regularidades da produção e comunicação científica sobre epistemologia e historiografia da Ciência da Informação, reconhecendo as formas com que essa área produz o conhecimento.

Também se caminhou no sentido de inferir as causas comportamentais da literatura da área a partir dos efeitos que compõem as relações interpessoais dos pesquisadores. Assim, há um exercício criativo de conjecturas e inferências durante a busca pelos indícios e análise dos sinais observados. Ainda dentro da perspectiva do paradigma indiciário, faz-se uma análise bibliométrica e cientométrica dos detalhes acerca da epistemologia e historiografia da Ciência

da Informação, utilizando um pluralismo documental, teórico e metodológico.

Em relação aos procedimentos, foram escolhidos a pesquisa bibliográfica e documental, aplicando-se as técnicas do método indiciário de Ginzburg (1989) e a técnica do brauseio de Araújo (1994).

A pesquisa bibliográfica é inerente a qualquer estudo e tem como principal vantagem, segundo Gil (2002), abordar uma gama de fenômenos ampla disponível diretamente aos estudos do pesquisador. Diante disso, a pesquisa se classifica em bibliográfica porque, para Fonseca (2002), recorre a fontes como livros, teses, dissertações e artigos científicos localizadas em bibliotecas, virtuais ou físicas.

Em relação à pesquisa documental, recorrem-se a fontes diversificadas, além dos gêneros expostos na abordagem bibliográfica. No caso desta pesquisa, as outras fontes são a Plataforma Lattes (CNPq), a Brapci, sítios dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil e da ANCIB, programações de eventos, relatórios, e Plataforma do Diretório dos Grupos de Pesquisas do Brasil (DGP) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Ainda em relação aos procedimentos de coleta de dados, essa pesquisa se caracteriza como um estudo de caso, pois, como define Fonseca (2002, p. 33),

Um estudo de caso pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa, ou uma unidade social. Visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando

descobrir o que há nela de mais essencial e característico. [...] O estudo de caso pode decorrer de acordo com uma perspectiva interpretativa, que procura compreender como é o mundo do ponto de vista dos participantes, ou uma perspectiva pragmática, que visa simplesmente apresentar uma perspectiva global, tanto quanto possível completa e coerente, do objeto de estudo do ponto de vista do investigador.

Na perspectiva de Gil (2002), com relação à coleta de dados, o estudo de caso é o mais completo porque se vale dos dados em relação à pessoa e dados documentais. Destarte, esta pesquisa restringe sua investigação aos pesquisadores que publicaram trabalhos nos anais do GT-1 dos ENANCIB no recorte temporal de 2003 a 2018 e autores de artigos de periódicos indexados na Brapci, no mesmo recorte temporal.

O percurso percorrido na pesquisa consistiu no levantamento de dados a partir do Portal de Eventos da ANCIB, do qual são retirados dados referentes ao GT-1 para, desse modo, formar um banco de dados tabulado no *software* Excel versão 14.5.0. Especificamente, os dados que foram retirados dos anais dos ENANCIB publicados de 2003 a 2018. Para essa etapa, também se fez a busca na Brapci por artigos que tratam da epistemologia e/ou historiografia da Ciência da Informação. O desenvolvimento do trabalho se deu pela mensuração dos dados, confecção de gráficos e tabelas para análise.

Vale ressaltar que havia a dificuldade de que muitos dados necessários à pesquisa não se encontraram nos documentos indexados no Portal da ANCIB e na Brapci, o que pôde ser superada mediante buscas em outros portais da área e no Currículo Lattes dos pesquisadores. No primeiro momento, houve problemas com

a Brapci, que foram solucionados com a disponibilização de uma nova plataforma por parte da equipe da referida base.

Sendo assim, a análise da produção científica da temática Epistemologia e Historiografia da Ciência da Informação se deu pelas etapas de identificação dos autores que mais produziram sobre a temática Epistemologia da Ciência da Informação, no Brasil, e estabelecimento das relações que conectam os autores entre si, instituições de vínculos dos pesquisadores da temática.

A pesquisa procurou, no território da literatura científica:

- os autores, suas ligações institucionais e atributos no campo científico;
- a rede de coautorias por tipo de colaboração (pesquisa, orientação e outros);

Outras atividades foram desenvolvidas, simultaneamente à caça aos indícios ou *a posteriori* dessa ação:

- aplicações dos estudos métricos, como os bibliométricos, cientométricos e informétricos;
- regime de colaboração entre os pesquisadores do núcleo duro de pesquisadores do campo de pesquisa;
- construção da narrativa/análise a partir das pistas encontradas.

3.2 O mapa da pesquisa

A seguir, apresenta-se a descrição do universo da pesquisa, ou seja, o espaço onde está inserida a população a ser investigada: o núcleo de pesquisadores mais produtivos no contexto da temática Epistemologia e Historiografia da Ciência da Informação, no Bra-

sil. Esses ambientes são considerados o cenário natural do qual se obtiveram as pistas, indícios, detalhes de como a produção e comunicação científica acontecem, bem como as relações estabelecidas entre os pesquisadores da referida temática.

Vários domínios do conhecimento estabelecem Grupos de Trabalho e Fóruns que permitem debates e reflexões, com intuito de promover o progresso das pesquisas e dos trabalhos científicos, tecnológicos e sociais. Com esse mesmo objetivo, os pesquisadores da Ciência da Informação, por meio da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB), estabeleceram o Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), realizado desde 1994.

O ENANCIB, por meio dos Grupos de Trabalho da ANCIB, é uma das mais importantes vitrines que permitem a visualização das pesquisas que vêm sendo desenvolvidas na área, especialmente nos cursos de pós-graduação em Ciência da Informação. Atualmente, a ANCIB se organiza em 11 grupos de trabalho, cada um responsável por uma temática de pesquisa:

- GT-1 - Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação;
- GT-02 - Organização e Representação do Conhecimento;
- GT-03 - Mediação, Circulação e Apropriação da Informação;
- GT-04 - Gestão da Informação do Conhecimento;
- GT-05 - Política e Economia da Informação;
- GT-06 - Informação, Educação e Trabalho;
- GT-07 - Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia & Inovação;

- GT-08 - Informação e Tecnologia;
- GT-09 - Museu, Patrimônio e Informação;
- GT-10 Informação e Memória;
- GT-11 Informação e Saúde.

Esta pesquisa teve como interesse específico o estudo do GT-1, que apresenta a seguinte ementa:

Paradigmas da Ciência da Informação, constituição do seu campo científico e questões epistemológicas subjacentes. Inclui discussões sobre disciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade da área, bem como a construção do conhecimento em Ciência da Informação do ponto de vista histórico. (ANCIB, 2016, *on line*)

Com apoio dos Programas de Ciência da Informação, a ANCIB promove anualmente o ENANCIB, evento no qual são levados a fórum resultados e reflexões acerca das pesquisas desenvolvidas na área. Já aconteceram 19 edições do ENANCIB, conforme Quadro 1:

Quadro 1 – As Edições do ENANCIB (1994-2018)

ENANCIB	ANO	LOCAL
I	1994	Belo Horizonte – MG
II	1995	Valinhos – SP
III	1997	Rio de Janeiro – RJ
IV	2000	Brasília – DF
V	2003	Belo Horizonte – MG
VI	2005	Florianópolis – SC
VII	2006	Marília – SP
VIII	2007	Salvador – BA
IX	2008	São Paulo – SP
X	2009	João Pessoa – PB
XI	2010	Rio de Janeiro – RJ
XII	2011	Brasília – DF
XIII	2012	Rio de Janeiro – RJ
XIV	2013	Florianópolis – SC
XV	2014	Belo Horizonte – MG
XVI	2015	João Pessoa – PB
XVII	2016	Salvador - BA
XVIII	2017	Marília - SP
XIX	2018	Londrina - PR

Fonte: Elaborado pelo autor

Durante o IV ENANCIB, realizado em Brasília em 2000, surgiu o GT-08, tendo como título “Epistemologia da Ciência da Informação”, o qual abordava as questões epistemológicas e históricas da Ciência da Informação. O GT-08 perdurou no V ENANCIB, realizado em

Belo Horizonte em 2003, mas no VI ENANCIB, realizado em 2005, mudou sua posição no quadro de Grupos de Trabalho, passando a ocupar o GT-1 e adotando uma nova denominação: “Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação”. No XI ENANCIB, realizado em 2010, o GT-1 novamente alterou sua denominação, agora para “Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação”, a qual mantém até a data atual.

A ementa atual do GT-1 é:

“Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação. Constituição do campo científico e questões epistemológicas e históricas da Ciência da informação e seu objeto de estudo — a informação. Reflexões e discussões sobre a disciplinaridade, a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade, assim como a construção do conhecimento na área.”

Outro espaço de busca dos indícios se deu na Base de Dados da Ciência da Informação (Brapci) que é uma importante ferramenta de pesquisa na área da Ciência da Informação. Essa base de dados compõe, atualmente, um conjunto de instrumentos que vão de um simples brauseio pelos artigos da área até a sua utilização como recurso metodológico de investigação de temáticas na área.

Segundo Gabriel Júnior (2014), a idealização da Brapci se deu na concepção de estudo pós-doutoral da professora Leilah Santiago Bufrem, no ano de 1995, tendo como intuito o desenvolvimento de um repertório representativo da produção científica do Brasil e da Espanha. Depois de várias experiências, o projeto tomou uma dimensão muito grande, que o deixa no patamar de várias outras bases de dados, como Scielo, *Google Scholar*, Scopus, entre outras.

O corpus da base, atualmente, consiste na composição de 57 periódicos, 19.255 trabalhos publicados em revista científica, 2.481 pesquisas publicados em anais de eventos da área, 16.214 autores, dois livros e uma tese. Sua cobertura temporal se inicia em 1972, podendo-se recuperar trabalhos por meio de termos de busca nos campos: autores, título, palavras-chave, resumo e referências.

Pelos dados que a própria base fornece, percebe-se que a publicação de trabalhos vem crescendo desde 1972, com 29 trabalhos, com algumas oscilações em determinados períodos. A partir de 2006, as publicações passam a ser superiores a 550, atingindo, em 2017, 896 trabalhos publicados e, em 2018, obtendo a indexação de mais 1.344 publicações.

Esse movimento pode ser explicado por inferências históricas que vão desde o surgimento de vários novos periódicos, abrindo o leque de opções e democratização de publicação para os pesquisadores, até a implementação de novas políticas de desenvolvimento da Ciência e da Tecnologia pelo Estado, financiando o maior número de pesquisas e aumentando o número de vagas nas universidades – responsáveis pela maioria das pesquisas brasileiras.

A proposta da Brapci é muito interessante: para além de recuperar documentos é possível utilizá-la para obter algumas informações métricas. No entanto, enfrentou-se dificuldades na busca de dados, pois algumas de suas funcionalidades não mostraram os resultados esperados, tais como a não recuperação de documentos quando se optava pela busca dos termos nas palavras-chave, resumo, autor e referências. Daí, foi necessária uma nova busca, que ficou mais fácil com o lançamento da Brapci Beta. Diante disso, o tra-

balho de filtragem manual foi mais denso, o que dificultou a coleta de dados durante a pesquisa.

A procura pelas pistas fez com que se tornasse necessário buscar outras fontes de informação como a Plataforma Lattes que é uma base de dados relacionada a currículos de pesquisadores, grupos de pesquisa e instituições, integrados em único Sistema de Informação. Sua criação remota ao final dos anos 1990, para agregar, aos currículos já disponíveis nas bases do CNPq desde a década de 1980, os novos a serem produzidos. À frente do projeto estavam o Grupo Stela (vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina), o Grupo C.E.S.A.R (vinculado à Universidade Federal de Pernambuco), a empresa Multisoft e a Superintendências de Informática e Planejamento, que conseguiram padronizar o Currículo Lattes em agosto de 1999 (PLATAFORMA LATTES/CNPq, 2018).

Dessa maneira, a plataforma se tornou instrumento de planejamento, de gestão, de políticas e de fomento pelo Ministério de Ciência e Tecnologia, universidades, agências de fomento e outras entidades relacionadas à ciência, tecnologia e inovação.

Um dos recursos proporcionados por essa plataforma é o Diretório dos Grupos de Pesquisa, considerado um inventário de grupos em atividades de pesquisa no Brasil. Este diretório foi utilizado na presente pesquisa para identificar os grupos aos quais os pesquisadores do núcleo do GT-1 e autores indexados na Brapci se relacionam, relacionando os grupos, as linhas de pesquisa e setores nos quais trabalham com a temática Epistemologia e Historiografia da Ciência da Informação.

Também se fez uso dos dados no Currículo Lattes, outra ferramenta que permite analisar o perfil acadêmico dos pesquisadores cadastrados, uma vez que sua utilização se faz obrigatória para ter acesso a financiamento de pesquisa, à formação *stricto sensu*, e ao ingresso no magistério superior. Sua abrangência informacional confiável possibilita a análise de mérito e competência por meio de dados estatísticos, bem como a percepção de relações institucionais entre os pesquisadores.

Quanto aos problemas enfrentados na utilização da Plataforma, estão relacionados ao preenchimento dos metadados por parte dos próprios pesquisadores, o que causa, em algumas situações, duplicação de informações, dados incompletos, além do fato de alguns pesquisadores não manterem o currículo atualizado. Mas os dados estatísticos fornecidos pela plataforma são de uma riqueza ímpar para a comparação de produtividade, dentre outros.

4 O “CAÇADOR DO INVISÍVEL”

Diferentemente dos que seguem a perspectiva de que o cientista trabalha com fatos, com aquilo que pode ser visto, tocado e medido, colocando em oposição ao senso comum, segue-se a tese [...] na qual o cientista é caçador do invisível [...]. O seu objetivo é descobrir uma ordem invisível que transforme os fatos de enigma em conhecimento. (ALVES, 1981, p. 31)

Dessa forma, Alves (1981) argumenta que o processo de investigação científica não se conclui com os registros de seus dados, mas seu início se dá com eles. Subsequente, o produto científico final é uma teoria ou hipótese de trabalho, não sendo o que se chama de fato.

Às vezes, alguns comportamentos e fatos acontecem sem que haja de imediato uma compreensão por parte dos envolvidos. Muitas coisas estão na esfera da invisibilidade, tanto no ato de não se querer ver quanto se pode, quanto na dificuldade de visibilidade por falta de instrumentos adequados. O indivíduo pode escolher não querer enxergar além do que se mostra holisticamente a sua frente, mas também pode enxergar algo que ninguém consegue. É assim que o cientista se torna um caçador de coisas invisíveis para torná-las visíveis.

E foi desse modo que essa pesquisa permitiu coletar indícios da produção literária de um determinado grupo de pesquisadores, acerca da temática Epistemologia e Historiografia da Ciência

da Informação. Fez-se a investigação para perceber como os fios da produção científica dos pesquisadores se entrelaçam na confecção do tecido epistemológico e historiográfico da Ciência da Informação.

Na perspectiva de Ginzburg (1989, p. 170), faz-se uma busca articulada com outras disciplinas, na perspectiva de empréstimo de métodos ou termos-chave. Alinhado a isso, segue-se a estratégia defendida por Araújo (1994), como coleta de qualquer tipo de informação que permita uma posterior análise do contexto estudado. A busca também se dá pelo preceito da serendipidade, do inglês “serendipity”, termo criado por Horace Walpole, em 1774, que diz que o acaso pode proporcionar descobertas felizes.

O objetivo da pesquisa foi analisar a produção científica acerca da temática Epistemologia e Historiografia da Ciência da Informação a partir dos indícios coletados nos anais do GT-1 dos ENANCIB e nos artigos indexados e recuperados pela Brapci. Nesse sentido, apresentam-se os resultados alcançados por esta pesquisa.

Para a coleta dos dados, o recorte temporal se dá, para as publicações de trabalhos nos anais do ENANCIB no intervalo de 2003 a 2018, onde se buscaram os pesquisadores que mais publicaram no GT-1, assim como nos periódicos indexados na Brapci, e, desse, quais pesquisadores mantêm certa regularidade de participação nessas publicações e as instituições que mais se evidenciam na representação de seus pesquisadores. Nesse sentido, atende-se ao objetivo de identificar o coletivo de pesquisadores que dão suporte, continuidade e consistência ao trabalho epistemológico e historiográfico da Ciência da Informação, assim como ao objetivo de

investigar o contexto do desenvolvimento da Ciência da Informação a partir das comunicações científicas dos estudiosos da área.

4.1 A produção e os autores do GT1

Desde 2003, o GT-1 da ANCIB apresenta uma variação na quantidade de comunicações de pesquisas, com reflexo na sua publicação nos anais, como pode ser observado no Tabela 1.

Tabela 1 – Trabalhos comunicados e publicados no GT1
(2003-2018)

Ano	Local do ENANCIB	Frequência	Representação
2003	Belo Horizonte – MG	15	0,00%
2005	Florianópolis – SC	16	6,25%
2006	Marília – SP	14	-14,29%
2007	Salvador – BA	20	30,00%
2008	São Paulo – SP	21	4,76%
2009	João Pessoa – PB	17	-23,53%
2010	Rio de Janeiro – RJ	20	15,00%
2011	Brasília – DF	23	13,04%
2012	Rio de Janeiro – RJ	28	17,86%
2013	Florianópolis – SC	25	-12,00%
2014	Belo Horizonte – MG	20	-25,00%
2015	João Pessoa – PB	18	-11,11%
2016	Salvador – BA	29	37,93%
2017	Marília – SP	33	12,12%
2018	Londrina - PR	29	-13,79
Total		328	

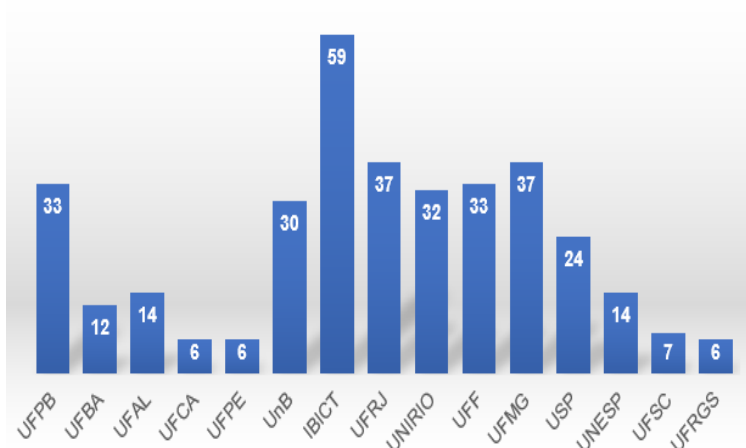
Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Nesse contexto, as publicações se mantiveram em 20 ocorrências ou mais em 2007, 2008, 2010 a 2014, tendo um pequeno decréscimo em 2015, voltando a subir em 2016. Percebe-se que o pico de publicações aconteceu em 2017, no ENANCIB de Marília, com o total de 33 publicações, equivalendo a 10% do total de todas as publicações nos últimos 16 anos. Vale ressaltar que o ENANCIB de Salvador, em 2016, e o ENANCIB de Londrina, em 2018, com 29 publicações cada, representam juntos 18% do total de todas as publicações no referido GT.

Nas duas vezes em que o ENANCIB foi realizado em João Pessoa, 2009 e 2015, o quantitativo de trabalhos publicados ficou abaixo de 20, com 17 e 18 trabalhos, respectivamente. Isso significa que em 2009 houve um decréscimo de 23,5% em relação ao ano de 2008, e uma queda de 11% em relação ao ano de 2015. Contudo, mesmo estando mais distante do eixo Sul- Sudeste, onde se concentra a maioria dos pesquisadores da área e da temática, os ENANCIB realizados em João Pessoa apresentaram uma significativa quantidade de trabalhos, permitindo que Universidade Federal da Paraíba (UFPB) alcançasse um lugar de destaque no *ranking* de instituições que mais publicaram nos anais do GT-1.

As instituições às quais os pesquisadores que apresentaram comunicações no GT-1 estavam vinculados, no período estudado, podem ser observadas no Gráfico 1:

Gráfico 1 –Instituição cujos autores publicaram no GT-1



Fonte: Dados da pesquisa, 2018

As instituições com Programas de Pós-graduação na área que mais se destacam em publicações no GT-1 estão concentradas na Região Sudeste, com quatro instituições do Rio de Janeiro (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia; Universidade Federal do Rio de Janeiro; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; e Universidade Federal Fluminense); uma de Minas Gerais (Universidade Federal de Minas Gerais); e duas de São Paulo (Universidade de São Paulo e Universidade Estadual Paulista). Nessa região, nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, surgiram os cursos de doutorado em Ciência da Informação, evento que se pode tomar como referência histórica para entender o domínio da referida região na produção da temática.

A Região Centro-Oeste está representada pela Universidade de Brasília (UnB), enquanto a Região Sul se representa por meio da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

O Nordeste está representado pela já mencionada Universidade Federal da Paraíba (UFPB), pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), além da Universidade Federal do Cariri (UFCA) e da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Deve-se ressaltar que muitos pesquisadores indicaram o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) como instituição de origem e, ao mesmo tempo, indicavam outras instituições como Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e a Universidade Federal Fluminense (UFF). Nesse sentido, vale esclarecer que no período em estudo o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do IBICT, em convênio com a Universidade Federal do Rio de Janeiro e Universidade Federal Fluminense, era o único a oferecer uma linha de pesquisa dedicada aos temas abordados no GT-1. Destarte, muitos pesquisadores da UNIRIO e, mesmo, da UFMG, estiveram vinculados ao IBICT durante a fase de formação no doutorado.

Faz-se menção à participação de pesquisadores de dois museus — Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST) e Museu da República —, de secretarias e de órgãos de governo, da Câmara Federal, além de participação das instituições privadas de ensino e outros centros públicos de pesquisa, como a Fiocruz. Identifica-se, no le-

vantamento de dados sobre o GT-1, a participação de 45 instituições de diferentes seguimentos.

Outros dados merecem destaque, como a participação, em 2012, 2013, 2016 e 2017, de cinco instituições internacionais: a *University of Baltimore* (Estados Unidos), a *Universidad del Zulia* (Venezuela), a *Universidad de la Salle* (Colômbia), a Universidade do Porto (Portugal) e a Universidad de Granada (Espanha). Esses dados demonstram o grau de contribuição do GT-1, no âmbito do ENANCIB, para o processo de internacionalização da Ciência da Informação brasileira.

Em relação ao número de pesquisadores que apresentaram suas comunicações, identificam-se 312 pesquisadores da Ciência da Informação que participaram do GT-1, ao longo do período, podendo-se inferir, a priori, a existência de um espaço democrático onde os pesquisadores podem comunicar e debater suas pesquisas.

Ainda sobre a quantidade de autores, observa-se que, para se caracterizar como espaço democrático para comunicação de pesquisas, há uma grande rotatividade de pesquisadores no GT-1. O Quadro 2, a seguir, apresenta a frequência de comunicação de pesquisas dos autores de acordo com o quantitativo de publicações do GT-1 nos anais do ENANCIB, no período do recorte (2003-2018).

Quadro 2 – Pesquisadores mais atuantes no GT-1

(2003-2018)

Autor	f/x
Edivânio Duarte de Souza	16
Gustavo Saldanha	16
Georgete Medleg Rodrigues	13
Lena Vania Ribeiro Pinheiro	13
Maria Nelida Gonzalez de Gomez	13
Isa Maria Freire	12
Icléia Thiesen	10
Angelica Alves da C. Marques	9
Jonathas Luiz Carvalho	9
Lídia Silva de Freitas	7
Zayr Cláudio Gomes da Silva	7
Claudia Bucceroni Guerra	6
Eduardo Ismael Murguia	6
Evelyn Goyannes Dill Orrico	6
Marcia Heloisa T. de F. Lima	6
Cristina Dotta Ortega	5
José Mauro Matheus Loureiro	5
Luciana de Souza Gracioso	5
Rodrigo Rabello	5
Sabrina Damasceno Silva	5

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Nota: Alguns autores publicaram mais de uma vez no mesmo ano.

Como visto no Quadro 2, os pesquisadores que mais contribuíram com publicações no GT-1 foram Edivânio Duarte de Souza (UFAL), que vem trabalhando a interdisciplinaridade da área desde sua tese, em 2011, e Gustavo Saldanha (IBICT) que participa ininterruptamente desde 2008, direcionando seus trabalhos para perspectivas mais filosóficas. Ambos os autores apresentam 16 trabalhos publicados nos anais do GT-1.

Destaca-se, também, a professora Maria Nélide González de Gómez, citada recorrentemente nos trabalhos apresentados, com uma discussão direcionada aos aspectos mais filosóficos no delineamento teórico e metodológico da Ciência da Informação. A referida pesquisadora coordenou o GT-1 por duas vezes. Outra pesquisadora que participou com publicações foi Lena Vânia Ribeiro Pinheiro que, com exceção de 2012 e 2014, quando publicou no GT-7, teve resultados de pesquisas comunicados no GT-1, tornando-se referência na área quando se trata da temática Epistemologia e Historiografia da Ciência da Informação. Outro dado relevante sobre essas autoras é que elas pertencem, juntamente com Gustavo Saldanha, ao mesmo programa de pós-graduação, o do IBICT, o que demonstra a grande importância dessa instituição para a temática.

Destacam-se, ainda, a professora Georgete Medleg Rodrigues (UnB), que trabalha as questões conceituais para a arquivologia e documentação; a professora Icléia Thiesen (UNIRIO), que trabalha os conceitos de memória, política e história para a Ciência da Informação; e a pesquisadora Isa Maria Freire, que desenvolve pesquisa sobre a aplicação do regime de informação em experimentos como o Laboratório de Tecnologias Intelectuais, focando nas ações de informação.

Percebe-se que uma percentagem significativa dos trabalhos sobre Epistemologia e Historiografia da Ciência da Informação é produzida regularmente por um pequeno número de autores, mesmo que esses produtores juntos ultrapassem a quantidade de trabalhos publicados pelos demais pesquisadores, que têm poucas pesquisas publicadas nos anais do GT-1 no ENANCIB, com a maioria apresentando apenas uma produção no período.

Assim, pode-se registrar a validação da primeira hipótese desta pesquisa, que se configura como afirmação de que os indícios de produção científica acerca da temática em tela remetem a um pequeno grupo de pesquisadores que mantêm regularidade de publicações. Tal constatação entra em consonância com os preceitos da Lei de Lotka, quando se verifica que a proporção de quem fez uma única contribuição é de mais ou menos 60%. Como pode ser observado a seguir.

4.2 Buscando informações na Brapci

Na Brapci, embora uma busca tenha sido feita no primeiro momento foi necessária descartá-la, uma vez que a antiga plataforma apresentava inconsistência de dados, repetindo os artigos diversas vezes e replicando-os em inglês. Houve determinados momentos em que as caixas de filtro da referida plataforma não funcionavam.

No entanto, em 2018, num trabalho conjunto entre a Universidade Federal do Paraná e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, foi disponibilizada uma reestruturação técnica, visual e funcional da plataforma supracitada. Agora, com o nome de Brapci Beta

4.0, a base retornou à ativa, utilizando o ElasticSearch como mecanismo de busca.

Buscaram-se na plataforma, artigos pelos descritores “epistemologia da ciência da informação”, “historiografia da ciência da informação”, “filosofia da informação”, optando pela reunião desses descritores em todos os campos de metadados encontrados (autores, títulos, palavras-chave, resumo e referências). O recorte temporal foi de 2003 a 2018, aplicando-se o mesmo recorte dos anais do ENANCIB.

Ressalta-se que essa técnica, a princípio, excluiu alguns autores de grande relevância para área, uma vez que os metadados de seus artigos não correspondiam ao mecanismo de busca automática. Contudo, recuperou-se dados significantes para o entendimento da crescente produção na temática por parte de pesquisadores relativamente novos, no contexto de discussão da epistemologia e historiografia da área.

Restringiram-se os trabalhos a artigos que tivessem pesquisadores brasileiros e que apenas tratassem da epistemologia/filosofia/historiografia da Ciência da Informação, biblioteconomia, documentação, arquivologia e seus derivados.

A busca pelo termo “epistemologia da Ciência da Informação” obteve 144 resultados, mas após o filtro manual ficaram 107 artigos.

Na busca pelo termo “historiografia da ciência da informação” foram recuperados 16 artigos, contudo, depois da exclusão dos que já haviam sido recuperados pelo termo “epistemologia da Ciência da Informação” e de historiografias que não tinham relação direta

com a Ciência da Informação, biblioteconomia, documentação, arquivologia e seus derivados, restaram apenas quatro artigos.

Para o termo “filosofia da Ciência da Informação”, foram recuperados 134 artigos, mas após filtro pelo qual se retiraram os artigos já recuperados por meio dos outros termos, bem como artigos escritos exclusivamente por autores estrangeiros e ligados unicamente a instituição estrangeira, ficaram 66 artigos.

Dessa forma, os dados para análise das publicações nos periódicos indexados na Brapci Beta 4.0 resultaram em 177 artigos científicos.

No primeiro momento, fez-se mister quantificar a frequência das publicações por ano a partir dos artigos recuperados pela Brapci. Em decorrência, a Tabela 2 apresenta as frequências, além da representação de crescimento ou recuo em relação aos anos anteriores.

Tabela 2 – Publicações em periódicos indexados na Brapci (2003-2018)

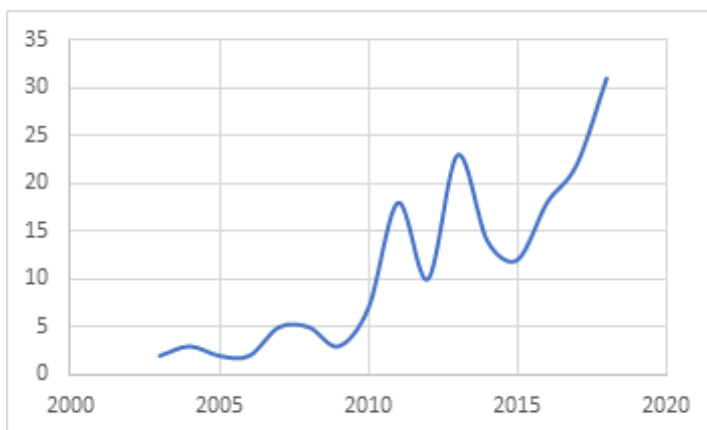
Ano	f/x	Representação
2003	2	0,00%
2004	3	33,33%
2005	2	-50,00%
2006	2	0,00%
2007	5	60,00%
2008	5	0,00%
2009	3	-66,67%
2010	7	57,14%
2011	18	61,11%
2012	10	-80,00%
2013	23	56,52%
2014	14	-64,29%
2015	12	-16,67%
2016	18	33,33%
2017	22	18,18%
2018	31	29,03%
TOTAL	177	

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

De acordo com a Tabela 2, a publicação de artigos ficou acentuada a partir de 2010, oscilando nos anos posteriores, tendo seu ápice no ano de 2018, com 31 artigos publicados, representando o total de 17,5% das publicações, com uma média de 11 artigos por ano, um quantitativo considerado de representação significativa

para área. A dispersão de publicações, ao longo do recorte temporal, pode ser visualizada no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Frequência e representação dos artigos indexados na Brapci (2003-2018)



Fonte: Dados da pesquisa, 2018

De acordo com o Gráfico 2, houve uma progressão de publicações ao longo do recorte temporal, o que significa uma crescente produção científica acerca da Epistemologia e Historiografia da Ciência da Informação. A oscilação se deu nos anos 2005, 2006, 2009, 2012, 2014 e 2015, sendo que, nos últimos três anos, há indicativo de elevação aguda na produtividade de artigos. Pode-se inferir que um dos fatores para o crescimento dessa produção se deve à criação de novos periódicos com políticas de publicações diferenciadas, que alcançam a todos os tipos de perfis de pesquisadores/autores. Outro fator poderia ser o aumento de cursos de

graduação e pós-graduação na área, que permitiu o aumento dos corpos discentes e docentes das instituições de ensino superior.

No prosseguimento da pesquisa, houve a identificação dos periódicos recuperados pela referida base, apresentando-se o *ranking* dos periódicos que publicaram, no recorte temporal de 2003 a 2018, artigos acerca da Epistemologia e Historiografia da Ciência da Informação, como pode ser visto no Quadro 3.

Quadro 3 – Publicações por periódicos no recorte temporal de 2003-2018

Periódicos	f/x	Anos
Informação & Sociedade: Estudos	26	2007, 2008, 2010, 2010, 2011, 2011, 2011, 2012, 2012, 2013, 2013, 2014, 2015, 2015, 2016, 2016, 2016, 2016, 2017, 2017, 2017, 2017, 2018, 2018, 2018, 2018
Ciência da Informação	19	2003, 2004, 2004, 2007, 2010, 2010, 2011, 2011, 2011, 2013, 2013, 2013, 2014, 2014, 2016, 2016, 2017, 2017, 2018
DataGramaZero	16	2004, 2005, 2007 2008, 2011, 2011, 2012, 2012, 2013, 2013, 2013, 2013, 2013, 2014, 2015, 2015
Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação	16	2003, 2006, 2006, 2007, 2008, 2008, 2009, 2011, 2011, 2012, 2013, 2017, 2017, 2018, 2018, 2018
Perspectivas em Ciência da Informação	10	2005, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2018, 2018, 2018, 2018

PontodeAcesso	10	2009, 2010, 2011, 2011, 2012, 2012, 2013, 2013, 2013, 2016
Em Questão	8	2009, 2011, 2016, 2017, 2017, 2018, 2018, 2018
Logeion: Filosofia da Informação	8	2014, 2014, 2014, 2015, 2016, 2018, 2018, 2018
Informação & Informação	6	2008, 2014, 2016, 2017, 2017, 2018
Informação Arquivística	6	2012, 2013, 2013, 2013, 2014, 2015
Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia	6	2013, 2015, 2015, 2017, 2018, 2018
RBBD. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação	6	2012, 2017, 2018, 2018, 2018, 2018
InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação	5	2011, 2011, 2016, 2017, 2017
Liinc em Revista	5	2010, 2011, 2015, 2015, 2015
Biblios (Peru)	4	2013, 2013, 2017, 2018
Biblionline	3	2007, 2016, 2016
Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação	3	2011, 2018, 2018
ÁGORA: Revista do Curso de Arquivologia da UFSC	2	2016, 2018

Epistemologia e historiografia na ciência da informação

Brazilian Journal of Information Science: Research Trends	2	2017, 2018
Comunicação & Informação	2	2013, 2016
IRIS - Revista de Informação, Memória e Tecnologia	2	2017, 2017
Revista ACB	2	2016, 2017
Revista Conhecimento em Ação	2	2016, 2017
Revista Interamericana de Bibliotecología	2	2013, 2016
AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento	1	2014
Ciência da Informação em Revista, Maceió	1	2014
Convergências em Ciência da Informação	1	2018
PÁGINAS a&b	1	2014
Perspectivas em Gestão & Conhecimento	1	2014
Revista Analisando em Ciência da Informação	1	2015

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Conforme o Quadro 3, o destaque nesse levantamento cabe ao periódico *Informação e Sociedade: Estudos (Inf. & Soc.:Est)*, que é publicado pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, com 26 ocorrências, sendo que há ocorrências em todos os anos a partir de 2007, exceto em 2009. Ressalta-se que, nos anos de 2016, 2017 e 2018, houve quatro publicações por ano acerca da temática, no referido periódico.

Já o periódico *Ciência da Informação*, do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), apresenta um total de 19 publicações, sendo que em alguns anos não houve publicações. Segundo os documentos recuperados pela Brapci, seu cume de publicações se deu em 2011 com 3 publicações.

O periódico *DataGramaZero – DGZ* apresenta 16 publicações no recorte temporal, número igual ao alcançado pelo periódico *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, editado pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Com a exceção dos anos de 2003, 2006, 2009 e 2010, o DGZ vinha publicando regularmente até 2015, quando, no ano seguinte, suas atividades de publicação foram encerradas. Para o referido periódico, destaca-se o ano de 2013, quando publicou cinco artigos sobre a temática. A revista *Encontros Bibli* mantém uma regularidade de publicações, a partir de 2003, acerca da temática *Epistemologia e Historiografia da Ciência da Informação*, com exceções dos anos de 2004, 2010, 2014 e 2015, sendo que em 2018 atinge seu ápice, em relação à temática, quando publicou três artigos.

Outros periódicos que se destacam são a *Perspectivas em Ciência da Informação*, publicado pela Universidade Federal de Minas

Gerais (UFMG), e PontodeAcesso, publicado pela Universidade Federal da Bahia, com 10 publicações cada. O periódico *Perspectivas em Ciência da Informação* atinge um número expressivo no ano de 2018, com quatro artigos sobre a temática, enquanto o periódico *PontodeAcesso* se destaca em 2013, com 13 publicações.

O ano de 2018 foi o ano em que houve o maior número de artigos sobre o tema, totalizando 31 trabalhos em 14 periódicos diferentes. Para essa proeza, alguns periódicos, como *Informação & Sociedade: Estudos*, *Perspectivas em Ciência da Informação*, *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, contribuíram com quatro artigos cada. Outros colaboraram publicando três artigos cada, a saber: *Encontros Biblio*, *Em Questão* e *Logeion*. Os periódicos que deram suas contribuições com dois trabalhos foram a *Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia* e a *Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação*.

Ainda podem ser mencionados a *Revista Ciência da Informação*, *Informação & Informação*, *ÁGORA*, *Brazilian Journal of Information Science*, *Biblios (Peru)* e *Convergências em Ciência da Informação* (fundada em 2018), que contribuíram com um artigo cada uma. Diante disso, o ano de 2018 tem valor de 17,5% de representação de toda produção da temática.

Vale ressaltar que o periódico *Logeion: Filosofia da Informação* vem publicando, desde 2014, sobre o tema que carrega em seu nome. Contudo, o filtro aplicado pelos descritores de indexação dos artigos não permitiu que a *Brapci* recuperasse muitos artigos. Registra-se, ainda, que alguns artigos tratam a *Filosofia da Informação* de forma não relacionada diretamente à *Ciência da Informação*,

com questões que não estão ligadas ao recorte temático dessa pesquisa e com artigos de autoria exclusiva de pesquisadores estrangeiros.

Assim, apesar de se reconhecer que há diversos artigos que poderiam integrar o corpus dessa pesquisa, por procedimento metodológico não puderam ser inseridos na coletânea da pesquisa. Essa característica não é exclusiva da referida revista, pois também foi detectada em outros periódicos, os quais poderiam ter outros artigos incorporados ao recorte, principalmente quando se buscava por autores notadamente associados à temática Epistemologia e Historiografia da Ciência da Informação, mas não puderam ser incluídos no corpus da pesquisa.

A análise de representação dos periódicos frente à produção total no recorte temporal foi procedida de duas maneiras. A primeira levou em consideração apenas o quantitativo de artigos publicados pelos periódicos, em contrapartida; a segunda observou o quantitativo de artigos e o período de vigência dos periódicos dentro do recorte temporal.

Diante disso, o Quadro 4 traz a classificação dos periódicos segundo sua produtividade, representação percentual sobre o total de publicações e aplicação dos preceitos da Lei de Bradford, apresentando-se, desse modo, a classificação dos periódicos de acordo com os agrupamentos.

Quadro 4 – Periódicos em Cluster

Periódico	f/x	%	Zona
Informação & Sociedade: Estudos	26	14,6	1º Agrupamento
Ciência da Informação	19	10,7	
DataGramaZero	16	9	
Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.,	16	9	2º Agrupamento
Perspectivas em Ciência da Informação	10	5,6	
PontodeAcesso	10	5,6	
Em Questão	8	4,5	
Logeion: Filosofia da Informação	8	4,5	
Informação Arquivística	6	3,3	3º Agrupamento
Informação & Informação	6	3,3	
Pesquisa Brasileira em Ciência da	6	3,3	
Informação e Biblioteconomia			
RBBD. Revista Brasileira de	6	3,3	
Biblioteconomia e Documentação			
InCID: Revista de Ciência da Informação	5	2,8	
e Documentação			
Liinc em Revista	5	2,8	
Biblios (Peru)	4	2,2	
Biblionline	3	1,6	
Revista Ibero-Americana de Ciência da	3	1,6	
Informação			
ÁGORA: Revista do Curso de Arquivologia	2	1,1	
da UFSC			
Brazilian Journal of Information Science:	2	1,1	
Research Trends			
Comunicação & Informação	2	1,1	
IRIS - Revista de Informação, Memória e	2	1,1	
Tecnologia			
Revista ACB	2	1,1	
Revista Conhecimento em Ação	2	1,1	
Revista Interamericana de	2	1,1	
Bibliotecología			
AtoZ: novas práticas em informação e	1	0,5	
conhecimento			
Ci. Inf. Rev., Maceió	1	0,5	
Convergências em Ciência da Informação	1	0,5	
PÁGINAS a&b	1	0,5	
Perspectivas em Gestão & Conhecimento	1	0,5	
Revista Analisando em Ciência da	1	0,5	
Informação			

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

No primeiro agrupamento estão os periódicos mais produtivos, em ordem decrescente, significando o *cluster* central para temática, pois, como aponta a lei bradfordiana, o quantitativo de periódicos de cada agrupamento será proporcional a $1: n: n^2$. Sendo assim, o periódico Informação & Sociedade: Estudos lidera o grupo central com a representação de 14,6% das publicações, seguido pela Ciência da Informação, com 10,7% de representação, e pelo Encontros Bibli, com seus 9% de representação em relação ao total de artigos. Vale ressaltar que o periódico DataGramaZero também apresenta 9% de representação sobre o total de publicações, mas foi agrupada no segundo grupo por causa da aplicação da Lei de Bradford, que atingiu 1/3 das publicações no periódico Encontros Biblio. Assim, o DataGramaZero ficou numa zona de intersecção entre o primeiro e o segundo agrupamento.

Para o segundo agrupamento, têm-se, além do DataGramaZero, os periódicos Perspectivas em Ciência da Informação e PontodeAcesso, com 5,6% de representação sobre o todo, e os periódicos Em Questão e Logeion, ambos com 4,5% de representação. O periódico que entra na zona de convergência entre o segundo e terceiro agrupamento é Informação & Informação, com 3,3% de representação, mesmo percentual periódicos mais recentes, tais como Informação Arquivística, Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia e Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação. Os demais periódicos localizam-se no terceiro agrupamento, no qual há 21 periódicos que produzem juntos o quantitativo aproximado dos três periódicos que se encontram no núcleo.

Portanto, a Lei de Bradford é evidenciada nessa análise, dado que um grupo de três periódicos é protagonista nos expressivos

34,5% do total da produção científica acerca da Epistemologia e Historiografia da Ciência da Informação, tendo uma média de 20 artigos por periódico. No segundo agrupamento, há o dobro de revistas em relação ao primeiro *cluster*, representando 32,5% da produção, todavia com uma média de 9,5 artigos por periódico. Já no terceiro agrupamento, o grupo é composto por 21 periódicos, contribuindo com 33% da produção total e tendo a média de 2,6 artigos por periódico.

Diante desses resultados, sobreleva-se o alerta que Pinheiro (1982), em sua dissertação de mestrado, já evidenciava, ao dizer que uma alteração nos resultados pode acontecer caso sejam levados em consideração outros elementos dos periódicos, como a periodicidade das publicações, pois quanto maior for a frequência de publicação no ano maior será a probabilidade de se ter produtividade entre os periódicos mais prolíficos.

À vista disso, considerando outras variáveis, como a vigência dos periódicos ao longo do recorte temporal, uma vez que alguns periódicos passaram a existir no período enquanto outros tiveram suas publicações descontinuadas ou interrompidas, por questões de fomento, editoriais, políticas e econômicas, sentiu-se a necessidade de atribuir um valor representativo aos periódicos de acordo com sua efetiva produção, levantando em consideração o início e o fim da vigência das publicações de periódicos dentro do recorte temporal dessa pesquisa. Para tanto, toma-se a razão da quantidade de artigos publicados em um periódico pelo tempo de efetivo trabalho dessa revista científica no recorte de 2003 a 2018¹.

1 Valor representativo =
Quantidade de artigos publicados no recorte temporal
Vigência do periódico no recorte temporal

Quadro 5 – Valores representativos dos periódicos de acordo com suas publicações acerca da temática

Periódicos	Vigência	Qtde. de anos acadêmicos no recorte	Qtde. de artigos publicados no recorte	Valor representativo
Inf. & Soc.: Estudos	1991 - Atual	16	26	1,62
Logeion: Filosofia da Informação	2014 - Atual	5	8	1,60
Ciência da Informação	1972 - Atual	16	19	1,18
DataGramZero	1999 - 2016	14	16	1,14
Convergências em Ci. da Informação	2018 - Atual	1	1	1,0
Encontros Bibli: Rev. Elet. de Biblio. e Ci. da Inf.	1996 - Atual	16	16	1,0
Informação Arquivística	2012 - Atual	7	6	0,85
PontodeAcesso	2007 - Atual	12	10	0,83
Revista Conhecim. em Ação	2016 - Atual	3	2	0,66
Perspectivas em Ci. da Informação	1996 - Atual	16	10	0,62
InCID: Rev. de Ci. da Inf. e Doc.	2010 - Atual	9	5	0,55
Em Questão	2003 - Atual	16	8	0,50
Pesq. Bras. em Ci. da Inf. e Biblio.	2006 - Atual	13	6	0,46
Inf. & Inf.	1996 - Atual	16	6	0,37
RBBD – Rev. Bras. de Biblio. e Doc.	1973 - Atual	16	6	0,37

Liinc em Revista	2005 - Atual	14	5	0,35
IRIS – Rev. de Inf., Memória e Tecnologia	2012 - Atual	7	2	0,28
Revista Ibero-Americana de Ci. da Informação	2008 - Atual	11	3	0,27
Biblios (Peru)	1999 - Atual	16	4	0,26
Biblionline	2005 - Atual	14	3	0,21
Ci. da Inf. em Revista,	2014 - Atual	5	1	0,20
Revista Analisando em Ci. da Informação	2013 - Atual	6	1	0,16
Brazilian Journal of Inf. Science: Research Trends	2006 - Atual	13	2	0,15
ÁGORA: Rev. do Curso de Arquiv. da UFSC	1985 - Atual	16	2	0,12
AtoZ: novas práticas em inf. e conhecim.	2011 – Atual	8	1	0,12
Com. & Inf.	1998 - Atual	16	2	0,12
Perspectivas em Gestão & Com.	2011 - Atual	8	1	0,12
Revista ACB	1996 - Atual	16	2	0,12
Revista Inter. de Biblio.	1978 - Atual	16	2	0,12
Páginas a&b	1997 - Atual	16	1	0,06

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

A partir dos dados do Quadro 5, observa-se que o periódico Informação & Sociedade: Estudos (Inf. & Soc.: Est) também ocupa

o primeiro lugar neste *ranking*, com o valor representativo de 1,62 pontos, uma vez que tem o maior número de publicações, abrange todo o recorte temporal dessa pesquisa e o número de publicação é maior que o recorte temporal. O periódico é uma referência na área, pois está incluído no *Journal Citation Reports JCR Web (Institute for Scientific Information (ISI -Web of Knowledge))* e tem periodicidade de publicações quadrimestral. Isto posto, percebe-se que o referido periódico demonstra cumprir sua missão, que é contribuir com a área com relevantes trabalhos de abrangência nacional e internacional, principalmente nas discussões acerca da temática Epistemologia e Historiografia da Ciência da Informação.

O periódico *Logeion* adita a segunda colocação com o valor representativo de 1,60 pontos. É necessário ressaltar que o periódico é um dos novos na área, mas já se coloca em destaque mesmo com abrangência de apenas cinco anos no recorte temporal. Este periódico tem periodicidade de publicações semestral e é editado pelo Grupo de Pesquisa Filosofia e Política de Informação, certificado pelo IBICT. Ao publicar trabalhos nos idiomas português, espanhol e inglês, o periódico objetiva acolher as diversas abordagens teóricas e pontos de vista sobre temas filosóficos da área.

Outro destaque é o periódico mais antigo da área no Brasil, *Ciência da Informação*, de Brasília, que atingiu o valor representativo de 1,18 pontos referentes a suas 19 publicações durante o recorte temporal. Esse valor representativo poderia ter sido maior, caso o referido periódico não tivesse enfrentado problemas editoriais que afetaram sua regularidade de publicações entre 2012 e 2016. Sua temática está relacionada às atividades do setor de informação

na ciência, tecnologia e inovação. O periódico é uma referência histórica e conteudista para a área.

O periódico DataGramZero teve sua vigência encerrada em 2016, abrangendo 14 anos do recorte temporal desta pesquisa. Contudo, consegue o valor representativo de 1,14 pontos. Sua contribuição para a temática é considerável, uma vez que publicou 16 artigos sobre a temática no recorte temporal. Vale ressaltar que tinha como Editor-Chefe o professor Aldo Barreto, responsável pela formação de doutores e mestres que trabalham com Epistemologia e Historiografia atualmente.

O periódico Encontros Biblios apresenta 16 artigos nos 16 anos acadêmicos do recorte temporal, atingindo a marca do valor representativo de 1 ponto. O escopo de interesse do referido periódico é de caráter teórico para as perspectivas da Biblioteconomia, Ciência da Informação, Arquivologia e áreas correlatas, sendo que sua periodicidade é quadrimestral.

Diferente de periódicos mais antigos, Informação Arquivística abrange apenas sete dos 15 anos do recorte temporal desta pesquisa, com seis publicações, atingindo o valor representativo de 0,85 ponto. Esse periódico é publicado pela Associação dos Arquivistas do Estado do Rio de Janeiro, sendo que seus trabalhos destacam o campo da Arquivologia e suas relações interdisciplinares, com perspectivas nacionais e internacionais.

Um periódico que se destaca no levantamento dessa pesquisa, conforme o valor representativo, é o PontodeAcesso, com o valor de 0,81 ponto e com 10 publicações sobre a temática em estudo. O referido periódico abrange 12 anos dos 16 anos do recorte tempo-

ral desta pesquisa. É uma revista eletrônica publicada pelo Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, e seus artigos estão relacionados a todas as temáticas desenvolvidas na área da Ciência da Informação, sendo um periódico com representatividade na área.

Outro ponto observado pelos pesquisadores na escolha dos periódicos para publicação de seus artigos é o conceito apresentado pelos periódicos. Esses valores são representados nos estratos Qualis de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). O objetivo do Qualis é relacionar e classificar os periódicos de acordo com sua abrangência (local, nacional ou internacional) e qualidade para as áreas de avaliação (número de exemplares circulantes, número de bases de dados que os indexam, número de instituições que publicam no periódico, entre outros critérios). Os estratos estão divididos em 8 níveis, que vão do conceito mais alto para o mais baixo, a saber: A1, A2, B1, B2, B3, B4, B5 e C.

Apresentam-se, a seguir, no Quadro 6, dados descritivos dos periódicos, quantidade de publicações, representação percentual diante dos 88 artigos recuperados pela busca, e os estratos Qualis atribuídos para o período 2013-2016, disponíveis na Plataforma Sucupira².

² Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/#>. Acesso em jan. 2019.

Quadro 6 – Estratos Qualis dos periódicos recuperados (2013-2016)

Periódicos	f/x	%	Estratos Qualis 2013-2016
Informação & Sociedade: Estudos	26	14,6	A1
Ciência da Informação	19	10,7	B1
Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.,	16	9	A2
DataGramaZero	16	9	B3
Perspectivas em Ciência da Informação	10	5,6	A1
PontodeAcesso	10	5,6	B1
Em Questão	8	4,5	A2
Logeion: Filosofia da Informação	8	4,5	B5
Informação & Informação	6	3,3	A2
Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia	6	3,3	B1
RBBB. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação	6	3,3	B1
Informação Arquivística	6	3,3	B5
InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação	5	2,8	B1
Liinc em Revista	5	2,8	B1
Biblios (Peru)	4	2,2	A1
Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação	3	1,6	B1
Biblionline	3	1,6	B5
IRIS - Revista de Informação, Memória e Tecnologia	2	1,1	B3
Revista Interamericana de Bibliotecología	2	1,1	A2

ÁGORA: Revista do Curso de Arquivologia da UFSC	2	1,1	B1
Brazilian Journal of Information Science: Research Trends	2	1,1	B1
Comunicação & Informação	2	1,1	B2
Revista ACB	2	1,1	B2
Revista Conhecimento em Ação	2	1,1	B5
Convergências em Ciência da Informação	1	0,5	-
Perspectivas em Gestão & Conhecimento	1	0,5	B1
AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento	1	0,5	B2
PÁGINAS a&b	1	0,5	B4
Ciência da Informação em Revista, Maceió	1	0,5	B5
Revista Analisando em Ciência da Informação	1	0,5	B5

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Observando o Quadro 6, percebe-se que os periódicos de Qualis A1 são responsáveis por 22,5% das publicações, enquanto os classificados como Qualis A2 contribuíram com 18% de publicações de trabalhos.

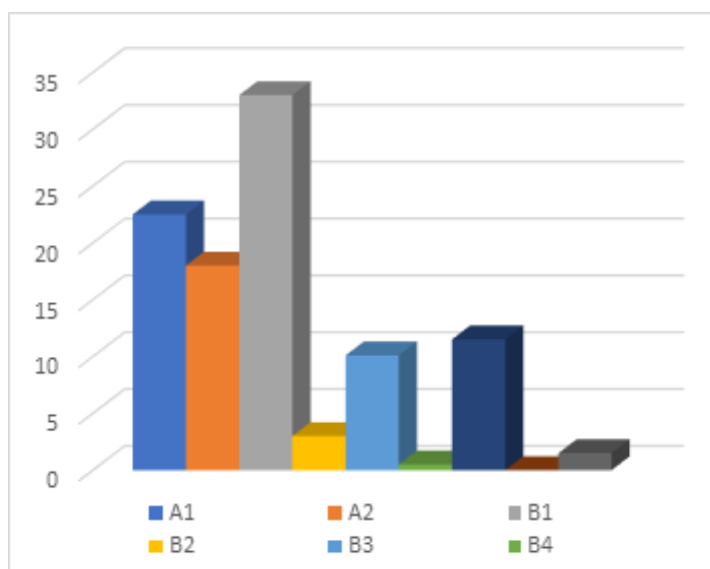
Os periódicos de estratos Qualis B1 publicaram 33% dos trabalhos recuperados, enquanto os dos estratos Qualis B2, B3, B4 e B5 obtiveram, respectivamente 3%, 10%, 0,5% e 11,5% das publicações. Ressalta-se que o estrato Qualis B3, que atinge 10% da representação, é ocupado neste recorte por dois periódicos, DataGramZero (9%) e IRIS – Informação, Memória e Tecnologia (1%).

Para o estrato Qualis B4, apenas um periódico o representa, Páginas A&B – Arquivos e Bibliotecas, com 0,5% da produção total de artigos. O único periódico que não apresenta estrato Qualis

é *Convergências em Ciência da Informação*, o que se justifica pelo fato do seu surgimento ser *a posteriori* do escopo de avaliação, representando 1% das publicações dos artigos do corpus dessa pesquisa. Também se faz necessário registrar que nenhum periódico de estrato Qualis C foi recuperado na busca dos artigos.

Adiante, o Gráfico 3 demonstra em quais Estratos Qualis estão os artigos acerca da temática Epistemologia e Historiografia da Ciência da Informação, permitindo a visualização da concentração dos artigos nos conceitos do Estratos Qualis mais renomados.

Gráfico 3 – Percentual de publicação de artigos de acordo com Estrato Qualis 2013-2016 dos periódicos



Fonte: Dados da pesquisa, 2018

De acordo com o Gráfico 3, as publicações de artigos que tratam da Epistemologia e Historiografia da Ciência da Informação estão concentradas nos níveis mais altos da escala de estratos do Qualis da CAPES. Para os estratos A1 e A2, têm-se a soma de 40,5% dos artigos, e para o estrato B1 têm-se 33% das publicações. Sendo assim, os três principais estratos somam 73,5% das publicações.

Em números inteiros, os estratos apresentam 40 artigos em três periódicos para o estrato A1; 32 artigos em quatro periódicos de estrato A2; 59 artigos publicados em 10 periódicos de estrato B1; 5 artigos em três periódicos para estrato B2; 18 artigos em dois periódicos de estrato B3; um artigo para o estrato B4; 21 artigos em seis periódicos de estrato B5; e para periódico sem estrato Qualis, tem-se apenas um artigo.

Ressalta-se que a observação a partir dos estratos do Qualis não permite o julgamento da qualidade individual dos artigos, pois artigos excelentes, de grande contribuição para área, podem estar nos estratos mais baixos. O referido instrumento permite analisar a constituição dos periódicos, ao atender aos critérios estabelecidos para a avaliação determinados pela Capes. Ademais, como as avaliações são periódicas, pode haver a mudança de posição dos periódicos em relação aos estratos: uns podem avançar para os mais conceituados enquanto outros podem ser rebaixados, devido a diversas situações que venham acontecer, como dificuldade de fomento, disponibilidade de revisores, entre outros.

Nessa busca, também foram verificadas as instituições às quais pesquisadores da área estavam vinculados. Esses dados foram coletados no corpo dos artigos, com intuito de se evidenciar as insti-

tuições mais representativas para a temática epistemologia e historiografia da Ciência da Informação.

Posto isso, apresenta-se a Tabela 3, a seguir, com os referidos dados no intervalo de 2003 a 2018 e com recorte das instituições que mais se destacam. Contabiliza-se um total de 249 ocorrências para as 42 instituições identificadas.

Tabela 3 – Publicações por instituições nos periódicos (2003-2018)

Ano / Instituição	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17	18	Total
UFMG	1	-	-	-	2	1	1	1	3	1	5	4	1	1	2	5	28
UFSC	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1	1	1	-	4	7	8	24
UNIRIO	-	-	-	-	-	-	-	1	4	2	-	2	1	-	5	9	24
IBICT	-	-	-	-	-	1	-	1	4	3	3	1	2	-	2	6	23
USP	-	2	1	-	-	-	1	-	3	2	2	2	2	2	2	4	23
UnB	-	1	-	-	-	-	-	-	3	1	2	1	1	4	4	2	19
UFRJ	-	-	-	-	-	-	-	-	2	3	-	1	1	-	-	7	14
UFPB	-	-	-	1	-	-	-	-	1	1	3	1	1	2	-	3	13
UNESP-MARÍLIA	-	-	-	-	-	1	-	-	2	1	4	2	-	1	-	-	11
UFBA	-	-	-	-	1	-	-	-	1	1	4	-	2	1	-	-	10
UFPE	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	3	2	7	7
UFF	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	1	1	2	-	-	6
UFC	-	-	-	-	1	-	1	-	-	1	-	-	-	1	-	-	4
PUC-CAMPINAS	1	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	3
UFAL	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	2	-	-	3
UFPR	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	1	-	-	-	-	3
UFRGS	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1	3
UEL	-	-	-	1	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Segundo a Tabela 3, a configuração das instituições que são as mais indicadas como vínculos dos autores dos artigos se dá com algumas diferenças de posições no *ranking*, mas com o protagonismo ligado às mesmas instituições que se apresentam nos anais dos GT-1 do ENANCIB.

As instituições com programas de Pós-graduação na área de Ciência da Informação que mais se destacam também estão concentradas na região Sudeste, um resultado semelhante ao encontrado na análise das publicações nos anais do GT-1 do ENANCIB. Contudo, observa-se que poucas instituições do Sul, Nordeste e Centro-Oeste se apresentam nesse núcleo, enquanto a Região Norte não é representada por nenhuma.

Na liderança do protagonismo encontra-se a UFMG, citada como vínculo de pesquisadores em 28 artigos, participando em quase todos os anos com no mínimo uma publicação, exceto para os anos de 2004, 2005, 2006, nos quais não foram constatados artigos no corpus desta pesquisa. A UFMG, que tinha menos ocorrências do que o IBICT nos dados sobre os anais do GT-1, no presente aspecto consegue um número maior de publicações que o Instituto, o qual tem 23 artigos referenciados nos dados extraídos da Brapci.

Todavia, o IBICT mantém posição de destaque diante do debate acerca da Epistemologia e Historiografia da Ciência da Informação. Ainda se ressalta que a UFRJ (14 ocorrências) e a UNIRIO (24 ocorrências) compartilham pesquisadores com o IBICT, o que fez com que, em algumas vezes, deixassem de ser indicadas nos corpos dos artigos. Mesmo diante disso, as duas instituições estão entre as que mais publicaram sobre a temática nos periódicos indexados

na Brapci. Outra instituição do Estado do Rio de Janeiro é a Universidade Federal Fluminense (UFF), com seis artigos também lhe remetendo o vínculo.

Ainda no eixo da Região Sudeste, encontram-se em destaque a Universidade Estadual Paulista/Marília, com 11 artigos, e a Universidade de São Paulo, com 23 artigos, indicando vínculos institucionais dos pesquisadores.

Ao observar essa alta produtividade da região Sudeste, infere-se que esse sucesso resulta da tradição de serem os pioneiros para área no Brasil, pois os primeiros cursos de Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil surgiram nessa região, permitindo o desenvolvimento de pesquisas com relações estritamente epistemológicas cujos resultados trouxeram os primeiros debates conceituais sobre a temática.

Para a Região Centro-Oeste, tem-se a representação da Universidade de Brasília (UnB) entre as instituições que mais se destacam nas publicações, com 19 artigos cujos autores lhe atribuem o vínculo.

Em relação à região Sul, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) divide uma segunda colocação, com 24 artigos de autores vinculados. Percebe-se que nos últimos três anos acadêmicos (2016, 2017 e 2018) a UFSC foi ascendendo exponencialmente, resultando numa concentração de trabalhos visivelmente maior em relação aos anos anteriores.

A região Nordeste apresenta três instituições com programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação que também vêm se destacando no cenário nacional. A primeira instituição é a Univer-

cidade Federal da Paraíba (UFPB), que apresenta 13 artigos cujos vínculos lhe são atribuídos; a segunda é a Universidade Federal da Bahia (UFBA), com 10 artigos, e, em seguida, a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com sete artigos lhe fazendo referência de vínculo institucional.

Ressalta-se que nenhuma instituição da região Norte consegue se configurar dentro do núcleo das organizações mais produtivas para a temática, o que pode ser alterado nos próximos anos, pois a Universidade Federal do Pará (UFPA) recebeu a aprovação de criação de curso de Mestrado em Ciência da Informação da Capes em 2016.

De um modo geral, das 42 instituições que aparecem no recorte da pesquisa quatro são estrangeiras, nas quais os pesquisadores se configuraram como supervisores de pesquisa de pós-doutorado de pesquisadores brasileiros. Vale lembrar que, na estruturação do corpus dessa pesquisa, artigos de autoria exclusiva de autores estrangeiros e não vinculados diretamente a instituições brasileiras não foram considerados objeto de análise.

Identificam-se como instituições estrangeiras a Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Portugal), a Universidade de Coimbra (Portugal) e a Université Toulouse III – Paul Sabatier (França), com um artigo cada.

Para as 39 instituições brasileiras, o quadro geral se configura de modo diversificado para as cinco regiões políticas do país, tendo contribuições de pesquisadores vinculados a diversos órgãos governamentais, universidades, fundações e, também, instituições privadas de ensino superior, mas que tiveram suas formações liga-

das à área da Ciência da Informação no que se refere aos graus de escolaridade superior – graduação, mestrado e doutorado.

Nesse contexto, a Região Norte foi representada apenas pela UFPA com dois trabalhos. A Região Nordeste conta com a representação de nove universidades públicas: a UFPB com 14 artigos, a UFBA com 10 obras, a UFPE com sete estudos, a Universidade Federal do Ceará (UFC) com quatro trabalhos, a Universidade Federal de Alagoas (UFAL) com três pesquisas, além da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), a Universidade Federal do Cariri (UFCA), a UFRN e o Instituto Federal da Paraíba (IFPB) com uma publicação cada. Ressalta-se que, deste grupo, apenas a UFMA não tem programa de pós-graduação em Ciência da Informação.

No prosseguimento da análise, verifica-se que a região Centro-Oeste se vê representada por instituições deveras diversificadas em suas atividades. Como universidades, destacam-se a Universidade Federal de Goiás (UFG), que apresenta dois artigos, não tendo programa de pós-graduação em Ciência da Informação, mas com um programa de Pós-Graduação em Comunicação, e a UnB, com 19 artigos, estando no núcleo de instituições mais produtivas acerca da temática. A referida região ainda conta com a colaboração da Fundação Biblioteca Nacional, Banco Central e Ministério dos Direitos Humanos, com um artigo cada.

Ainda nessa perspectiva, a região Sul conta com a contribuição de sete instituições: duas são universidades privadas e cinco são universidades públicas. O destaque se dá para a UFSC, com 24 referências, colocando-se entre as instituições mais dedicadas à temática; a Universidade Federal do Paraná (UFPR), a Universidade

Estadual de Londrina (UEL) e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) têm três artigos cada; a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) conta com uma publicação; a Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) conta com um artigo publicado, além da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI) com duas publicações.

Por último, chega-se à região Sudeste, com o maior número de instituições identificadas no levantamento de dados dessa pesquisa, com 16 instituições de ensino e pesquisa.

O Estado de Minas Gerais se apresenta com quatro instituições: a UFMG com 28 artigos, configurada como a mais representativa nesse recorte da Brapci, além da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com uma publicação, assim como duas instituições privadas, o Centro Universitário UNA e o Instituto de Educação Tecnológica (IETEC), que foram referenciadas em um artigo cada.

O Estado de São Paulo tem o maior número de instituições nesse grupo, sendo representado por seis instituições: USP com 23 indicações; UNESP/Marília com 11 artigos; PUC-Campinas com três publicações; Universidade de Campinas (UNICAMP) com dois trabalhos, além da PUC-SP e Universidade Federal de São Carlos (UFS-Car) com uma indicação cada.

O Estado do Rio de Janeiro se revela com seis instituições: a UNIRIO com 24 publicações; o IBICT com 24 indicações; a UFRJ com 14 trabalhos; a UFF com 6 artigos; além da Fundação Getúlio Vargas (FGV) com a indicação de um trabalho. Nessa Região, o Estado do Espírito Santo aparece com uma indicação, para Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

A indicação das instituições pode demonstrar o quanto seu papel social está sendo cumprido, daí infere-se que há investimentos em pesquisa, “estímulos a produtividade”, no seu sentido positivo, entre outros fatores da vida acadêmica.

Contudo, muitas vezes, um único autor produz um número considerável de trabalhos na temática, fazendo parecer que há um grande grupo de pesquisadores daquela instituição trabalhando sobre aquele tema. Isso foi constatado nesse recorte, com pesquisadores com alto grau de produtividade fazendo com que parecesse existir um grupo de pesquisadores em uma dada instituição. Também se ressalta que uma instituição deixou de ser mencionada em anos posteriores porque o pesquisador da temática que lhe referenciava mudou de instituição.

Sabe-se que as instituições publicam muitos periódicos com objetivos acadêmicos e que estes passam por avaliação segundo critérios estabelecidos pela Capes, que levam em consideração a periodicidade, avaliação cega por pares, diversidade de instituições às quais estão vinculados os pesquisadores, indexação em renomadas bases de dados. Dentro desses aspectos, os artigos fazem parte dos artefatos da produtividade acadêmica, a qual é um indicador para angariar recursos para fomento de pesquisas, laboratórios, bolsas e eventos acadêmicos de um modo geral.

Dessa forma, as instituições precisam se colocar em evidências por meio de seus pesquisadores, pois, segundo Vanti (2006), as políticas para as atividades científicas são orientadas pelos níveis de desenvolvimentos alcançados por determinada área, a partir da aferição das taxas de produtividade dos pesquisadores envolvidos,

da identificação de instituições e cursos com maiores perspectivas de crescimento e dos determinantes de escalas de prioridades para a distribuição de recursos pelos órgãos financiadores.

A verificação dos autores mais atuantes em relação à temática Epistemologia e Historiografia da Ciência da Informação nos periódicos indexados na Brapci mostrou uma configuração diferente no grupo núcleo de pesquisadores em relação ao núcleo duro do GT-1.

Para um melhor entendimento, apresentam-se, no Quadro 7, os pesquisadores com as maiores frequências de publicação de artigo acerca da temática, a partir dos termos descritores inseridos para a recuperação automática na Brapci.

Quadro 7- Pesquisadores mais frequentes nos artigos publicados em periódicos indexados na Brapci
(2003-2018)

Autoria	f/x	Anos
Gustavo da Silva Saldanha	20	2008, 2010, 2011, 2011, 2012, 2012, 2012, 2013, 2014, 2015, 2017, 2017, 2018, 2018, 2018, 2018, 2018, 2018, 2018, 2018
Solange Puntel Mostafa	13	2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2017, 2017, 2018, 2018, 2018
Igor Soares Amorim	8	2014, 2017, 2017, 2017, 2018, 2018, 2018, 2018

Carlos Alberto Ávila Araújo	7	2010, 2013, 2013, 2014, 2014, 2016, 2018
Jonathas Luiz Carvalho Silva	7	2007, 2012, 2013, 2013, 2013, 2015, 2015
Rodrigo Rabello	6	2008, 2010, 2011, 2013, 2013, 2018
Henriette Ferreira Gomes	5	2011, 2013, 2013, 2015, 2016
Marisa Bräscher	5	2011, 2012, 2017, 2017, 2018
Angelica Alves da Cunha Marques	4	2013, 2015, 2016, 2017
Marivalde Moacir Francelin	4	2003, 2004, 2015, 2018
Clarice Fortkamp Caldin	3	2016, 2017, 2018
Elizete Vieira Vitorino	3	2011, 2016, 2018
Isa Maria Freire	3	2014, 2015, 2018
Juliana Lazzaroto de Freitas	3	2010, 2010, 2014
Leilah Santiago Bufrem	3	2010, 2010, 2014
Miriam Paula Manini	3	2016, 2017, 2017
Murilo Artur Araújo da Silveira	3	2017, 2017, 2018
Silvana Drumond Monteiro	3	2006, 2007, 2008
Sônia Elisa Caregnato	3	2017, 2017, 2018
Valéria Cristina Lopes Wilke	3	2011, 2012, 2015
William Barbosa Vianna	3	2016, 2017, 2018

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

No total de pesquisadores identificados, têm-se 196 autores de diferentes instituições. O Quadro 7 apresenta 21 pesquisadores que publicaram mais de dois artigos recuperados na Brapci.

A liderança do núcleo duro desses pesquisadores está com o professor Gustavo Saldanha (UNIRIO/IBICT), com a marca de 20

artigos publicados acerca da temática. Ressalta-se que o referido pesquisador também divide o protagonismo da liderança do GT-1, demonstrando ser um pesquisador de grande produtividade da área, nível que o coloca como bolsista de produtividade do CNPq. Em relação à publicação de artigos, o autor vem publicando desde 2008, sendo que em 2009 e 2016 não houve publicações do autor para a temática. Suas pesquisas de mestrado e doutorado foram voltadas para a perspectiva mais filosófica, dentro do espectro da Ciência da Informação, colocando-o como um dos novos pesquisadores que mais evidencia a referida temática na área. Em 2018, o autor publicou oito artigos sobre a epistemologia e historiografia da Ciência da Informação.

Com 13 publicações acerca da temática epistemologia, tem-se a pesquisadora Solange Mostafa (USP) que, além dos artigos, publica constantemente livros e capítulos de livros com a referida temática e são reconhecidos na área. Sua pesquisa de doutorado trabalhou com a epistemologia da biblioteconomia.

Prosseguindo a observação do Quadro 7, tem-se Igor Amorim (UFSC), mestre em Ciência da Informação, com a publicação de oito artigos. O pesquisador desenvolve pesquisa sobre a análise de domínio hjørlandiana baseada em Deleuze, além de ter alguns trabalhos em parceria com a professora Solange Mostafa.

Ainda dentro do grupo mais produtivo, têm-se o pesquisador Carlos Alberto Ávila Araújo (UFMG) que apresenta sete artigos recuperados pelos termos de busca dessa pesquisa. O autor é um dos pesquisadores produtivos acerca da historiografia da área, e também já escreveu livros e capítulos de livros acerca da temática.

Também com sete artigos publicados, o pesquisador Jonathas Luiz Carvalho Silva (UFCA) vem trabalhando a temática desde suas pesquisas de mestrado e doutorado. Outro pesquisador que se destaca é Rodrigo Rabello (UnB), o qual apresenta seis publicações e trabalha regularmente com a temática desde a pesquisa de doutorado.

Ressalta-se que vários pesquisadores poderiam ter contribuído com outros artigos relacionados à temática se os termos indexadores tivessem coincidido com os utilizados nessa pesquisa: epistemologia, historiografia e filosofia da Ciência da Informação. Isso foi verificado em busca pelos nomes dos autores, que trouxe mais artigos sobre a temática do que os apresentados pela recuperação a partir dos termos já mencionados. Mas, por delimitação do tempo, não se poderia fazer uma pesquisa individual, até para não se cometer o equívoco de esquecer algum pesquisador.

Exposto isso, nesse contexto, a Lei de Lotka se evidencia novamente, pois percebe-se ainda que um pequeno grupo de autores produz regularmente sobre a temática para os periódicos.

Contudo, em percentuais, o número de pesquisadores que publicaram uma única vez se mostra bem mais elevada do que os 60% preceituados pela referida lei. Nesse recorte, 78% dos pesquisadores publicaram uma única vez sobre a temática, 11,2% dos autores contribuíram com dois artigos, 5,6% dos autores apresentaram três artigos, enquanto 5,1% dos pesquisadores publicaram a partir de quatro pesquisas. Uma possível justificativa estaria ligada às políticas de publicações que seguem com regras mais rígidas em relação aos anais de eventos, quando há restrições a diversas características de perfis de autores.

4.3 O grupo de elite a partir do GT-1 e da Brapci

Ao se investigar a produtividade dos pesquisadores por meio de duas fontes, anais do GT-1 da ANCIB e Brapci, constatou-se que dois grupos diferentes se caracterizam como núcleos temáticos da área: um está relacionado aos anais do referido GT, enquanto o outro grupo está vinculado à Brapci.

Nesse contexto, levando em consideração a produtividade a partir de cinco artigos em cada instrumento de publicação científica do corpus dessa pesquisa, apenas três pesquisadores participam dos dois grupos: Gustavo Saldanha, Jonathas Carvalho e Rodrigo Rabelo. Se o recorte se der a partir de quatro publicações para cada instrumento, são incluídas ao grupo mais dois autores, Solange Mostafa e Angélica Marques. Evidencia-se, desse modo, que quando se trata da temática, há dois núcleos pequenos que trabalham com regularidade para cada segmento de publicação de pesquisas.

Para criar um *ranking* de autores mais atuantes do GT-1 e de periódicos indexados na Brapci, soma-se a produção em cada um dos artefatos e se apresenta a Tabela 4, demonstrando os pesquisadores que mais se destacam de um modo geral para a temática em tela.

Tabela 4 – Autores mais atuantes na temática Epistemologia e Historiografia da Ciência da Informação a partir do GT-1 e da Brapci

Autores	f/x GT-1	f/x Brapci	Σ f/x GT-1 e Brapci
Gustavo da Silva Saldanha	16	20	36
Edivanio Duarte de Souza	16	1	17
Solange Puntel Mostafa	4	13	17
Jonathas Luiz Carvalho	9	7	16
Isa Maria Freire	12	3	15
Lena Vania Ribeiro Pinheiro	13	2	15
Maria Nelida Gonzalez de Gomez	13	2	15
Angelica Alves da Cunha Marques	9	4	13
Georgete Medleg Rodrigues	13	0	13
Icléia Thiesen	10	1	11
Rodrigo Rabello	5	6	11
Carlos Alberto Ávila Araújo	2	7	9
Igor Soares Amorim	0	8	8
Cristina Dotta Ortega	5	2	7
Eduardo Ismael Murguia	6	1	7
Henriette Ferreira Gomes	2	5	7
Lídia Silva de Freitas	7	0	7
Zayr Cláudio Gomes da Silva	7	0	7
Claudia Bucceroni Guerra	6	0	6
Evelyn Goyannes Dill Orrico	6	0	6
Luciana de Souza Gracioso	5	1	6
Marcia Heloisa T. de Figueredo Lima	6	0	6
Marivalde Moacir Francelin	2	4	6
Marlene de Oliveira	4	2	6

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Para uma análise mais geral da produtividade dos pesquisadores da temática Epistemologia e Historiografia da Ciência da Informação, contabilizam-se 442 pesquisadores, sendo que, desses, 246 (55,5%) publicaram apenas nos anais do GT-1 dos ENANCIB, enquanto 130 (29,5%) dos autores publicaram apenas nos periódicos indexados na Brapci. Nesse conjunto, 66 (15%) dos pesquisadores conseguiram publicar nos dois tipos de veículos de comunicação científica. Vale ressaltar que 312 pesquisadores publicaram nos anais do GT-1 e 196 autores publicaram nos periódicos indexados na Brapci.

Ainda na análise descritiva, e evidenciando os preceitos da Lei de Lotka, os pesquisadores que apresentam apenas uma contribuição totalizam o número de 316 indivíduos, ou seja, 71,5% dos pesquisadores; 54 (12%) autores publicaram dois artigos cada; 22 (5%) pesquisadores contribuíram com três artigos; 14 (3%) pesquisadores publicaram quatro artigos; e, a partir de cinco publicações, têm-se 36 (8%) pesquisadores.

Diante do exposto, ao mesmo tempo em que denotam uma característica de inserção de novos pesquisadores, os dados evidenciam um grau de rotatividade muito forte nos dois canais de comunicação científica, o que pode ser compreendido como um elemento de participação de autores compartilhando os resultados de pesquisas em autoria única ou em regime de colaboração. E pode ressaltar, também, o caráter democrático das participações dos pesquisadores nas publicações, em especial no que diz respeito ao acompanhamento dos resultados de pesquisas na pós-graduação.

Numa coordenada cartesiana, a distribuição da produtividade dos autores se deu de forma muito inclinada, o que remete a Lei do Elitismo de Solla Price (1965), a qual se aplica o princípio da raiz quadrada ao número total de pesquisadores para saber o grupo de elite de uma determinada disciplina. Para o grupo formado a partir da soma da produtividade nos anais do GT-1 dos ENANCIB e nos periódicos indexados na Brapci, tem-se o resultado de 21 indivíduos para de pesquisadores. Contudo, o autor que ocupa a 21^a posição, na Tabela 4, publicou seis trabalhos e, dessa forma, todos os outros pesquisadores que apresentarem o mesmo quantitativo de obras deveriam estar inseridos no grupo de elite da temática, o que elevou o número para 24 pesquisadores.

Nesse contexto, o campo científico se torna um ambiente altamente competitivo, onde, conforme Bourdieu (1983), a luta pelo monopólio da autoridade científica acontece, sendo a autoridade científica entendida como a capacidade de falar e agir legitimamente no contexto da ciência e como poder social. Na leitura a partir de Silva e Hayashi (2012), é o espaço do conflito e da concorrência, onde se busca esse monopólio pela capacidade técnica e pelo poder social, e também se configura como luta pela conservação e/ou transformação do *status quo*.

Por isso, não se deve observar a produção só a partir da alta produtividade, pois trabalhos de autores não localizados no elitismo podem oferecer significantes contribuições para a ciência. O pesquisador pode não ser tão produtivo para a temática em questão, mas pode estar no grupo de elite de uma outra temática, assim como pode pertencer ao grupo de frente de pesquisa (os mais

citados) com apenas um único trabalho. Por isso, as questões de aspectos sociais devem ser observadas, como aponta Urbizagastegui-Alvarado (2009).

Algumas vezes, as regras do jogo não são tão democráticas, uma vez que os corpos editoriais dos periódicos estão concentrados no grupo de elite. Os maiores produtores de artigos publicados têm a titulação de doutor e estão vinculados a uma instituição que lhes proporciona o poder institucional e, conseqüentemente, concede-lhes o poder específico, conceitos apropriados de Bourdieu por Urbizagastegui-Alvarado (2010).

O capital científico (reconhecimento pelos pares), conforme Bourdieu (1983, p. 172), monetiza-se pelas contribuições que efetivamente se faz ao campo, trazidas pelos pesquisadores, pois

[...] não há ‘escolha’ científica [...] que não seja uma estratégia política de investimento objetivamente orientada para a maximização do lucro propriamente científico, isto é, a obtenção do reconhecimento dos pares concorrentes.

Romper as barreiras do elitismo para também participar dele é o objetivo de muitos jovens pesquisadores que devem, segundo Bourdieu (1983, p. 122), atender aos comportamentos imperativos da área, “sendo-lhe reconhecido um papel ou posição que lhe permita falar autorizadamente sobre determinado objeto ou tipo de realidade”. Isso quando não lhes são expostas algumas relações de poder constituídas pelos comportamentos aéticos.

Contudo, a maioria dos trabalhos recuperados nos anais do GT-1 e nos periódicos indexados na Brapci foi construída em regime de colaboração, o que será visto mais adiante, sendo que muitos

dos pesquisadores que apresentam poucas publicações na temática são orientados dos pesquisadores que estão no grupo de elite ou que dele se aproximam. Isso caracteriza um ambiente mais colaborativo quando é visto de forma mais intrínseca, mas quando se observa de um ponto de vista mais holístico, considerando todos os componentes dessas relações, é perceptível a competição, pois quando um pesquisador se destaca dentro de um grupo o capital científico lhe é outorgado e a compensação se materializa em bolsas de produtividade, bolsas de pesquisa, entre outros, uma vez que as políticas de fomento estabelecem cotas para as áreas, estimulando a competição.

Se o recorte das agências de fomento se desse a partir do corpus desta pesquisa, o efeito Mateus de Merton (1977) privilegiaria os pesquisadores expostos na Tabela 4, dando-lhes vantagens e prestígio diante dos outros pesquisadores que não se encontram no grupo de elite da referida temática. Esse efeito é uma alusão ao Evangelho segundo Mateus, o qual versa que a todos que têm mais lhes será dado em abundância, enquanto aquele que não tem, até aquilo que tem lhe será tirado. Merton (1977) traz isso para o estudo da sociologia das ciências, dizendo que o reconhecimento acadêmico é galardoado aos pesquisadores mais produtivos. Além disso, o autor demonstra que há uma estratificação no sistema científico, do qual, nesta pesquisa, faz-se o recorte para a comunicação científica, com honorífico prestígio, recursos científicos e poder sobre os meios de comunicação da ciência.

A estratificação é que coloca esse comportamento como produtor de desigualdades, pois coloca à marginal, também, aqueles que

possuem um alto grau de produtividade, mas cujas instituições não têm renome social, o que deixa seus possíveis concorrentes com vantagens para obter as benesses da vida acadêmica.

Os resultados alcançados por parte desta pesquisa foram almeçados com o intuito de identificar o coletivo de pesquisadores que dão suporte, continuidade e consistência ao trabalho epistemológico e historiográfico da Ciência da Informação. Assim, a Hipótese 1 dessa pesquisa foi lidimada com a confirmação de que há um pequeno grupo de pesquisadores que trabalham regularmente a temática Epistemologia e Historiografia da Ciência da Informação, denominado de grupo de elite.

A Hipótese 3 também obteve a ratificação do seu enunciado, ao se constatar que o grupo de elite dos anais do GT-1 dos ENANCIB tem uma configuração diferente do grupo de elite dos periódicos da Brapci, sendo que apenas quatro pesquisadores se encontram nos dois grupos: Gustavo Saldanha (UNIRIO/UFRJ/IBICT), Jonathas Carvalho (UFCA), Isa Maria Freire (UFPB) e Angélica Marques (UnB).

Duas questões da problemática já foram respondidas: a primeira, sobre a identificação dos pesquisadores que mantiveram regularidade de publicações acerca da temática nos dois tipos de veículos de comunicação científica; a segunda questão estava direcionada à verificação de quais periódicos indexados na Brapci vem publicando acerca da temática. Para tanto, foram feitos os *rankings* das instituições e dos pesquisadores, os agrupamentos, conforme a produtividade, dos periódicos, verificação do desenvolvimento das publicações nos meios de comunicação científica e verificação do *status quo* dos periódicos por meio dos estratos Qualis 2013-2016.

Isso posto, segue-se para a continuidade da pesquisa, trazendo na próxima seção a identificação dos autores do grupo da frente de pesquisa da temática a partir dos anais do GT-1 e dos periódicos indexados na Brapci.

A produtividade dos pesquisadores pode lhes proporcionar o capital científico, a autoridade científica, prestígio, reconhecimento e celebridade, bem como suas derivações. Esses são recursos científicos que, no acumulado, aumentam a notoriedade do pesquisador e/ou de seus trabalhos. Nesse sentido, percebe-se que quanto maior a quantidade de trabalhos do pesquisador, mais próximo ele estará do grupo da elite sobre determinada temática, e quando se trata das perspectivas qualitativas do seu trabalho ele pode estar no grupo de pesquisadores que compõem o grupo de frente de pesquisa.

Segundo Urbizagastegui-Alvarado (2009, p. 78), “existe alta correlação entre a qualidade e a quantidade das publicações, em razão de que o êxito na publicação renova os esforços para mais publicações”, mas quando os trabalhos são rejeitados por um veículo de comunicação científica pode acontecer a inibição de uma possível submissão de trabalhos novamente.

Ser um autor produtivo tem sua glória, o que confere possibilidade de ter fomento para suas pesquisas, mas protagonizar juntamente com outros pesquisadores a produção de trabalhos mais citados pelos pares é o paraíso acadêmico em sua essência, o reconhecimento da qualidade do trabalho para validar uma ideia ou refutar outra, assim como contextualizar o andamento do seguimento de uma pesquisa.

Nesse sentido, buscou-se identificar a comunidade que se configura como grupo de frente de pesquisa da epistemologia e historiografia da Ciência da Informação, a partir das citações dos trabalhos dos anais do GT-1 dos ENANCIB e dos periódicos indexados na Brapci.

Nessa perspectiva, nos anais do GT-1 foram identificadas 7.842 referências nos trabalhos publicados no recorte temporal desta pesquisa (2003-2018), entre autores, instituições, leis, dicionários e *sites* que configuraram corpus de pesquisas. Já os artigos de periódicos indexados na Brapci apresentaram um total de 5.362 referências a trabalhos, nos mesmos moldes do GT-1.

Essas referências passaram a fazer a composição do corpus da pesquisa, e para seu tratamento, com vistas à análise, foi necessário fazer a exclusão de referências que traziam como autores principais as entidades, leis, dicionários e sites que não configuravam a autoria (ou coautoria) pessoal de uma obra, uma vez que o objetivo é identificar o grupo frente de pesquisa da temática. Também foram retiradas dos dados da análise as autocitações.

Na identificação desses autores constatou-se a existência de dois perfis para análise: um de autores brasileiros, que é a essência dos objetivos desta pesquisa; e outro grupo de pesquisadores internacionais, cujos trabalhos influenciam diretamente os trabalhos dos pesquisadores brasileiros.

Nos anais do GT-1 foram identificados 2.829 autores e coautores diferentes citados nos trabalhos, e nos periódicos indexados na Brapci foram identificados 2.572 autores e coautores. Diante da dificuldade temporal para análise desses dados, aplica-se aqui o prin-

cípio da raiz quadrada ao número total de pesquisadores citados, remetendo mais uma vez à Lei do Elitismo de Solla Price (1965), mas, neste contexto, usada para identificar a frente de pesquisa.

De modo que para o GT-1, considerando $\sqrt{2.829}$, o grupo frente de pesquisa é constituído pelos referenciados até a 53^a posição, posições ocupadas por autores que foram referenciados 25 vezes ou mais. Já para os artigos de periódicos indexados na Brapci, considera-se a $\sqrt{2.572}$ e o grupo frente de pesquisa será formado pelos autores até a 51^a posição. Como o pesquisador que ocupa essa posição foi referenciado 16 vezes, número igual ao que ocupa a 53^a posição, a escala será abrangente a essa posição também.

Como decorrência, apresentam-se os grupos sob esses dois aspectos, a começar pela influência internacional nas citações dos trabalhos publicados nos anais do GT-1 dos ENANCIB, como pode ser visto no Quadro 8.

Quadro 8 - Autores internacionais mais citados nos anais do GT-1

Autores	Referências	Autores	Referências
CAPURRO, R	156	BELKIN, Nicholas J	38
SARACEVIC, T	131	DELEUZE, G	38
FOUCAULT, Michel	121	LATOUR, B	36
HJORLAND, B	108	BROOKES, Bertram	35
FROHMANN, Bernd	103	WITTGENSTEIN, Ludwig	35
WERSIG, Gernot	80	LE COADIC, Yves-François	34
BOURDIEU, Pierre	78	KUHN, Thomas Samuel	33
HABERMAS, Jürgen	63	ZINS, Chalm	33
BUCKLAND, Michael Keeble	62	RENDÓN ROJAR, Miguel Angel	32
BORKO, Harold	55	SOUSA SANTOS, Boaventura de	30
LÉVY, Pierre	50	BURKE, Peter	28
OTLET, Paul	50	CASTELLS, Manuel	28
SHERA, Jesse H	44	COUTURE, Carol	28
SILVA, A.M.	44	DURANTI, Luciana	26
LE GOFF, J	41	NEVELING, U	26
FLORIDI, L	40	MIKHAILOV, A. I.	25
MORIN, Edgar	40		

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

O Quadro 8 apresenta 33 pesquisadores de instituições estrangeiras, mas suas ideias estão em forma de interdiscursos na literatura brasileira.

Alguns desses pesquisadores não trabalham diretamente com a Ciência da Informação, contudo fornecem insumo conceituais para os debates acerca dos processos e as relações a partir do objeto informação (diversos autores), compreensão do campo científico (Pierre Bourdieu), relações de poder a partir do discurso (Michel Foucault), agir comunicativo (Jürgen Habermas), concepções da História sobre a memória (Jacques Le Goff), epistemologia da complexidade (Edgar Morin), conceitos de rede (Manuel Castells), rizoma como movimento de criação (Gilles Deleuze), estudos sociais da ciência (Bruno Latour), filosofia da linguagem (Ludwing Wittgenstein), filosofia da ciência (Thomas Kuhn), epistemologia (Boaventura de Sousa Santos) e as concepções historiográficas e conceituais da história social do conhecimento (Peter Burke). Esses são pensadores que influenciaram as concepções conceituais da Ciência da Informação, permitindo que as ideias da área se configurem no contexto das ciências sociais.

Dos 33 pesquisadores internacionais, 22 (66,5%) têm relações diretas com o desenvolvimento da Ciência da Informação: são os maiores pensadores da área e referência para os demais pesquisadores. Suas ideias, de certo modo, colocaram a Ciência da Informação em um desenvolvimento contínuo e em um patamar de respeitabilidade diante de outras ciências.

O professor Rafael Capurro é o pesquisador que, no GT-1, teve o maior número de referências (R). Foram 156 artigos que o refe-

renciaram, principalmente ao seu trabalho de 2003, publicado nos anais do IV ENANCIB, onde abordou exclusivamente a epistemologia da Ciência da Informação a partir das concepções paradigmáticas. Em seguida tem-se Tefko Saracevic, com 131 referências a seus trabalhos sobre a evolução da Ciência da Informação, principalmente o texto de 1996, publicado no periódico *Perspectivas em Ciência da Informação*. Outro autor bem referenciado na área é Birger Hjørland com 131 ocorrências de referências para seus trabalhos. O autor também estabeleceu parcerias com Rafael Capurro para produção de uma pesquisa sobre a epistemologia da área. Hjørland é convocado, também, para discutir a análise de domínio nas concepções da organização do conhecimento.

Adiante, tem-se o pesquisador Bernd Frohmann com 103 ocorrências de referências, trabalhando os discursos e a documentação, concebendo a informação com caráter social, material e público. Na perspectiva de perceber a Ciência da Informação sob as concepções das teorias sociais, tem-se Gernot Wersig, referenciado 80 vezes nesse recorte e que elaborou um modelo de rede conceitual para a Ciência da Informação. Juntamente com Wersig, Ulrich Neveling (com 26 referências) investigou o fenômeno de interesse da Ciência da Informação, o que inspirou Isa Maria Freire a procurar a consciência possível da área em sua tese de doutorado. Michel Buckland, com 62 referências a seus trabalhos, vem discutir a natureza da Ciência da Informação, enquanto Harold Borko, com 55 referências, é usado como fonte do primeiro conceito da Ciência da Informação. Na discussão acerca da relação entre informação e sociedade, no conceito de tecnologias intelectuais,

tuais, a abordagem é baseada em Pierre Lévy, com 50 referências a seus trabalhos.

Paul Otlet, referenciado 50 vezes, é percebido na historiografia e questões conceituais da documentação. Nessa perspectiva, aparecem Carol Couture (28 R) com os fundamentos da arquivologia, Luciana Duranti (26 R), contribuindo com os estudos dos registros documentais contemporâneos, e Armando Malheiros e Silva (44 R), com o conceito pós-custodial na arquivística. Outro pesquisador com bastante ocorrências de referências a seus trabalhos é Jesse Shera (44 R), que aborda os conceitos da corrente humanística da Escola de Chicago para Biblioteconomia e para Ciência da Informação.

Em uma concepção mais filosófica, Luciano Floridi (40 R) é usado para conceituar a filosofia e ética da informação, conceitos em alta na área, sendo o referido autor um precursor desses conceitos. Nessa discussão epistemológica, Zins (33 R) é utilizado para se contrapor ao termo Ciência da Informação, pois o referido filósofo defende o conceito Ciência do Conhecimento. Já o professor Miguel Rendón Rojar (32 R) defende o aprofundamento dos estudos acerca dos preceitos epistemológicos da área.

Nesse direcionamento, ainda se tem Yves-François Le Coadic (34 R) para estabelecer uma historiografia para área, além de enriquecer a discussão sobre a epistemologia a partir da visão paradigmática. Também se adicionam, às discussões as visões teóricas da Ciência da Informação de viés soviético, a partir dos trabalhos teóricos de Alexander Ivanovich Mikhailov (25 R), e as concepções dos fundamentos teóricos da Ciência da Informação por Bertram

Brookes (35 R). Por fim, Nicholas Belkin (38 R) é utilizado para os conceitos de biblioteca digital e os preceitos de recuperação da informação.

Nessa direção de observação das referências para os autores internacionais, o Quadro 9 traz os pesquisadores mais referenciados a partir dos artigos de periódicos indexados na Brapci. Alguns autores se repetem, enquanto outros emergem para uma diversificação maior de discussões teórico-metodológicas. As referências se deram no contexto de conceitualização de perspectivas da área.

Quadro 9 - Autores internacionais mais citados nos artigos de periódicos indexados na Brapci

Autores	Referências	Autores	Referências
CAPURRO, Rafael.	119	BOURDIEU, P	24
DELEUZE, Gilles	85	SANTOS, Boaventura de Sousa	24
HJØRIAND, B	82	SILVA, Armando Malheiro da	22
SARACEVIC, T.	60	LÉVY, P	21
WERSIG, Gernot	50	MIKHAILOV, A	20
FLORIDI, Luciano	49	POMBO, Olga	20
SHERA, Jesse H	43	POPPER, Karl Raimund	19
BUCKLAND, Michel K	41	RENDÓN ROJAS, M. Á	19
GUATARRI, F.	41	WITTGENSTEIN,	19
BROOKES, B. C	40	BELKIN, N. J	18
MORIN, E	37	CASTELLS, Manuel	18
FROHMANN, B	35	BUNGE, M	17
FOUCAULT, M	32	RIBEIRO, Fernanda	17
BORKO, Harold	30	BURKE, P	16
KUHN, T. S	30	CRONIN, B	16
LE COADIC, Yves-François	30	DAY, Ronald	16
HABERMAS, J	27	HOFKIRCHNER, Wolfgang	16
RAYWARD, W	25	LATOUR, B	16

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Apresentam-se 36 pesquisadores internacionais, dos quais 28 formaram também o grupo de frente internacional de pesquisa dos anais do GT-1.

Um dos autores é Rafael Capurro, com 119 referências (R) a seus trabalhos nos artigos de periódicos indexados na Brapci, ocupando a primeira posição em ambos os grupos, mesmo em relação aos pesquisadores brasileiros. Juntam-se a esse grupo Gilles Deleuze (85 R), Birger Hjørland (82 R), Tefko Saracevic (60 R), Gernot Wersig (50 R), Luciano Floridi (49 R), Jesse Shera (43 R), Michel Buckland (41 R), Bertram Brookes (40 R), Edgar Morin (37 R), Bernd Frohmann (35 R), Michael Foucault (32 R), Harold Borko (30 R), Thomas Kuhn (30 R), Yves-François Le Coadic (30 R), Jürgen Habermas (37 R), Pierre Bourdieu (24 R), Boaventura de Sousa Santos (24 R), Armando Malheiro da Silva (22 R), Pierre Lévy (21 R), Alexander Ivanovich Mikhailov (20 R), Miguel Ángel Rendón Rojas (19 R), Ludwig Wittgenstein (19 R), Nicholas Belkin (18 R), Manuel Castells (18 R), Peter Burke (16 R) e Bruno Latour (16 R).

Diferentemente dos autores anteriormente citados, os pesquisadores a seguir são autores internacionais que pertencem apenas ao grupo internacional de frente de pesquisa dos artigos de periódicos indexados na Brapci. Primeiramente, tem-se o psicanalista e filósofo Félix Guatarri, com 41 referências, com trabalho para Ciência da Informação em coautoria com Deleuze, que trazia os conceitos da filosofia para a referida área. Outro pesquisador nesse grupo de frente de pesquisa é Rayward (25 R), bibliotecário e bibliográfico de Paul Otlet, e seus trabalhos contribuem com a historiografia da Ciência da Informação.

Nesse direcionamento, Cronin (16 R) contribui para área com críticas à perspectiva interdisciplinar da área, defendendo a Ciência da Informação como estudo teórico das propriedades da informação. Ronald Day (16 R) também segue uma linha mais historiográfica da informação, conhecimento, comunicação e documentação. Wolfgang Hofkirchner (16 R) influencia os pesquisadores da área com uma teoria emergente, a da informação unificada. Já Olga Pombo (20 R) é referenciada para os conceitos de interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. Com caminhos semelhantes, Karl Popper (19 R) e Mario Bunge (17 R) influenciam os pesquisadores brasileiros com os preceitos da filosofia das ciências, enquanto Fernanda Ribeiro (17 R) tem seus trabalhos direcionados a preceitos epistemológicos da Ciência da Informação e formação teóricas das disciplinas arquivísticas.

A frente brasileira de pesquisa é composta por pesquisadores, muitos deles componentes do grupo de sobre a temática, como pode ser visto na Tabela 5 para o GT-1 e artigos de periódicos indexados na Brapci.

Tabela 5 - Frente brasileira de pesquisa sobre a temática a partir do GT-1 e dos artigos de periódicos indexados na Brapci

Autores	Referências GT-1	Referências Brapci	ΣGT-1 e Brapci
GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N.	207	94	301
PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro	128	56	184
JAPIASSU, Hilton Ferreira	57	35	92
ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila	42	36	78
BARRETO, Aldo de Albuquerque	47	26	73
MOSTAFA, S. P	31	26	57
SMIT, Johanna W	36	20	56
FREIRE, I. M	38	13	51
FONSECA, Maria Odila	33	15	48
JARDIM, José Maria	29	15	44
MARTELETO, Regina Maria	25	18	43
TÁLAMO, Maria de Fátima G. M	25	17	42
LOUREIRO, José Mauro Matheus	27	14	41
ORTEGA, Cristina D	25	13	38
KOBASHI, N. Y	21	16	37
LARA, M. L. G	15	18	33
OLIVEIRA, Marlene	23	10	33
NOVA CRUZ, Denise. V	10	21	31
ROBREDO, Jaime	16	15	31
FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo	15	13	28
SILVA, Manoel Cícero Peregrino da	27	-	27
RABELLO, Rodrigo	11	15	26
FREIRE, P	8	16	24
SALDANHA, Gustavo S	19	5	24
FREITAS, Lúdia S	18	-	18

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

No grupo que se apresenta na Tabela 5, alguns autores não fazem parte da produção acadêmica da Ciência da Informação e são referenciados na área na mesma perspectiva sob a qual as demais ciências o fazem: utilizar ideias gerais para a compreensão da realidade sob o ponto de vista da Ciência da Informação.

O pesquisador Hilton Ferreira Japiassu foi referenciado 57 vezes nos anais do GT-1 e 35 vezes nos artigos de periódicos indexados na Brapci. Apesar de não fazer parte dos docentes da Ciência da Informação, suas obras influenciam constantemente a área com perspectivas epistemológicas das ciências e concepções de interdisciplinaridade. O referido autor foi coorientador de doutorado de um dos pesquisadores do recorte de 50 autores. Já o Patrono da Educação Brasileira, Paulo Freire, referenciado 16 vezes em artigos da área e 8 vezes nos anais do GT-1, não teve uma relação profissional tão próxima da Ciência da Informação, mas seu legado para área está direcionado, principalmente, para perceber a relação entre a Ciência da Informação e a Educação, por meio dos preceitos conceituais da socialização.

Os demais pesquisadores têm relações diretas com a Ciência da Informação, sendo que alguns trabalham com a temática epistemológica da área, na medida em que tiveram passagem sobre a temática, mas direcionam suas pesquisas para outras áreas do campo, levando os elementos conceituais dos domínios para os quais se dedicam.

Na linha epistemológica, a frente de pesquisa é ocupada também por pesquisadores pertencentes ao grupo de elite, como Maria Nélida González de Gómez, Lena Vania Pinheiro, Isa Maria Freire,

Solange Puntel Mostafa, Carlos Alberto Araújo, Rodrigo Rabelo, Cristina Ortega, Gustavo Saldanha, Marlene Oliveira e Lídia Freitas.

A professora Maria Nélide González de Gómez é a autora mais referenciada, tanto nos anais do GT-1 quanto nos artigos de periódicos, pelos demais pesquisadores da área. Nos anais do GT-1, obteve a marca de 207 referências e nos periódicos atinge 94 ocorrências de referências. A pesquisadora é considerada a referência filosófica para área e seus trabalhos estão direcionados, na maioria, aos preceitos de políticas de informação, desenvolvendo o arcabouço para visualização dos elementos do regime de informação.

Em seguida, tem-se a professora Lena Vania Ribeiro Pinheiro, que também se destacou no GT-1 e Brapci, sendo referenciada 128 vezes nos anais e 56 vezes nos artigos de periódicos. Seus trabalhos debatem as questões de interdisciplinaridade e transdisciplinaridade a partir dos preceitos epistemológicos das ciências, além de, também, contribuir para a construção da historiografia da área.

Nessa perspectiva, ainda identificou-se Carlos Alberto Araújo (42 R no GT-1 e 36 R na Brapci) com trabalhos que embasam a construção de análises epistemológicas e historiográficas da Ciência da Informação, assim como a relação desta com as disciplinas Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia.

Para os preceitos historiográficos, conta-se com a colaboração de Gustavo Freire (15 R no GT-1 e 13 R na Brapci) que vem trabalhando sobre a temática com um grupo de pesquisa direcionada à área, com orientações de pós-graduação e com publicações de livros.

Ainda nesse direcionamento, encontra-se a pesquisadora Isa Maria Freire, a qual foi referenciada 38 vezes no GT-1 e 13 vezes na

Brapci, sendo fonte para busca da consciência social da Ciência da Informação, observando as aplicações práticas da análise a partir dos elementos do regime de informação e desenvolvendo formas de tecnologias intelectuais. Já a pesquisadora Solange Mostafa (31 R no GT-1 e 26 R na Brapci) vem trabalhando questões da filosofia da informação, publicando trabalhos que acabaram sendo referências para área.

Nessa mesma linha, segue o docente Gustavo Saldanha (19 R no GT-1 e 5 R na Brapci) com trabalhos de caráter bem filosófico e epistemológico para a Ciência da Informação, características que também se encontram em Rodrigo Rabello (11 R no GT-1 e 15 R na Brapci), ao trazer visões epistemológicas e historiográficas para área.

A pesquisadora Cristina Ortega (25 R no GT-1 e 13 R na Brapci), do mesmo modo, oferece indicações conceituais e historiográficos para a documentação como disciplina da área.

Com contribuições para a construção de definição de conceitos, alguns autores são convocados à frente de pesquisa, como a pesquisadora Johanna Smit (36 R no GT-1 e 20 R na Brapci), para identificar temáticas emergentes da área e os preceitos conceituais para a organização do conhecimento. Nesse sentido, identifica-se Nair Kobashi (21 R no GT-1 e 16 R na Brapci), com contribuições para a organização e recuperação da informação. Em outra concepção, Regina Marteleto (25 R no GT-1 e 18 R na Brapci) é citada para trazer suas concepções acerca da relação entre informação, redes sociais e produção científica. Para análise documentária e perspectivas da organização da informação, são referenciadas as professoras Maria

de Fátima Tálamo (25 R no GT-1 e 17 R na Brapci) e Marilda Lara (15 R no GT-1 e 18 R na Brapci).

Os artigos acerca das concepções arquivísticas apresentam as contribuições da pesquisadora Maria Odila Fonseca (33 R no GT-1 e 15 na Brapci), que trabalhou as relações da Ciência da Informação com a Arquivologia e o direito ao acesso à informação, a partir das instituições arquivísticas. Para a Arquivologia, os trabalhos teórico-metodológicos do professor José Maria Jardim (29 R no GT-1 e 15 na Brapci) são referenciados, principalmente para debater a formação arquivística e políticas públicas de informação. Já as relações entre Biblioteconomia e Ciência da Informação, são debatidas com a contribuição das ideias de Marlene Oliveira (23 R no GT-1 e 10 R na Brapci).

Uma abordagem para a Ciência da Informação trata da concepção do conceito informação-afeto, em desenvolvimento na parceria da professora Solange Mostafa com sua aluna Denise Viuniski, da Nova Cruz (10 R no GT-1 e 21 R na Brapci). Dessa parceria também se tem contribuições para as linguagens documentárias. Em outra vertente, a pesquisadora Lídia Freitas (18 R no GT-1) vem contribuindo com preceitos da análise do discurso para a Ciência da Informação. Já o professor José Mauro Loureiro (27 R no GT-1 e 14 R na Brapci) trabalha a relação entre a Ciência da Informação e a Museologia, além dos conceitos de memória para área.

Como referência mais histórica para Biblioteconomia, Manoel Cícero Peregrino da Silva é referenciado 27 vezes no GT-1, pois seus relatórios e livros são fontes que remetem às origens da Biblioteconomia e Documentação no Brasil. Similarmente, o autor Jaime Ro-

breo (16 R no GT-1 e 15 R na Brapci) foi um dos primeiros a fazer uma revisão acerca da Epistemologia e Historiografia da Ciência da Informação, além de contribuir com preceitos para a recuperação da informação. Por fim, o professor Aldo de Albuquerque Barreto (47 R no GT-1 e 26 R na Brapci), considerado um pioneiro para Ciência da Informação no Brasil, debateu com afinco as concepções conceituais da informação.

Essa frente de pesquisa se destaca de um grupo do qual, no GT-1, tem-se uma representação de 63,5% (1.794 indivíduos) de autores que foram referenciados uma única vez, sendo que essa frente de pesquisa representa 2% (53) dos pesquisadores referenciados (2.829). Para autores referenciados entre 2 e 10 vezes, observou-se a configuração de 16% (459), já para os pesquisadores que foram indicados entre 11 e 24 vezes nas referências dos trabalhos, identificou-se o percentual de 2,5% (72) de autores.

No tocante aos artigos de periódicos indexados na Brapci, a frente de pesquisa também representa 2% (53) de todos os pesquisadores referenciados (2.572). Em relação aos pesquisadores que foram referenciados apenas uma vez, obteve-se o percentual de 68,5% (1.763) de pesquisadores; os que foram referenciados entre 2 e 10 vezes alcançam o percentual de 28% (721). Os autores referenciados entre 11 e 15 vezes representam 1% (32) dos pesquisadores.

4.3 O grupo de elite a partir do GT-1 e da Brapci

Alguns autores que compuseram a frente de pesquisa neste recorte também fazem parte do grupo de elite da temática Epistemo-

logia e Historiografia da Ciência da Informação, o que pode levar a refletir se quantidade de trabalhos publicados, nesse contexto, tem relação com a qualidade dos trabalhos, uma vez que citação é um indicador de referência do autor para determinada área.

Os pesquisadores, no campo científico, buscam uma maior produtividade e conseqüentemente ser uma referência para área. Nesse sentido, Silva e Hayashi (2012, p. 19) argumentam que a sustentação do exercício do poder político nas instituições de pesquisa se dá pelo capital institucional, numa narrativa de relações simbólicas de força que podem admitir aos pontos mais elevados da academia nas esferas administrativas e/ou de pesquisas.

Como já defendia Urbizagastegui-Alvarado (1993), a frente de pesquisa tende a ser composta pelos primeiros pesquisadores de uma determinada área, os quais contribuíram com as primeiros inserções teóricas acerca de uma temática. Na frente de pesquisa identificada nesse trabalho, com exceções de alguns poucos pesquisadores, os autores mais referenciados possuem mais de 25 anos de academia e quatro autores não estão mais vivos, comprovando assim a ideia inicial defendida por Urbizagastegui-Alvarado (1993).

Esta seção faz um levantamento de dados com o intuito de descrever o perfil dos 50 pesquisadores que tiveram, na soma de produtividade do GT-1 e dos periódicos indexados na Brapci, a partir de quatro trabalhos publicados nos referidos veículos, tendo a exposição das instituições mais frequentes, orientadores de mestrado e doutorado, número de bolsistas, formação inicial dos pesquisadores, quantidade de trabalhos de pesquisa que concedem a

titulação de grau aos pesquisadores com a temática da Epistemologia e Historiografia da Ciência da Informação.

Os 50 pesquisadores possuem características acadêmicas com estreitamento de afinidades nos processos de formação *strict sensu*, o que os aproximam da temática em tela com o desenvolvimento de pesquisa de mestrado, doutorado ou de pós-doutorado.

Desse recorte, 44 (88%) pesquisadores estão ou estiveram ligados a um programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, enquanto que 4 (8%) ainda são estudantes da pós-graduação e 2 (4%) são pesquisadores com a titulação de doutor, mas que desempenham suas atividades em outras instituições governamentais, como Assembleia Legislativa e instituto de pesquisa não relacionada à área de Ciência da Informação.

Na formação da graduação, as instituições responsáveis também se concentram na Região Sudeste, tendo na liderança a UFRJ com nove ocorrências, a UFMG com seis formações, a UNESP com quatro situações, a UNIRIO com três ocorrências. Ainda se registra a UFRGS com quatro ocorrências.

Os cursos que obtiveram o maior número de ocorrências foram Biblioteconomia e Letras, seguidos de Filosofia e Museologia, conforme a Tabela 6.

Tabela 6 - Graduação dos pesquisadores do recorte

Curso	Ocorrências	%
Biblioteconomia	25	45,4
Letras	6	10,9
Filosofia	4	7,2
Museologia	3	5,4
História	3	5,4
Arquivologia	2	3,6
Ciências Sociais	2	3,6
Ciências Econômicas	1	1,8
Comunicação Social	1	1,8
Direito	1	1,8
Engenharia Elétrica	1	1,8
Facultad de Ciencias	1	1,8
Comunicação Social - Jornalismo	1	1,8
Lettere Moderne	1	1,8
Matemática	1	1,8
Medicina	1	1,8
Secretariado	1	1,8

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Na sua maioria, os cursos de graduação considerados nas áreas afins da Ciência da Informação abrangem quase a totalidade dos pesquisadores desse recorte. Há um pesquisador que é formado em Medicina, contudo tem ainda o curso de Letras e leciona em área relacionada à Memória Social. Como a Ciência da Informação é tida como social e interdisciplinar, permite que esses pesquisadores, entrelaçando o conhecimento da sua formação de origem com

as advindas dos programas de pós-graduação na área, tenham resultados satisfatórios que permitam o desenvolvimento científico acerca da informação.

A Biblioteconomia, com seus 45,4% de representação, mantém uma relação saudável com Letras (10,9%), no tocante aos estudos de termos descritores para organização da informação. Para as áreas de exatas, como Matemática e Engenharia Elétrica, há um direcionamento acerca dos estudos métricos. Ainda no que diz respeito à Medicina, a área hoje se relaciona a partir das concepções trabalhadas no GT-11 – Informação e Saúde da ANCIB. Os cursos de Arquivologia (3,6%) e Museologia (5,4%) ainda têm um árduo trabalho para aumentar sua representação no contexto da área, devido o menor tempo de existência como graduação, assim como a oferta do curso por poucas instituições. Destaca-se também o curso de Filosofia (7,2%), dando embasamento teórico-metodológico para quatro professores que trabalharam questões mais filosóficas da área de Ciência da Informação nos cursos de mestrado e doutorado.

Após a abordagem da graduação, para a especialização têm-se 17 (34%) pesquisadores certificados com *lato sensu*, sendo que desses nove (53%) monografias trataram de preceitos epistemológicos e historiográficos da Ciência da Informação.

Em relação ao mestrado, foram detectadas 49 ocorrências, o que significa que há uma diferença no número de pesquisadores e de títulos de mestrado. Destaca-se que um mestrado foi interrompido, mas o aluno passou a desenvolver uma pesquisa de doutorado-direto na temática Epistemologia e Historiografia da Ciência

da Informação. Um dos pesquisadores desse recorte tem dois títulos de mestrado, um em área afim e outra na área de Ciência da Informação. Dois pesquisadores desenvolveram suas pesquisas de mestrado em instituições estrangeiras. A Tabela 7 apresentam os cursos de mestrado realizados pelos pesquisadores desse recorte.

Tabela 7 - Mestrados cursados pelos pesquisadores

Curso de Mestrado	Ocorrências	%
Ciência da Informação	30	62
Comunicação Social	2	4
Educação	2	4
Engenharia de Produção	2	4
Filosofia	2	4
História	2	4
Administração	1	2
Biblioteconomia	1	2
Botânica	1	2
Comunicação e Informação	1	2
Gestion de l'Information et de la Connaissance	1	2
Information Management	1	2
Linguística	1	2
Memória Social	1	2
Museologia e Patrimônio	1	2

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Conforme a Tabela 7, a Ciência da Informação tem 62% de representação frente às demais áreas, mas se forem considerados os

mestrados em Biblioteconomia (2%), Comunicação e Informação (2%), Gestão da Informação (4%), obtêm-se o percentual de 70% das ocorrências em mestrados na área de Ciência da Informação, ainda com a possibilidade de abrangência percentual com Comunicação Social (4%), Memória Social (2%) e Museologia e Patrimônio (2%). Dos grupos que se apresentam, o que mais se distancia da área é o Mestrado em Botânica, enquanto para Engenharia de Produção há uma vertente na Ciência da Informação que abarca as discussões de abordagens conceituais da área de Engenharia de Produção.

Dentro desse recorte, destaca-se um pesquisador que obteve dois títulos de mestrado, um na área de História e outro que foi alcançado devido a dissertação defendida em Ciência da Informação, especificamente na temática epistemológica da área. Outro pesquisador também desenvolveu duas pesquisas de mestrado, uma em Engenharia de Produção e a outra em Gestão da Informação, sendo esta última relacionada à gestão da informação digital e do conhecimento. Ainda há um outro pesquisador que também apresenta dois títulos de mestre, em Administração e em Engenharia de Produção, sendo que nenhuma das dissertações trabalhou com temáticas do escopo da Ciência da Informação.

Para a concessão desses títulos de mestrado, 15 instituições brasileiras e duas estrangeiras foram responsáveis pela formação desses pesquisadores, segundo a Tabela 8.

Tabela 8 – Instituições responsáveis pela titulação de mestres dos pesquisadores

Instituição	Ocorrências	%
IBICT/UFRJ	13	26,5
PUC CAMPINAS	4	8,1
UFMG	4	8,1
UFPB	4	8,1
UFSC	4	8,1
UnB	4	8,1
UFRJ	3	6,1
UFBA	2	4
UFRGS	2	4
UNIRIO	2	4
JBRJ	1	2
MONTPELLIER, França	1	2
SHEFFIELD, Inglaterra	1	2
UNESP	1	2
UNIP	1	2
USF	1	2
USP	1	2

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Para os 49 mestrados identificados, o convênio IBICT/UFRJ é responsável por 26,5% das titulações, tendo um percentual que o deixa distante das demais instituições no *ranking*, pois as instituições que o seguem são a PUC-CAMPINAS, UFMG, UFPB, UFSC e UnB com a representação de 8,1% dessa formação.

Em aspectos regionais, o Sudeste é responsável por 63% dos mestrados desse recorte; o Nordeste e o Sul têm 12%, cada um, da responsabilidade sobre a concessão de títulos de mestrado, enquanto o Centro-Oeste é responsável por 8% dos títulos de mestrado do recorte. Para as instituições internacionais, tem-se a representação de 4% da responsabilidade sobre a titulação de mestrado.

Nesse enfoque, contabilizam-se 32 dissertações no âmbito da Ciência da Informação, sendo que 17 estão diretamente vinculados à temática da Epistemologia e Historiografia da Ciência da Informação, o que significa que 53% dessas dissertações seguiram vieses cunhadas pelos preceitos conceituais e historiográficos da área. Na orientação das dissertações há uma diversidade de professores orientadores, não havendo concentração demasiada para um pequeno grupo, como pode ser visto no Quadro 10. Ressalte-se que coorientadores foram considerados como orientação.

Quadro 10 - Orientadores dos Mestrados

Orientadores	Orientandos	Orientadores	Orientandos
Heloísa Tardin Christovão	4	Ivone Marques Dias	1
Lena Vania Ribeiro Pinheiro	2	José Augusto C. Guimarães	1
Maria Nélida González de Gómez	2	José Mauro Matheus Loureiro.	1
Solange Puntel Mostafa	2	Leonardo Ensslin	1
Alexander Berndt	1	Lígia Maria Arruda Café	1
Ana Maria Marques Cintra	1	Maria Aparecida Moura	1
Antonio Lisboa C. de Miranda.	1	Maria de Fátima G. M. Tálamo	1
Ariane Luna Peixoto	1	Marta Araújo Tavares Ferreira.	1
Carlos Cândido de Almeida	1	Míriam Terezinha F. de Carvalho	1
Carlos Xavier de A. Netto	1	Nair Yumiko Kobashi.	1
Edivanio Duarte de Souza.	1	Nanci Elizabeth Oddone	1
Eulina da Rocha Lordelo	1	Nigel Ford	1
Evelyn Goyannes Dill Orrico	1	Nilson de Moraes Xavier	1
Francisco das Chagas de Souza	1	Patrick Gilli	1
Frederick Wilfrid Lancaster	1	Paulo de Martino Jannuzzi	1
Georgete Medleg Rodrigues	1	Richard Right	1
Gilda Maria Braga	1	Sebastião Josué Votre	1
Gilvando Leitão Rios	1	Sonia de Conti gomes	1
Gustavo Andrés Caponi	1	Tereza Cristina Kirshner	1
Gustavo Henrique de A. Freire	1	Tibério Cescon	1
Hagar Espanha Gomes	1	UIF Gregor Baranow	1
Heloísa Buarque de Holanda	1	Vania Maria R. Hermes de Araujo	1
Ida Regina Chittó Stumpf	1	Vera Regina Vieiga França	1

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Ainda que não haja uma concentração considerável, quatro professoras se destacam na orientação de estudantes de mestrado. A primeira é a professora Heloísa Christovão, na orientação de três trabalhos cujas temáticas não estão direcionadas à Epistemologia e Historiografia da Ciência da Informação. A professora Solange Puntel Mostafa orientou duas dissertações, direcionadas a outras temáticas da Ciência da Informação. Já a professora González de Gómez orientou uma dissertação sobre a temática epistemológica da área e uma dissertação com outro viés temático da Ciência da Informação. Nesse mesmo grupo, a professora Lena Vania Pinheiro orientou duas dissertações cujas temáticas estão diretamente relacionadas à epistemologia e historiografia da Ciência da Informação.

Em relação ao doutorado, permanece disparada a Ciência da Informação na formação desses pesquisadores, com a ocorrência de 36 títulos de doutoramento, em conformidade com a Tabela 9.

Tabela 9 - Doutorados cursados pelos pesquisadores

Curso	Ocorrências	%
Ciência da Informação	36	72
Ciência da Comunicação	3	6
Educação	3	6
História	2	4
Comunicação e Informação	1	2
Comunicação e Semiótica	1	2
Facultad de Ciencias	1	2
Engenharia de Produção	1	2
Filosofia	1	2
Tecnologia Nuclear	1	2

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Desde já se ressalta que um dos pesquisadores não tem o título de doutor e nem está desenvolvendo pesquisa de doutorado em nenhuma área. Sendo assim, considerando os pesquisadores que ainda estão desenvolvendo a tese, a Ciência da Informação é responsável pelo grau de doutoramento de 72% das ocorrências, seguidos pela Ciência da Comunicação com 6%, tendo, no âmbito das teses de doutorado, uma que trabalha os preceitos historiográficos e conceituais para os estudos métricos da informação, uma relação direta com a Ciência da Informação. Tal tese foi desenvolvida quando ainda não havia curso *strict sensu* em Ciência da Informação.

A Ciência da Educação também consegue registrar suas marcas nesse recorte, e seus doutores tiveram formação inicial em Biblioteconomia e desenvolveram pesquisas de doutorado direcionadas à prática de leitura, às bibliotecas públicas populares e às instituições de pesquisa. Os pesquisadores que têm o doutorado em História, que representa 4% do recorte, tiveram uma cronologia acadêmica dentro da referida área, mas hoje se dividem na regência de disciplinas em programas de pós-graduação na referida área e na Ciência da Informação, trabalhando questões conceituais da Memória Social e dos artefatos históricos como fontes de informação. Um desses pesquisadores teve a graduação em Biblioteconomia.

Uma tese desenvolvida no âmbito do curso de Comunicação e Informação trabalhou as interfaces da informação nos programas de pós-graduação, e outra, no curso de Comunicação e Semiótica abordou a normalização dos livros brasileiros. As referidas teses mantiveram relações estreitas com as temáticas desenvolvidas no escopo da Ciência da Informação.

Nesse corpus, algumas características devem ser destacadas, como a identificação de um pesquisador que tem um doutorado

em Filosofia e está com pesquisa de doutorado em andamento em Ciência da Informação. Outros dois mestres em Ciência da Informação estão cursando doutorado da mesma área, mas já divulgando os primeiros resultados de suas pesquisas. Desse recorte, três doutorados foram cursados em instituições estrangeiras, tendo duas teses desenvolvidas em curso da Ciência da Informação.

De modo que, entre instituições e convênios responsáveis pelos títulos de doutorados para esses pesquisadores, 17 entidades tiveram ocorrências registradas, com destaque para o convênio IBICT/UFRJ com 13 titulações nesse recorte, conforme a Tabela 10:

Tabela 10 - Instituições concedentes de títulos de doutorado

Instituição	Ocorrências	%
IBICT-UFRJ	13	26
USP	9	18
UFMG	5	10
UnB	4	8
UNESP	3	6
IBICT/UFF	2	4
PUC/SP	2	4
UFBA	2	4
UFRJ	2	4
PARIS 4	1	2
SHEFFIELD, Inglaterra	1	2
UC SYSTEM - EUA	1	2
UFF	1	2
UFRGS	1	2
UFSC	1	2
UNICAMP	1	2
UNIVERSIDAD DE MADRID	1	2

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Nesse grupo, percebe-se o papel fundamental do IBICT, que, somando sua produção nos convênios IBICT/UFRJ e IBICT/UFF, tem a representação de 30% sobre a concessão de título de doutores. A USP e a UFMG também possuem uma considerável representatividade, com 18% e 10%, respectivamente. Observa-se que, em relação ao doutorado, a Região Sudeste possui uma supremacia na formação de doutores ainda maior do que o caso dos mestres, 76% de representação, enquanto para mestres é de 63%. O Centro-Oeste têm 8% dos títulos concedidos, e as regiões Sul e Nordeste estão representadas por 4% dos títulos, cada. A representação estrangeira está reconhecida em 8% das concessões de títulos de doutor, sendo dois doutoramentos em Ciência da Informação.

Em relação às orientações de doutorado, cinco pesquisadores se destacam, de acordo com o Quadro 11, ressalta-se que alguns coorientadores foram considerados no mesmo nível dos primeiros orientadores.

Quadro 11 - Orientadores de doutorado

Orientadores	Orientandos	Orientadores	Orientandos
Maria Néilda González de Gómez	7	Juan C. Fenández Molina	1
Jose Augusto Chaves Guimarães	3	Kátia de Queirós Mattoso	1
Aldo de Albuquerque Barreto	2	Lena Vania Ribeiro Pinheiro	1
Eduardo José Wense Dias	2	Leonardo Ensslin.	1
Marlene Oliveira	2	Maria Aparecida Baccaga	1
Ana Maria Pereira Cardoso	1	Maria Cecília de M. Mollica.	1
Constança César Marcondes	1	Maria de Nazaré Freitas Pereira	1
Eliana M. dos Santos Bahia Jacinto	1	Maria Helena Pires Martins	1
Emir José Suaiden	1	Marilda Lopes Ginez de Lara	1
Enilde Faulstich	1	Nair Yumiko Kobashi.	1
Eulina da Rocha Lordelo	1	Nicolau Sevckenko	1
Georgete Medleg Rodrigues	1	Nigel Ford	1
Gilda Maria Braga	1	Nilson Dias Vieira Junior	1
Gustavo Silva Saldanha	1	Rogério da Costa Santos	1
Heloisa Tardin Christovão	1	Rosa Inês de Novais Cordeiro	1
Henriette Ferreira Gomes	1	Suzana Pinheiro Machado Mueller	1
Hilton Ferreira Japiassu	1	Tânia da C. Clemente de Souza	1
Ida Regina Chittó Stumpf	1	Vania Maria R. Hermes de Araujo	1
Isa Maria Freire	1	Vania Moreira Kenski	1
João Paulo Gomes Monteiro.	1	Vicente Alexandre Ferrandis	1
Jeanne Marie Machado de Freitas	1	William Fisher	1
José Maria Jardim.	1		

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

De acordo com o Quadro 11, a professora Maria Nélida González de Gómez orientou sete teses de doutorado, sendo que seis teses trabalharam exclusivamente com a temática Epistemologia da Ciência da Informação, enquanto uma trabalhou com o processo de curadoria de museus. O professor José Augusto Chaves Guimarães orientou três estudantes de doutorado, sendo que duas pesquisas eram sobre as concepções teórico-metodológicas para a organização do conhecimento, e uma sobre, exclusivamente, a Epistemologia da Ciência da Informação.

Os professores Aldo Barreto e Eduardo Dias orientaram duas teses cada. Para o primeiro, tem-se uma tese relacionada à comunicação da informação em redes de aprendizagem e outra sobre a informação relacionada a inovação e democratização. O professor Eduardo Dias orientou uma tese com temática específica Epistemologia e Historiografia da Ciência da Informação, e outra tese analisou a produção científica a partir de um sistema classificatório facetado.

Ainda se destaca, nesse recorte, a professora Marlene de Oliveira, com a orientação de duas pesquisas de doutorado, sendo que as duas mantêm relações estreitas com a temática abordada na presente pesquisa.

Enfim, sobre as 50 teses desse recorte pode-se afirmar que 28 (56%) retratam como objeto de pesquisa as temáticas Epistemologia, Filosofia e Historiografia da Ciência da Informação. Isso permite inferir que essas temáticas se encontram em destaque na esfera das discussões teóricas, especificamente em projetos de pesquisas reconhecidas como mais profundas, quais sejam as teses de doutorado.

Dos 50 pesquisadores apenas 3 (6%) obtiveram a titulação de livre-docente em Ciência da Informação, sendo que a USP é responsável pela concessão de dois títulos e a UNESP pela concessão de um título de livre-docente a um desses pesquisadores. Em relação a relatório de pesquisa pós-doutorado, 22 (44%) realizaram pesquisa, sendo que cinco pesquisadores desenvolveram duas pesquisas cada. Destaca-se que nesse estágio houve uma participação com mais ênfase de instituições estrangeiras.

Dentre as instituições estrangeiras, destacam-se a Universidade do Porto – Portugal e a UPS – França com 7,4% das certificações cada. Vale ressaltar que todas instituições estrangeiras se encontram em países europeus, instituições essas consideradas centenárias e com grande representação e capital intelectual para o mundo ocidental.

A Espanha é a nação com o maior número de instituições concedentes de certificados de pós-doutorados para os pesquisadores desse recorte, com quatro instituições responsáveis por 15% das certificações. Nesse mesmo aspecto, a França também imprime um grau de importância maior, com três instituições concedentes de 15% das certificações. O Reino Unido apresenta duas universidades sendo certificadoras de 7,5% dos pós-doutorado, já Portugal com um único instituto concedeu também o mesmo percentual de certificados (7,5%). A Itália e a Alemanha, ambas com uma instituição cada no recorte, obtiveram individualmente a representação de 3,7% da concessão de certificados de pós-doutorado. Isso demonstra que está havendo um intercâmbio entre instituições brasileiras e estrangeiras, política possibilitada pela fomentação de órgãos pú-

blicos brasileiros, que concederam 76 bolsas de pesquisa na graduação, especialização, mestrado, doutorado e pós-graduação, no período.

Dos 50 pesquisadores, 40 receberam algum tipo de bolsa em um dos níveis de formação acadêmica, 10 pesquisadores não apresentam nenhum dado que demonstre a contemplação com financiamento de pesquisa por meio de bolsa acadêmica. Nessa caminhada, a CAPES foi o órgão de fomento que mais financiou as pesquisas desses pesquisadores, alcançando o percentual de 55% sobre as 76 bolsas concedidas; em seguida vem o CNPq, com 33% das bolsas concedidas, e ambas são instituições do Governo Federal. As demais bolsas, que somam 12%, foram concedidas por agências de fomentos estaduais, universidades federais e uma instituição pública do Reino Unido. No mestrado, 30 dos estudantes tiveram bolsas de pesquisa, enquanto no doutorado, o número de estudantes atendidos por bolsas decresce para 26, já no pós-doutorado, o número chega a 16 bolsas no atendimento aos 23 professores que chegaram a desenvolver esse estágio.

Ainda na perspectiva de bolsas, atualmente 12 (25%) dos pesquisadores que ainda estão vinculados às instituições de pesquisa recebem bolsa de produtividade pelo CNPq, com vigência até 2020. Outros pesquisadores, em outros momentos, já foram contemplados com esse reconhecimento pela referida entidade, de acordo com o destaque dos pesquisadores entre seus pares, valorizando, assim, as suas produções científicas. Dentre as 12 bolsas de produtividade, 9 (75%) são da categoria Bolsista de Produtividade em Pesquisa nível 2, e para os níveis 1D, 1B e 1A, tem-se 1 (8,5%) para cada um desses níveis.

De modo que foi possível verificar que, academicamente, os pesquisadores desse recorte são dotados de qualidades refletidas em seus trabalhos de pesquisa, pelo recebimento de bolsas cujas exigências para entrar no perfil é bem competitiva. A maioria se encontra na regência, nas pesquisas e projetos de extensão das universidades brasileiras. Tem-se um número considerável de pesquisadores que foram além do título de doutorado: 22 pesquisadores alcançaram o estágio de pós-doutorado e três pesquisadores conquistaram título de livre-docência. Assim, foram constatados perfis com alto domínio de conhecimento específico acerca da área, professores e pesquisadores que, além do título, demonstram constante qualidade no aspecto profissional.

Os resultados desse recorte puderam validar a Hipótese 2 dessa pesquisa, uma vez que, no âmbito desses 50 pesquisadores, alguns trabalharam a Epistemologia e Historiografia da Ciência da Informação a partir de suas dissertações e teses, enquanto outros começaram a desenvolver a temática a partir de participação em grupos de pesquisa, bem como estudantes que tinham trabalhos diretamente ligados aos preceitos epistemológicos.

Depois dessa verificação, buscou-se responder a uma das perguntas da pesquisa, sobre as relações estabelecidas entre os pesquisadores que publicaram no GT-1 e nos periódicos indexados na Brapci.

Como qualquer atividade humana, a Academia exige do pesquisador o estabelecimento de relações entre os demais sujeitos do campo científico. Essas conexões se estabelecem pelos preceitos políticos, sociais e culturais, permitindo, dessa forma, o enriquecimento

curricular do pesquisador, uma vez que produtos acadêmicos podem surgir dessas relações. O desenvolvimento da ciência depende desse contexto que pode se configurar como ambiente de cooperação, assim como um espaço de competição, mas dependendo da salubridade de ambos, há os indicadores favoráveis a inovação.

Muitos trabalhos são publicados em coautoria oriunda de algum tipo de relação estabelecida na academia, tais como pesquisadores de domínios específicos e/ou distintos que se juntam para desenvolver pesquisas com objeto comum a ambos. Nesse contexto, ainda existem as relações de interesses com objetivos estritamente de colação de grau e de produtividade, como entre estudantes e orientadores, na qual, para o primeiro, é a necessidade para obtenção do título acadêmico que almeja, enquanto para o segundo é oportunidade de incrementar seu currículo na concorrência por financiamento de pesquisa. São relações como quaisquer outras humanas, que não são desprovidas de interesse mútuo.

Assim, os próximos parágrafos retratam como se estabeleceram as relações entre os 442 pesquisadores que publicaram no GT-1 e em periódicos indexados na Brapci, levando em consideração os artigos de autoria única e os escritos em regime de colaboração. As parcerias, na publicação dos artigos em coautoria, são percebidas a partir da identificação das relações de orientações e da cooperação entre membros de grupos de pesquisa.

Nesse primeiro momento, verificam-se as publicações dos trabalhos nos anais do GT-1 dos ENANCIB, nas quais se constata a predominância de pesquisas em regime de colaboração, como pode ser visto na Tabela 11.

Tabela 11 – Artigos em regime de colaboração e autoria única no GT-1 (2003-2018)

Ano	Trabalho de apenas uma autoria	Trabalho realizado em coautoria
2003	8	7
2004	-	-
2005	11	5
2006	9	5
2007	8	12
2008	12	9
2009	9	8
2010	13	7
2011	12	11
2012	15	13
2013	15	10
2014	9	11
2015	9	9
2016	7	22
2017	9	24
2018	8	21
Total	154	174

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Com exceção de 2007, os artigos em autoria única eram predominantes até o ano de 2013, quando o quadro se inverteu. Nos últimos três anos, o número de trabalhos em regime de colaboração chega a ser quase três vezes maior do que o registro de autoria única. Em termos percentuais, os artigos de autoria única alcançam 47% do total de publicações no referido GT-1, enquanto o percentual atingido pelos artigos em regime de colaboração é de 53% das publicações.

Trata-se do reflexo do comportamento moderno da ciência, o estímulo à publicação por meio de parcerias acadêmicas para que se proporcione o desenvolvimento da própria Academia. Esse mesmo comportamento foi percebido nas publicações sobre Epistemologia e Historiografia da Ciência da Informação dos periódicos indexados na Brapci, conforme Tabela 12.

Tabela 12 – Artigos em regime de colaboração e autoria única nos periódicos da Brapci (2003-2018)

Ano	Trabalho de apenas uma autoria	Trabalho realizado em coautoria
2003	2	0
2004	2	1
2005	2	0
2006	2	0
2007	3	2
2008	3	2
2009	2	1
2010	4	3
2011	7	11
2012	5	5
2013	12	11
2014	9	5
2015	8	4
2016	4	14
2017	6	16
2018	6	25
Total	77	100

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

A partir da Tabela 12 verificou-se que até o ano de 2015, com exceção de 2011, havia predominância dos artigos de autoria única para a temática Epistemologia e Historiografia da Ciência da Informação, e a partir de 201, houve um crescimento considerável das publicações em regime de colaboração, chegando a ultrapassar a produção de autoria única. Assim, para a temática em questão, 43,5% dos artigos recuperados, no recorte temporal são de autoria única, à medida em que 56,5% foram produzidos em regime de coautoria.

Sabe-se, então, que dos 505 trabalhos desse corpus (328 do GT-1 e 177 da Brapci), 54% foram produzidos em regime de colaboração, do qual relações foram estabelecidas a partir de projetos de pesquisa, grupos de pesquisa, cursos, bancas de avaliação e concursos, eventos acadêmicos, trabalhos de consultoria, o que contribui para o desenvolvimento do conhecimento científico.

Também foram investigadas as ocorrências referentes às relações estabelecidas pelos pesquisadores na construção de seus trabalhos. Dessa forma, foram contabilizadas as ocorrências em que os trabalhos foram comunicados em parceria de pesquisadores da mesma instituição e em parceria de pesquisadores de instituições diferentes, primeiramente nos anais do GT-1, como pode ser observado na Tabela 13, a seguir.

Tabela 13 – Parceria entre pesquisadores no GT-1
(2003-2018)

Ano	Colaboração com parceiros da mesma instituição sem considerar OS orientandos	Colaboração com parceiros de outras instituições
2003	2	2
2005	2	0
2006	1	2
2007	5	1
2008	1	2
2009	2	3
2010	1	3
2011	3	2
2012	4	1
2013	2	2
2014	1	3
2015	2	4
2016	3	2
2017	2	15
2018	4	5
Total	35	47

Fonte: Elaborado pelo autor

De acordo com a Tabela 13, com exceção do ano de 2017 não havia grande discrepância entre as parcerias com colaboradores da mesma instituição e de com instituições diferentes. Contudo, em 2017, dos trabalhos em coautoria 15 foram em regime de colaboração com outras instituições, valor quase oito vezes maior que os trabalhos desenvolvidos em coautoria com parceiros de mesma instituição. Em valores percentuais, a coautoria com parceiros de

mesma instituição, sem considerar os orientandos, soma 42,5%; já as parcerias interinstitucionais atingem 57,5% dos trabalhos.

Em relação aos periódicos indexados na Brapci, o número de trabalhos em regime de colaboração com parceiros da mesma instituição é muito próximo do registro de trabalhos em regime de colaboração interinstitucional, conforme Tabela 14.

Tabela 14 – Parceria entre pesquisadores na Brapci
(2003-2018)

Ano	Colaboração com parceiros da mesma instituição sem considerar os orientandos	Colaboração com parceiros de outras instituições
2003	0	0
2004	0	1
2005	0	0
2006	0	0
2007	1	0
2008	2	0
2009	1	0
2010	1	0
2011	2	2
2012	3	1
2013	1	1
2014	1	3
2015	0	0
2016	3	4
2017	2	4
2018	4	7
Total	21	23

Fonte: Elaborado pelo autor

De acordo com a Tabela 14, as publicações em parceria com autores de instituições diferentes ultrapassaram as de autoria de parceiros das mesmas instituições. Adiante, verifica-se que as parcerias entre pesquisadores da mesma instituição chegam ao patamar de 48%, enquanto as relações interinstitucionais atingem 52% dessas relações.

Academicamente, as trocas de ideias e experiências por meio de trabalhos de autoria coletiva demonstram sintonia fina para um determinado tema, o que enriquece o trabalho e permite a difusão de novas ideias em no mínimo duas instituições. Esse aumento de coautoria, em anos recentes, pode ser um indicador de uma maior qualidade nos trabalhos produzidos, representando o princípio da reciprocidade no qual todos trabalham por um desejo em comum.

Na colaboração entre orientadores e estudantes, identifica-se que as pesquisas desenvolvidas no mestrado, doutorado e pós-doutorado são fontes para os trabalhos publicados tanto nos anais do GT-1 dos ENANCIB quanto nos periódicos indexados na Brapci. Nesse sentido, está contribuindo para a produtividade de alguns pesquisadores da área, semelhante a comportamentos detectados em outros domínios do conhecimento. A Tabela 15 apresenta o quantitativo de trabalhos em regime de colaboração com orientandos publicados nos anais do GT-1 dos ENANCIB e nos periódicos indexados na Brapci.

Tabela 15 - Trabalhos em regime de colaboração
com orientandos

Ano	GT1	Brapci
2003	4	0
2004	-	0
2005	3	0
2006	3	0
2007	4	1
2008	8	1
2009	7	0
2010	6	2
2011	8	8
2012	11	2
2013	8	10
2014	7	2
2015	6	4
2016	19	9
2017	15	11
2018	17	19
Total	126	69

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

De acordo com a Tabela 15, há uma incidência maior de relação entre professores e orientandos nos anais do GT-1, com 64,5% das publicações, se comparados aos periódicos indexados na Brapci, com 35,5%. Isso pode ser explicado pelo objetivo principal do ENANCIB, que é a divulgação de resultado de pesquisas de mestra-

do e doutorado, com regras mais flexíveis do que as dos periódicos. Estes, para atender às regras que lhes favoreçam quanto à obtenção do estrato Qualis mais alto, adotam processos de submissão com muitos pontos a serem atendidos, o que faz com que algumas pesquisas não sejam submetidas a periódicos. A relação entre professores e orientandos é uma via de mão dupla, a qual pode proporcionar benesses a ambos, quando o ambiente é produtivo.

4.4 Autores do grupo de elite da pesquisa

Para enriquecimento curricular, os pesquisadores tendem a se comportar na busca da autoridade científica, poder acumulado e transmissão do conhecimento, sendo que para chegar ao *status quo* de pesquisador é necessário que o estudante construa uma rede de relações que o possibilite ascender na carreira ou lhe proporcione um cargo. Então, o que se pode observar nessa relação entre os pesquisadores é o interesse mútuo: o estudante almeja titulações em níveis mais elevados, um cargo de professor ou pesquisador; o professor orientador compete pela produtividade e para obter a autoridade científica.

Para essas características, Silva e Hayashi (2012, p. 12) afirmam que o professor depende de sua reputação, frente aos demais colegas, para atrair estudantes de qualidade que lhes possibilitem conseguir “bolsas, convites, distinções, etc”. Nessa perspectiva, foram identificados pesquisadores, de *status* bolsista de pesquisa CNPq, que tiveram alunos com alta produtividade, em relação aos demais estudantes, e que os levaram a publicar mais de 10 artigos em diversos periódicos em um ano.

Na caça aos indícios, foram selecionados, dentre os autores da produção literária sobre a temática Epistemologia e Historiografia da Ciência da Informação, 12 pesquisadores atuantes e participantes do grupo de elite da referida temática. Para manter princípios éticos de pesquisa, a eles foram dados codinomes relacionados aleatoriamente ao alfabeto. Esta parte da pesquisa almeja descrever as características peculiares e gerais de alguns autores do recorte.

A seguir, apresentam-se as características do perfil dos pesquisadores, denominados de Autor A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K e L.

O Autor **A** pode ser considerado um renomado pesquisador da nova geração da área da Ciência da Informação e sua produção permeia pelas questões conceituais da epistemologia/filosofia/historiografia da Ciência da Informação. O pesquisador é membro de um programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, além de bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq e líder de grupo de pesquisa, bem como participante de vários grupos sobre a temática em tela. É membro do corpo editorial de um periódico e revisor de outros cinco, e todos os periódicos trabalham com exclusividade com a Ciência da Informação. Em seu Currículo Lattes, o autor apresenta cinco linhas de pesquisas, sendo que todas estão direcionadas para os estudos filosóficos da área. Em relação a projetos, tem registrado 12 projetos, sendo quatro de pesquisa, que estão em andamento sob sua coordenação, três que foram concluídos sob sua coordenação, além de outros três dos quais era integrante como pesquisador. Ademais, há registro de um projeto de extensão concluído, do qual era colaborador e, por fim, a coordenação de um projeto de desenvolvimento, já concluído. Todos os projetos de pes-

quisa estão direcionados à Epistemologia e Historiografia da Ciência da Informação. Já os projetos de extensão e desenvolvimento estão voltados para a conservação e processos de biblioteca.

O Autor **B** também pode ser considerado um renomado pesquisador da nova geração da área da Ciência da Informação e sua produção está direcionada para os conceitos epistemológicos da Ciência da Informação, trabalhando temáticas essenciais da área. O referido autor é membro de um programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, membro de corpo editorial de um periódico e revisor de outros três periódicos que trabalham temáticas da área. A partir de seu Currículo Lattes, verifica-se que o pesquisador segue cinco linhas de pesquisas, todas trabalhando com questões epistemológicas da Ciência da Informação. Para os projetos em andamento, apresenta quatro projetos, sendo dois sob sua coordenação e outros dois dos quais participa como pesquisador integrante. Já para os projetos concluídos, o autor participou de três projetos, não tendo coordenado nenhum deles. Dos sete projetos apresentados, três são direcionados para as discussões epistemológicas/filosóficas/historiográficas. Também desempenha a função de revisor de projetos em duas agências de fomento de dois estados brasileiros.

O Autor **C** também pode ser considerado um renomado pesquisador da área da Ciência da Informação e sua produção está direcionada para os preceitos filosóficos da Ciência da Informação. O autor atualmente não está vinculado a programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, sendo que já teve ligações com programas da área e áreas afins. Contudo, desenvolve trabalhos acerca dos

parâmetros filosóficos aplicados à Ciência da Informação. As linhas de pesquisas apontadas pelo autor não trabalham com as questões epistemológicas da área, contudo as linhas de pesquisa de grupos que integra como pesquisador direcionam para uma aproximação com o recorte temático desta pesquisa. Em relação a projetos de pesquisa, participa como integrante em um projeto em andamento sobre a Filosofia da Ciência da Informação. Para os projetos já concluídos, participou como integrante de 10 projetos, sendo que, desses, quatro trabalharam com a epistemologia da Ciência da Informação. Vale ressaltar que o autor não é identificado como coordenador de nenhum projeto de pesquisa e não desempenha a função de revisor de projetos em agências de fomento. Mas é membro de corpo editorial de quatro periódicos, sendo que dois estão ligados diretamente a área, enquanto os outros dois são relacionados a áreas afins.

O Autor **D** é considerado como um renomado pesquisador da área da Ciência da Informação e sua produção está direcionada para seus preceitos epistemológicos, assim como permeia pelos estudos métricos da informação científica e pelas questões da memória e cultura pelo viés da Ciência da Informação. O pesquisador é membro de dois programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação e membro de cinco corpos editoriais de periódicos que trabalham exclusivamente com as temáticas da Ciência da Informação. Identifica-se que o pesquisador segue cinco linhas de pesquisas, sendo que duas trabalham com questões epistemológicas da Ciência da Informação, outras duas linhas discutem os preceitos das tecnologias da informação, e uma linha se relaciona com vieses conceituais

de memória. Em relação aos projetos de pesquisa em andamento, apresenta um projeto que trabalha com exclusividade a temática epistemológica. Há, também, um projeto de desenvolvimento em andamento, que está relacionado à subárea da organização da informação. Identificaram-se nove projetos de pesquisa concluídos e desses seis estão relacionadas à temática de interesse desta pesquisa enquanto três estavam direcionados à comunicação científica. O autor desempenha a função de revisor de projetos em uma agência internacional de fomento.

O Autor **E** tem uma produção de grande relevância para área e seus trabalhos são constantemente referenciados quando a temática é Epistemologia da Ciência da Informação, o que faz jus à Bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq. É membro de dois programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação, de quatro corpos editoriais e revisor de três periódicos. Desses, dois periódicos têm caráter multidisciplinar enquanto os outros quatro são de exclusividade da Ciência da Informação. Atua em três linhas de pesquisas que trabalham as questões epistemológicas da Ciência da Informação. Quando se fala de projetos de pesquisa em andamento, este autor vem trabalhando em dois, e ambos tratam das questões epistêmicas da área. Quanto aos projetos concluídos, apresenta três projetos sob a temática em tela. Vale ressaltar que todos esses estiveram, ou estão, sob a coordenação do referido pesquisador. Ainda desempenha a função de revisor de projetos em uma agência nacional de fomento.

O Autor **F** se insere no grupo de pesquisadores da nova geração da área da Ciência da Informação, trabalhando para um direciona-

mento mais historiográfico e conceitual de disciplinas do campo científico da área, focando seus estudos nos preceitos da documentação para a Ciência da Informação. É membro de um programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação e de quatro corpos editoriais de periódicos exclusivos da área. Segue duas linhas de pesquisas que investigam os preceitos epistemológicos de disciplinas da Ciência da Informação. Coordena três projetos de pesquisa que estão relacionados a duas linhas de pesquisa, assim como coordenou um outro projeto, já finalizado, na mesma vertente.

O Autor **G** tem uma grande produção acadêmica na área e se situa entre os pesquisadores que mais se evidenciam no recorte desta pesquisa. É professor convidado em instituição estrangeira, membro de um programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação e de cinco corpos editoriais de periódicos, sendo que quatro desses periódicos se relacionam diretamente com a Ciência da Informação. Como revisor de periódicos, o autor colabora com 13, sendo que dois desses periódicos são da área de formação inicial do pesquisador, mas possuem relação metodológica com a Ciência da Informação. Também desempenha a função de revisor de projetos de pesquisa em duas agências nacionais e uma agência estadual de fomento. Atua em três linhas pesquisa, das quais duas se relacionam com a temática do recorte desta pesquisa. Em relação aos projetos em desenvolvimento, três estão relacionados aos preceitos epistemológicos, enquanto três trabalham temas de disciplinas da área da Ciência da Informação. Dos seis projetos em andamento, quatro estão sob a sua coordenação; dos projetos concluídos, identificam-se sete, sendo que coordenou seis proje-

tos. Nesse aspecto, cinco projetos se relacionavam diretamente com a temática aqui exposta.

O Autor **H** é uma das grandes referências para o GT-1 e se dedica a dois programas de pós-graduação diferentes: um é profissional em Biblioteconomia e outro é acadêmico em área afim da Ciência da Informação. Sua produção se volta para preceitos conceituais e históricos da memória. É membro de oito corpos editoriais de periódicos, dos quais três são da Ciência da Informação, assim como compõe a revisão de 18 periódicos, dos quais oito são publicados por programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação. O autor segue cinco linhas de pesquisa, sendo que uma delas está diretamente ligada à construção epistemológica da área. Vem desenvolvendo dois projetos de pesquisa, os quais coordena, sendo que um é sobre a Epistemologia da Ciência da Informação e outro sobre sua área de dedicação. Sobre os projetos concluídos, trabalhou em oito, dos quais três abordam com a temática da episteme da Ciência da Informação. Vale ressaltar que todos os projetos estavam sob a coordenação do referido pesquisador.

O Autor **I** se caracteriza como um renomado pesquisador da nova geração da área da Ciência da Informação e seus trabalhos acadêmicos estão voltados para questões conceituais que envolvem a episteme da área. Tornou-se membro de um programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação recentemente. É membro de corpo editorial de um periódico e atua como revisor de outros quatro periódicos, todos trabalhando com conteúdos da Ciência da Informação. O autor está coordenando um projeto de extensão que trata do perfil profissional da área. Já para projetos de pesquisa em

andamento, existem três no currículo do autor, sendo que, desses, dois são sobre o recorte temático dessa pesquisa. Dos projetos em andamento, dois estão sob a coordenação do autor em tela, sendo que um trata da epistemologia e o outro do perfil profissional da área. Em relação aos projetos concluídos, participou de três projetos como pesquisador e coordenou outros dois, sendo que destes apenas um tratava da episteme da área.

O Autor **J** compõe o grupo de pesquisadores da nova geração da área da Ciência da Informação e tem uma vasta produção acerca de questões conceituais da área, trabalhando a historiografia além de debater as relações interdisciplinares da biblioteconomia, documentação e arquivística. É membro de um programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação e de três corpos editoriais que tratam exclusivamente as disciplinas da área. Desempenha a função de revisor de oito periódicos também da área. Segue três linhas de pesquisa, das quais duas são efetivamente sobre a episteme da área. Está coordenando um projeto de pesquisa sobre a temática em tela. Concluiu 12 projetos de pesquisa, sendo que cinco desses eram sobre epistemologia da Ciência da Informação. O autor coordenou nove projetos dos quais quatro eram sobre a temática aqui exposta.

O Autor **K** pode ser considerado um renomado pesquisador da área da Ciência da Informação e sua produção consegue permear por vários campos desta ciência, tendo muito destaque para suas obras que tratam da epistemologia da Ciência da Informação e de tecnologias voltadas para a produção intelectual da área. Já foi bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq e exerce várias atividades

na academia: é membro de dois programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação e membro do colegiado de um programa de mestrado profissional; também faz parte do corpo editorial de cinco periódicos brasileiros, e destes apenas um não está relacionado exclusivamente à Ciência da Informação, além de atuar na revisão de 17 periódicos, todos exclusivos para os temas da Ciência da Informação. Já na análise do currículo Lattes, identifica-se que o autor segue cinco linhas de pesquisa que não trabalham exclusivamente com o tema epistemologia e/ou historiografia da Ciência da Informação. Em relação aos projetos de pesquisa, foram identificados 16, e destes apenas um tratava exclusivamente da temática aqui exposta, sendo que o autor participou como pesquisador convidado. Dentre esses projetos, três aplicavam concepções epistemológicas à ação formativa de usuários de informação ou à produção de tecnologias para o desenvolvimento intelectual de acesso à informação.

O Autor L, como alguns pesquisadores deste corpus, também pode ser considerado um renomado pesquisador da nova geração da área da Ciência da Informação, com consideráveis publicações sobre os preceitos epistemológicos da Ciência da Informação e a formação do profissional bibliotecário. É membro de um Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia com curso de Mestrado Profissional na área, e de cinco corpos editoriais, sendo revisor de 13 periódicos, todos direcionados para área da Ciência da Informação. Verifica-se que coordena dois projetos de pesquisa direcionados à formação profissional e aos preceitos teórico-reflexivos da área, e coordenou projeto de pesquisa finalizado, além de ter concluído outros dois projetos de extensão sob sua coordenação.

Nessa caçada, tendo os artefatos nas mãos, seguiram-se os periódicos nos quais os 12 autores utilizaram para comunicar suas pesquisas, cruzando com os dados do currículo Lattes, o que evidenciou comportamentos bem distintos entre os pesquisadores mais novos e os que detêm uma maior tradição na área.

Quanto à produtividade de artigos ao longo da carreira, percebeu-se que o tempo de carreira acadêmica não foi um fator forte para garantir que os pesquisadores mais antigos tivessem um número maior de artigos publicados. Constata-se que os pesquisadores mais novos estão em graus de ascendência quanto à produção de artigos, enquanto boa parte dos pesquisadores mais antigos estão diminuindo o ritmo de publicação. Alguns mantêm um padrão de publicação como publicar em média dois artigos por ano, no entanto há pesquisadores que chegaram a publicar 15 artigos em um ano.

A Tabela 16 demonstra a produção de artigos pelos 12 autores, assim como a média de artigos por ano e a média de artigos por periódico para cada pesquisador.

Tabela 16 – Publicações dos 12 autores do recorte

Pesquisador	f/x artigos	Intervalo*	f/x periódicos	Média aritmética de artigos pelo intervalo	Média aritmética de artigos por periódico
AUTOR A	48	10	22	4,8	2,1
AUTOR B	18	14	9	1,2	2
AUTOR C	65	37	33	1,7	1,9
AUTOR D	35	49	23	0,7	1,5
AUTOR E	41	34	21	1,2	1,9
AUTOR F	21	13	17	1,6	1,2
AUTOR G	53	20	37	2,6	1,4
AUTOR H	28	23	17	1,2	1,6
AUTOR I	15	10	8	1,5	1,8
AUTOR J	84	19	37	4,4	2,2
AUTOR K	125	34	34	3,6	3,6
AUTOR L	49	11	29	4,4	1,6

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

* Intervalo de tempo iniciado com a publicação do primeiro artigo do pesquisador.

Os detentores do maior número de artigos são o Autor **K**, com 125 artigos; o Autor **J**, com 84; o Autor **C**, com 65; o Autor **G**, com 53; o Autor **L**, com 49; e o Autor **A** com 48 artigos. Quanto à média de artigos por ano, destacam-se o Autor **A** com 4,8 artigos por ano, o Autor **J** e o Autor **L**, ambos com 4,4 artigos por ano. Uma característica marcante dos pesquisadores da vanguarda é que sua média de publicações de artigo não ultrapassam 2,6 artigos por ano, exceto o Autor **K**, que consegue manter uma média 4,4 artigos por ano.

O fato de os pesquisadores ditos da nova geração terem a sua disposição um maior número de periódicos, nos quais podem publicar com mais facilidade, pode ter consequência direta na produção, uma vez que as políticas públicas implementadas nos últimos anos no Brasil para a Educação Superior permitiram o avanço na área da ciência e tecnologia.

Alguns autores da vanguarda demonstram, a partir do Currículo Lattes, que estão diminuindo o ritmo da produção acadêmica, tendo poucos orientados em relação aos mais novos, nos programas de pós-graduação, um indicador muito significativo, pois parte significativa dos artigos tem origem nas produções de dissertações e teses.

A partir da Tabela 16, e tendo em vista que o processo de avaliação de artigos na maioria dos periódicos brasileiros dá-se pelos pares com processo *ad hoc* chamado de “às cegas”, há uma demonstração da relevância dos trabalhos dos referidos pesquisadores para a ciência, ressaltando-se o grau de importância nas relações interpessoais e políticas que os autores estabelecem com diversos outros atores da área. Para isso, uma característica detectada é que todos os 12 pesquisadores participam de vários conselhos de revisores de periódicos, além serem membros de vários corpos editoriais.

Alguns intervalos sem publicação foram caracterizados como períodos de busca de titulação de pós-graduação por parte dos pesquisadores. Outras variáveis que afetaram a publicação de alguns pesquisadores do sexo feminino foram os períodos de maternidade, fazendo com que muitos intervalos de publicações se evidenciassem em suas *timelines*.

O ápice da produção para cada autor se dá de forma diversificada, mas para todos o cume das publicações se deu nos anos 2000.

O Autor **A** tem o ápice de publicações de artigos no ano de 2018, com 15 publicações. A maioria dos artigos de 2017 e 2018 foi feita em coautoria. Observa-se também que a quantidade de artigo se eleva consideravelmente a partir de 2012, período em que obteve o título de doutorado, tendo um pequeno decréscimo em 2013.

O Autor **B** atinge o ápice em 2017 com três publicações, enquanto o Autor **C** tem o cume de publicações de artigos em periódicos nos anos de 2009, 2017 e 2018, com quatro publicações cada. O Autor **D** alcança o número em 2005 com cinco publicações; o Autor **E**, de característica semelhante, consegue quatro publicações em 2007; o Autor **F** atinge maior ponto de sucesso em 2017, com seis publicações.

O Autor **G** atinge o ponto mais produtivo em 2017 com nove publicações, ao passo que o Autor **H** consegue em 2015 com cinco publicações. Ainda nessa descrição, o Autor **I** atinge o ápice de publicações de artigos nos anos de 2012 e 2013, com três publicações cada. Já o Autor **J**, o Autor **K** e o Autor **L** conseguem passar a margem de dois dígitos, sendo que o primeiro atingiu 12 artigos em 2013, o segundo teve 15 publicações em 2016 e o terceiro publicou 16 artigos em 2013.

É evidente que o conhecimento das políticas de submissões em periódicos incrementa a possibilidade de alcançar um maior número de publicações, contudo é necessário também estar na elite das relações de poder estabelecidas no sistema de publicação e divulgação científica. Como já mencionado, os 12 autores partici-

pam da editoração de periódicos e para estar nessa elite cada um concebeu uma carreira de sucesso e, por mérito ou “indicação”, constituem o grupo da frente de pesquisadores da área.

Esses autores tendem a publicar nos periódicos mais conceituados, embora os autores de vanguarda tenham publicado em revistas que tiveram a vigência encerrada, apresentando assim um número considerável de publicações em periódicos sem estrato Qualis 2016. A Tabela 17 traz a quantidade artigos publicados nos periódicos pelos 12 autores do recorte, sendo que a revista Ciência da Informação tem 56 ocorrências com os referidos autores.

Tabela 17 – Abrangência dos periódicos sobre os autores do recorte

Periódicos/ Autores	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	Total
Ciência da Informação	-	2	7	8	10	1	2	1	3	5	16	1	56
Informação & sociedade	2	5	4	3	2	1	2	2	1	7	8	3	40
Pesq. Bras. em CI e Biblio.	1	3	1	-	-	2	2	2	1	-	25	3	40
Encontros Bibli	2	-	-	1	-	1	2	1	3	8	6	1	24
Transinformação8	1	-	9	1	2	-	2	-	-	1	6	2	24
Informação & informação	6	-	-	1	-	1	4	1	-	5	4	1	23
Datagramazero	3	-	5	3	2	-	-	4	-	-	2	1	20
Perspec.em Ciência da Informação	1	-	1	-	1	-	1	-	3	6	6	-	19
InCID	6	-	2	-	1	-	1	-	-	3	2	3	18
PontodeAcesso	3	-	-	-	-	3	1	-	-	5	2	2	16
RBBB	5	-	1	1	-	-	1	-	-	3	3	2	16
Tend. da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação	3	1	-	-	1	-	2	1	-	1	5	1	15
Em Questão	1	1	1	-	-	1	2	-	-	4	3	1	14
Liinc em Revista	1	-	1	2	2	-	3	1	-	-	-	-	10
BRAZILIAN JOURNAL OF INFORMATION SCIENCE	3	-	-	-	-	1	2	-	-	1	2	-	9
Revista Digital de Biblio. e Ciência da Informação	-	1	-	-	1	-	-	-	-	3	5	4	9
Revista de Biblio. de Brasília	-	-	3	2	3	-	-	-	-	-	-	-	8
Biblionline (João Pessoa)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	4	1	7
Informare (Rio de Janeiro)	-	-	-	-	5	-	-	2	-	-	-	-	7
Folha de Rosto	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	4	6
Logeion: Filosofia da Inf.	1	-	2	-	-	-	-	-	-	1	1	1	6
Múltiplos Olhares em Ciência da Informação	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	5	6
REVISTA ACB	-	-	1	-	-	-	-	-	-	3	-	2	6
Contrapontos	-	-	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5
Informação arquivística	1	-	-	-	-	1	1	-	1	1	-	-	5
Informação em Pauta	-	-	-	-	1	-	-	-	-	4	-	-	5
Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação	-	-	-	-	-	1	2	-	-	-	2	-	5
Tempo Brasileiro	1	-	-	1	1	-	-	1	-	1	-	-	5

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

O único periódico que consegue abranger todos os 12 pesquisadores é a revista *Informação & Sociedade: Estudos*, mas com a frequência de ocorrências de 40, abaixo da *Ciência da Informação* que, por sua vez, abrange 11 pesquisadores e tem 56 ocorrências com esses pesquisadores. A revista *PBCIB* atinge nove pesquisadores, sendo que, para o Autor **K** ela contabiliza 25 ocorrências.

A revista *Encontros Bibli* também abrange nove pesquisadores e com 24 ocorrências, enquanto a *Transinformação* abrange oito autores com 24 ocorrências. Ainda no quesito abrangência, as revistas *Informação & Informação*, *Tendências* e *Em Questão* abrangem individualmente oito pesquisadores, mas a ocorrências ficam em 23 para a primeira, enquanto a *Tendências* e *Em Questão* ficam um pouco distante, com 15 e 14 ocorrências, respectivamente.

Vale ressaltar que alguns pesquisadores deste recorte já publicaram em colaboração, identificando-se cinco relações distintas. Os periódicos do recorte são os que têm mais tendência a terem mais submissões por parte dos pesquisadores, configurando-se, desse modo, que esses periódicos têm mais probabilidade de oferecer mais insumos para a área, e especificamente para temática, pois uma representação significativa dos autores mais produtivos os escolhe para publicar suas pesquisas.

No aspecto individual, cada pesquisador, a partir do estrato Qualis, busca os meios mais conceituados para publicar seus trabalhos, uma vez que as políticas de publicações dos periódicos seguem indicadores de qualidade para poder se manter no grupo de elite dos periódicos e, assim, ter a sua disposição financiamento e reconhecimento por parte da Academia.

A partir do exposto, observou-se que a tendência de publicação dos 12 participantes da frente de pesquisa se concentra nos periódicos mais conceituados nos estratos Qualis, sendo que dos 582 artigos de autoria desses pesquisadores 64% estão nos três primeiros níveis dos estratos Qualis, o que demonstra a importância das publicações desses autores para área.

Houve registros de diminuição de publicações nos últimos três anos por parte dos pesquisadores Autor **D** e Autor **E**. Os pesquisadores Autor **A**, Autor **F**, Autor **I**, Autor **J** e Autor **L** tendem a publicar em periódicos mais conceituados ao longo do tempo, com grandes perspectivas de crescimento, uma vez que estão relativamente iniciando as orientações com estudantes de pós-graduação. O Autor **K**, mesmo estando dentro do grupo de autores mais recentes demonstra uma produtividade anual de artigos muito elevada, o que se pode considerar a continuidade desse comportamento por mais alguns anos. O Autor **C** e o Autor **H**, por se dedicarem a duas áreas de conhecimento, tendem a continuar com publicações concentradas em periódicos sem Qualis para a área de Comunicação e Informação.

Os autores desse recorte demonstram uma vida acadêmica muito ativa, com exceção de dois pesquisadores, como já mencionado anteriormente, que vêm diminuindo suas atividades, de um modo geral, na universidade. Todos participam de diversos exercícios inerentes a professor/pesquisador, os quais podem ser representados nas tabelas que se seguem. Há uma tendência, entre esses 12 pesquisadores, para produção de capítulos de livros, conforme a Tabela 18.

Tabela 18 - Produção de livros

Pesquisador	Livros no geral	Livros sobre a temática	Capítulos de livro no geral	Capítulos de livro sobre a temática
AUTOR A	4	1	22	18
AUTOR B	2	2	7	2
AUTOR C	9	4	28	12
AUTOR D	6	3	18	14
AUTOR E	3	3	21	21
AUTOR F	3	0	2	1
AUTOR G	11	4	27	6
AUTOR H	14	1	14	1
AUTOR I	2	1	8	7
AUTOR J	2	2	21	11
AUTOR K	2	1	11	5
AUTOR L	4	4	6	5
Total	62	26	185	103

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Na produção acadêmica relacionada à escrita de capítulos de livro e de livros completos, assim como organização de livros, os autores tendem a explorar a publicação de capítulos, pois a escrita de um livro completo requer fomento para a publicação e divulgação, tornando-se um instrumento que demanda investimento alto. Contudo, alguns pesquisadores, como os Autores **H**, **G** e **C**, produziram um número considerável entre organização e escrita de livros completos, com 14, 11 e 9 ocorrências, respectivamente. Quando se especifica a temática Epistemologia e Historiografia da Ciência

da Informação, os Autores **L**, **G** e **C** são os pesquisadores que mais publicaram livros sobre a temática em tela, sendo quatro livros para cada um.

Todos os autores deste recorte publicaram ao menos dois livros, de modo geral, e sobre a temática Epistemologia e Historiografia da Ciência da Informação. Todos os pesquisadores publicaram pelo menos um livro, com exceção do Autor **F**, que tem três livros publicados, mas que não tratam da temática em questão. Ter um livro publicado é um privilégio para poucos pesquisadores, os quais possuem relações políticas e conhecimento notório que possibilitem a submissão dos artefatos a editais de fomento ou custeamento da produção com recursos próprios. Dos 62 livros publicados neste grupo, 26 (42%) eram sobre a Epistemologia e Historiografia da área.

Em relação aos capítulos de livros escritos e publicados em coletâneas, boa parte desses pesquisadores tem uma vasta contribuição, como pode ser visto na produção do Autor **A**, com 22 capítulos escritos, do Autor **C** com 28, do Autor **D** com 18, do Autor **E** com 21, do Autor **G** com 27 e do Autor **J** com 21. Vale ressaltar que muitos capítulos fazem parte de coletâneas cujas organizações, muitas vezes, tiveram os próprios autores como organizadores.

Quanto aos capítulos da temática Epistemologia e Historiografia da Ciência da Informação, os autores que mais se destacam são o Autor **A** com 18 capítulos, o Autor **C** com 12, o Autor **D** com 14, o Autor **E** com 21 e o Autor **J** com 11 capítulos, que contribuíram para o enriquecimento das discussões acerca dos preceitos da temática. Dos 185 capítulos escritos, 103 (55,5%) eram relacionados com

a temática em discussão, um percentual considerado satisfatório uma vez que obtém a maioria dos capítulos aqui expostos.

Os livros e capítulos de livros também tiveram a atenção desses pesquisadores, colaborando para a expansão desses artefatos, tidos na academia como literatura de maior relevância juntamente aos artigos publicados em periódicos de renome. Ainda vale ressaltar que muitos capítulos foram oriundos de trabalhos já publicados como artigos de periódicos, ou vice-versa, acontecendo, algumas vezes, replicações de um mesmo texto.

Os trabalhos completos publicados em anais de eventos são instrumentos bem valorizados entre os pesquisadores, incluindo os anais dos ENANCIB, que recebem status de periódicos, sendo-lhes atribuídos estrato Qualis B1.

Os pesquisadores que mais recebem destaque na publicação de trabalhos completos são os Autores **K** e **G** com 66 artigos cada, assim como o Autor **D** com 57 artigos. Quando se restringe aos trabalhos sobre a temática Epistemologia e Historiografia da Ciência da Informação, os pesquisadores que mais se destacaram foram os Autores **K**, **A**, **E** e **D** com, respectivamente, 52, 38, 30 e 28 publicações. Os trabalhos sobre a temática em questão configuram 52% das publicações no universo de todos os trabalhos completos publicados em anais de eventos.

Em relação aos resumos expandidos, apresentaram publicações para esse gênero os Autores **G**, **H**, **I**, **J** e **K**, sendo que dentre esses apenas os Autores **G**, **J** e **K** têm em seus currículos uma, três e duas publicações, nesta ordem. Os resumos expandidos relacionados à temática epistemológica equivalem a 19,5% da produção total por

parte dos pesquisadores. Para os resumos, com exceção dos Autores **B**, **F** e **L**, que não tiveram publicações, os autores que têm os maiores números de trabalhos foram o Autor **H** com 38 resumos, o Autor **G** com 19 publicações, e o Autor **F** com 13 resumos publicados. No direcionamento dos resumos sobre a temática em tela, quatro pesquisadores se evidenciam o número de suas publicações: os Autores **D**, com cinco resumos, **G**, **H** e **J**, com quatro publicações cada. Dos 102 resumos, 23,5% trabalham a temática epistemologia e historiografia da Ciência da Informação.

Os pesquisadores mais antigos na Academia geralmente tendem a participar mais de bancas de avaliação de mestrado e de doutorado, sendo poucos, até mesmo nenhum, os registros em relação a Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC).

Os autores que mais se destacaram para o TCC foram os Autores **B** com 66 bancas, **L** com 64 e **H**, com 53 bancas com temáticas em geral. Para a temática da Epistemologia e Historiografia da Ciência da Informação, os pesquisadores destacados são os Autores **L**, **B** e **I** com 5, 3 e 3 bancas de TCC cada, nessa sequência. Apenas 5,5% dos TCC foram sobre preceitos epistemológicos da área.

Acerca das bancas de avaliação de mestrado, o número é bem maior de eventos, tendo como destaque os pesquisadores Autor **H**, com 110 bancas de mestrado, mas tendo apenas quatro bancas sobre epistemologia. Em seguida, vêm os Autores **J** e **K**, com o registro de 48 e 43 bancas de avaliação de mestrado, nessa ordem. No aspecto epistemológico, os pesquisadores tiveram os maiores números de participação em bancas de mestrado: os Autores **E** com 14

bancas, **J** com 11 eventos e **A** com sete bancas. Das 324 bancas de mestrado, 18% das bancas foram relacionadas à temática em tela.

Já quando se verifica a participação dos pesquisadores em bancas de avaliação de tese de doutorado, o Autor **L**, no momento da coleta de dados, não havia participado de nenhuma banca, já os Autores **B** e **F** participaram apenas de uma banca. Esse comportamento, aparentemente, não está diretamente ligado ao tempo de dedicação à Academia e sim às relações estabelecidas de acordo com a inserção em programas de Pós-Graduação, como membro permanente, e à produtividade científica. Isso pode ser inferido porque o que fez os pesquisadores desse recorte terem mais participação em banca de doutorados, mesmo tendo alguns o mesmo tempo de dedicação à Academia, foram as características anteriormente descritas.

Em relação ao número de participação nessas bancas, o Autor **E** se destaca com 38 participações, o Autor **J** com 26 contribuições, o Autor **K** com 24 indicações e o Autor **H** com 20 trabalhos apresentados. No tocante à temática Epistemológica e Historiográfica da área, o Autor **E** revela a participação em 22 bancas de avaliação de teses de doutorado, e outros autores que se destacam são o Autor **J** e Autor **A** com 9 participações cada. Esse recorte registra 155 bancas de avaliação de teses de doutorado, sendo que desses 38% são sobre a epistemologia e historiografia da Ciência da Informação, um percentual bem maior do que o que foi registrado para as bancas de mestrado (18%).

Outro ponto observado nesse recorte versa sobre as orientações de trabalhos acadêmicos por parte desses 12 pesquisadores, no qual se verificam as orientações de TCC, mestrado e doutorado.

Os comportamentos dos pesquisadores se distinguem em relação ao tempo de regência nos institutos de ensino superior, pois os pesquisadores mais antigos apresentam poucas orientações de TCC em relação aos pesquisadores mais novos, o que pode ser explicado pela exigência do referido gênero ser um fato recente na academia, especificamente quando aconteceram as reformulações das matrizes curriculares dos cursos, deixando o TCC como requisito parcial para obtenção do grau da graduação.

De modo que as orientações dos TCC estão concentradas nos autores doutores com títulos mais recentes e ligados a curso de graduação, uma vez que nesse grupo há pesquisadores que estão apenas como colaboradores nos programas de Pós-Graduação. Contudo, para esses não foi identificado nenhum registro na sua carreira acadêmica. Os autores que tiveram o maior número de orientações de TCC foram o Autor **H** com 40 registros, o Autor **L** com 31 e o Autor **B** com 32 orientações. Os Autores **D**, **E**, **F** e **G** não evidenciaram registros de orientação da referida modalidade em seus currículos, publicados na Plataforma Lattes.

Para a temática em questão, mesmo sendo considerado como algo ainda incipiente na graduação, houve alguns registros de trabalhos.

Para esse contexto, os pesquisadores que mais apresentam orientação de TCC são o Autor **A**, com nove bancas das 25 das quais participou, e o Autor **C**, com cinco das oito bancas de TCC que avaliou. Nesse recorte, há o registro de 192 TCC, dos quais 14,5% tratam dos preceitos epistemológicos da área, com direcionamento para uma revisão de literatura ou levantamento do estado da arte acerca da temática.

Quanto às orientações de mestrado, têm recebido destaque os Autores **D** com 79 orientações, **H** com 46, **E** com 33, assim como **C** e **K** com 31 orientações cada. Em relação à temática epistemológica, destacam-se o Autor **E** com 14 orientações, e os Autores **C** e **D** com oito e sete orientações, respectivamente. Vale ressaltar que o Autor **H**, mesmo 46 orientações de dissertações de mestrado, não orientou nenhuma pesquisa de mestrado sobre a epistemologia da área. Já em representação percentual, o Autor **B**, embora com um número bem menor de orientações de mestrado em relação à maioria dos pesquisadores do recorte (sete orientações), tem 57% de suas orientações relacionadas à Epistemologia e Historiografia da Ciência da Informação. No recorte geral, 17,5% das 290 orientações de mestrado foram sobre a referida temática.

No grau de orientação de doutorado, os pesquisadores mais antigos da Pós-Graduação, Autores **D** e **E**, têm o maior número de orientação de pesquisas de doutorado, com 32 e 29 orientações, nessa ordem. Esses mesmos pesquisadores foram os que mais se destacaram com as orientações de teses de doutorado relacionadas à temática epistemológica e historiográfica da área, com 19 orientações para o Autor **E** e 16 teses orientadas para o Autor **D**. Ressalte-se que o Autor **A** orientou 10 trabalhos de doutorados, sendo 8 relacionadas à temática em destaque. Os Autores **C**, **I** e **L** ainda não tiveram registrado orientações de pesquisa de doutorado, devido ao tempo em que receberam o título de doutorado e o ingresso em programas de Pós-Graduação. Em um aspecto mais geral, das 114 teses de doutorado registradas 51% das pesquisas foram sobre Epistemologia e Historiografia da Ciência da Informação.

A partir dessas orientações, os autores estabeleceram relações com seus orientandos e com outros parceiros que permitiram a publicação de artigos em regime de colaboração. Nesta pesquisa, foi constatado que quanto maior a publicação com orientandos maior a produtividade em relação aos demais pesquisadores. A Tabela 19 apresenta o quantitativo de artigos em colaboração e os de autoria única no contexto dos 12 pesquisadores.

Tabela 19 - Artigos em colaboração e autoria única

Pesquisador	Artigos	Em colaboração	Autoria única	%artigos em colaboração	% artigos de autoria única
AUTOR A	48	28	20	58,5	41,5
AUTOR B	18	15	3	83,5	16,5
AUTOR C	65	35	30	54	46
AUTOR D	35	17	18	48,5	51,5
AUTOR E	41	6	35	14,5	85,5
AUTOR F	21	12	9	57	43
AUTOR G	53	43	10	81	19
AUTOR H	28	13	15	46,5	53,5
AUTOR I	15	4	11	26,5	73,5
AUTOR J	84	45	39	53,5	46,5
AUTOR K	125	90	35	72	28
AUTOR L	49	30	19	61	39

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Em percentual, os pesquisadores que mais se destacaram com relação aos artigos em regime de colaboração foram os Autores **B** com 83,5%, **G** com 81% e **K** com 72% de artigos em colaboração com diversos pesquisadores, oportunizando-se a parceria com o compartilhamento de conhecimentos. O Autor **E** apresenta o menor percentual (14,5%) de artigos em colaboração, mesmo tendo um número considerável de artigos publicados (41), seguido pelo Autor **I** com 26,5% das publicações. O tipo de relação para os artigos em colaboração pôde se configurar pelas parcerias com pesquisadores da mesma instituição, parecerias interinstitucionais, parcerias entre orientandos e orientadores, conforme pode ser visto na Tabela 20.

Tabela 20 – Publicações de artigos em coautoria – identificação de relação à época da publicação

Autores	Total de coautores	Total de ocorrências com orientandos	Total de ocorrências de coautoria da mesma instituição	Total de ocorrências de coautoria de instituições diferentes	Total de ocorrências com orientadores
AUTOR A	26	15	7	4	1
AUTOR B	23	6	9	9	2
AUTOR C	25	19	13	17	0
AUTOR D	27	9	10	16	0
AUTOR E	5	1	2	3	0
AUTOR F	11	4	0	7	6
AUTOR G	29	38	2	15	0
AUTOR H	13	5	2	9	0
AUTOR I	3	0	0	3	1
AUTOR J	23	23	27	8	0
AUTOR K	79	66	38	40	10
AUTOR L	39	14	13	15	9

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

A priori, pode-se ressaltar que os autores que estão mais inclinados à produção em colaboração têm a maior taxa de publicação de artigos, como é verificado com o Autor **K** e o Autor **J**, que são os pesquisadores do recorte com maior publicação de artigos, 125 e 84, respectivamente, e que mantêm um número de colaboração que os destaca de seus pares. Nessa observação, os pesquisadores que apresentaram o maior número de coautores são os Autores **K** com 79 colaboradores, **L** (considerado jovem) com 39 coautores e **G** com 29 parceiros.

O Autor **I**, considerado ainda incipiente na Pós-Graduação, possui 15 artigos e estabelece parceria com três coautores, sendo que um foi seu orientador e os outros dois foram colegas de curso de doutorado e hoje também são professores universitários. O referido pesquisador tem, dos seus 15 artigos publicados, 26,5% em regime de colaboração, segunda menor taxa do recorte. Com características semelhantes, tem-se o Autor **E**, o pesquisador com maior tempo de academia desse recorte, que possui 41 artigos publicados, sendo que desses o percentual em colaboração é de 14,5%, a menor taxa do recorte, estabelecendo relações com cinco parceiros. Nesse sentido, observa-se que o tempo de academia não é um fator determinante para estabelecer a produção em coautoria.

Os pesquisadores com a maior incidência de coautorias com orientandos são o Autor **K** com 66 ocorrências, o Autor **G** com 38 e o Autor **J** com 23, ressaltando que esse número não corresponde à quantidade de orientandos, mas sim ao número de artigos com orientandos. Na contramão, o Autor **E** apresenta apenas uma ocorrência de publicação de artigo com orientando.

As publicações com orientandos foram interessantes para a maioria dos pesquisadores, uma vez que novas políticas de submissão de trabalhos foram implementadas, o que possibilitaram que estudantes e seus orientadores publicassem resultados das suas pesquisas. Um contrato benéfico para ambas as partes, pois os pesquisadores incrementaram seus currículos, aumentando sua produtividade estatisticamente e permitindo a progressão na carreira.

Quando se observam as parcerias entre pesquisadores da mesma instituição, desconsiderando os orientandos, o Autor **K** também se destaca com 38 ocorrências juntamente com o Autor **J** com 27. Considerando o direcionamento de parcerias interinstitucionais, o Autor **K** também se evidencia, distanciando-se dos demais com o registro de 40 ocorrências, enquanto os mais próximos foram o Autor **C** com 17 ocorrências, o Autor **D** com 16, o Autor **G** e o Autor **L** com 15 ocorrências de parcerias interinstitucionais. Ainda na perspectiva de publicações em parceria com orientadores, o Autor **K** se destaca com 10 ocorrências, seguido pelo Autor **L** com nove e pelo Autor **G** também com nove publicações com seus orientadores. Na via contrária, os professores que tiveram o menor número de ocorrência com seus orientadores foram o Autor **B** com duas publicações, o Autor **A** e o Autor **I** com uma publicação cada, sem citar os pesquisadores que não tiveram nenhum registro com seus mestres, como os Autores **C**, **D**, **E**, **G**, **H** e **J**. Desse grupo, apenas o Autor **J** é considerado da geração mais recente de pesquisadores da área.

Para a publicação em regime de colaboração, considerando que os Autores **C**, **D**, **E**, **G**, **H** e **K** são considerados pesquisadores de vanguarda, e que os Autores **A**, **B**, **F**, **I**, **J** e **L** são aqueles com inser-

ção como docentes nos programas de Pós-Graduação nos últimos 10 anos, percebe-se que os pesquisadores mais novos apresentam leve tendência a produzir em colaboração, pois a média do percentual de artigos em colaboração é maior para esse grupo, 56,5 de média, enquanto para os pesquisadores de vanguarda a média dos percentuais é de 52,5. Mas, o que se precisa observar é a qualidade das produções sem que o anseio pela alta produtividade favoreça os desvirtuamentos da finalidade da ciência, como já apontara Machado, Jesus e Silva (2012).

5 CONTEXTO FINAL

Estudar as estruturas institucionais que fomentam as pesquisas epistemológicas e histográficas da Ciência da Informação foi o alvo desta caçada científica, observando as pistas que configuram as instituições, as normas, as parcerias, a produtividade, os canais de comunicação, os perfis dos pesquisadores e as frentes de pesquisa. Uma busca com perspectivas descritivas de todo esse organismo que constitui o campo científico, mesmo consciente de possíveis riscos, como se deparar com um possível *locus* da luta pelo capital científico da concepção de Bourdieu (1983).

A caça à produtividade dos pesquisadores acerca da temática Epistemologia e Historiografia da Ciência da Informação mostrou tendências de relações na produção dos trabalhos científicos, o que validou alguns preceitos de pesquisadores dos estudos métricos, assim como possibilitou novas configurações relacionadas aos novos modos de publicação científica e como isso influenciou para que a produtividade venha numa forte crescente nos últimos anos.

Dessa forma, observou-se que os pesquisadores se envolvem numa trama que busca o alinhamento entre ser produtivo e ser referência para os demais pesquisadores, na busca pela autoridade científica, assim como pelo investimento para o acúmulo do capital científico, necessário, segundo as estruturas normativas, para angariar recursos de fomento para suas pesquisas.

Quanto à produtividade dos autores do recorte desta pesquisa, no contexto geográfico a Região Sudeste tem a supremacia em todos

os aspectos avaliados, porque tem, em seu território, os primeiros cursos de Pós-Graduação da Ciência da Informação e os primeiros grupos e linhas de pesquisa sobre a referida temática.

Contudo, percebe-se uma ascensão dessa produtividade nas regiões Sul e Nordeste, que vêm com um número crescente de novos programas de Pós-Graduação na área. A Região Norte ainda precisa de implementação de políticas públicas para que estudos relacionados à Ciência da Informação sejam desenvolvidas em instituições de pesquisa da região. A Universidade de Brasília carrega toda a responsabilidade produtiva da Região Centro-Oeste, o que demonstra que os outros Estados da referida Região precisam da inserção de programas de Pós-Graduação na área.

Foram identificados 442 pesquisadores responsáveis por publicações acerca da temática em questão, sendo que 71,5% desses publicaram apenas uma vez, o que evidenciou a Lei de Lotka.

Percebe-se que há uma alta rotatividade entre os pesquisadores no GT-1 dos ENANCIB, como já informava González de Gómez (2007), assim como nos periódicos indexados na Brapci. Isso pode configurar o caráter democrático dos veículos de comunicação científica, no que se refere ao acompanhamento das pesquisas concluídas ou em andamento, como também pode caracterizar uma dispersão temática para os autores, ou seja, pesquisadores que se dedicam a outras temáticas que resultaram em uma discussão conceitual, o que permitiu as publicações sob o embasamento epistêmico e historiográfico da Ciência da Informação nesses canais de comunicação científica.

De modo que, na produção científica desses autores, o fato de estar no grupo de elite de uma determinada temática não significa

que a qualidade do seu trabalho se evidencia. É necessário que sua produção tenha impacto referencial, o que o colocaria também no grupo de frente de pesquisa.

Nesse sentido, a pesquisa evidenciou que alguns pesquisadores puderam compor, ao mesmo tempo, tanto o grupo de elite da temática em tela quanto o grupo frente de pesquisa, mas as configurações se deram de forma diferente para cada grupo.

As primeiras posições do grupo de elite estão ocupadas por pesquisadores que entraram na pós-graduação a menos de 10 anos, enquanto os pesquisadores que ocupam as duas primeiras posições na frente brasileira de pesquisa da temática são docentes com mais de 30 anos de dedicação à docência da área, pertencentes também ao grupo de elite.

Sobre a qualidade das produções, reafirmou-se que os estratos Qualis para periódicos não podem julgar a qualidade individual dos artigos, uma vez que artigos com grandes contribuições para área podem ter sido publicados em periódicos com níveis baixos nos estratos. Contudo, são considerados instrumentos que podem analisar os periódicos no atendimento a critérios estabelecidos de verificação de qualidade e produtividade determinados pela Capes. Em outras palavras, são instrumentos para avaliação coletiva da produtividade.

Observou-se que o crescimento das publicações foi altamente influenciado pelo surgimento de novos periódicos na área, pelas regularidades de periodicidade dos periódicos de um modo geral, bem como pela institucionalização de novos programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação, com seus instrumentos de publicação e divulgação científica.

No cumprimento das proposições iniciais da pesquisa, considera-se que os objetivos foram alcançados, pois a investigação sobre a produção e o desenvolvimento da Ciência da Informação, a partir das comunicações científicas dos estudiosos da Epistemologia e Historiografia da área, permitiu identificar os pesquisadores mais atuantes da temática e a descrição das relações estabelecidas entre os autores, além de levantar vários perfis acadêmicos dos referidos pesquisadores.

Diante disso, identificou-se um pequeno coletivo de pesquisadores que dão consistência e continuidade aos trabalhos acerca da temática, validando, dessa forma, a Hipótese 1 da pesquisa.

A Hipótese 2 foi comprovada ao se perceber que, dentro do recorte dos 50 autores, a inserção dos pesquisadores na produção acerca da temática se dá pelas pesquisas de mestrado e de doutorado, quando foi constatado que 53% das dissertações de mestrado e 56% das teses de doutorado abordaram temáticas sobre Epistemologia e Historiografia da Ciência da Informação, e a outra parte dos pesquisadores adentraram no tema a partir dos grupos de pesquisa.

Dessa maneira, também houve a validação da Hipótese 3, que atenta para a configuração diferente na composição nos grupos núcleos de pesquisadores mais atuantes do GT-1 e dos artigos de periódicos indexados na Brapci. Acrescenta-se, a essa constatação, a diferença no núcleo dos pesquisadores que pertencem ao grupo de elite e no núcleo dos autores do grupo frente de pesquisa da temática.

Em relação às circunstâncias da produção de trabalhos de autoria única ou em regime de colaboração, a maioria dos trabalhos, nos

dois canais de comunicação científica, foi construída em colaboração, estabelecendo-se relações de coautoria entre orientadores e orientandos, além de parcerias entre pesquisadores dos mesmos grupos de pesquisa.

Nesta pesquisa, foram identificados autores bolsistas de produtividade de pesquisa CNPq com alta produtividade, sendo que uma parte considerável dos seus artigos foram escritos com orientandos, o que permitiu que alguns pesquisadores chegassem a publicar mais de 10 artigos por ano em periódicos da área.

Dessa maneira, foram estabelecidas relações de interesse mútuo, uma vez que os professores incrementam seus currículos a título de progressão profissional e fomento de suas pesquisas, enquanto os estudantes procuram sua inserção definitivamente no meio acadêmico. Relações essas consideradas de poder, que podem se configurar, quando não inibidas, em ambientes insalubres de assédios morais.

Há também a relação entre parceiros de mesma instituição ou instituição diferente, mas que nutrem interesse comum acerca da temática, participam de mesmo grupo de pesquisa ou participam conjuntamente de bancas de avaliações de pesquisa que derivam produções em colaboração. Essas relações podem figurar no campo da colaboração, o que contribui para a avanço coletivo da ciência, ou ambiente de competitividade, onde os sucessos são mais individuais do que coletivos.

Observou-se que os autores identificados nessa pesquisa procuraram publicar em periódicos cujos estratos Qualis se caracterizam como os mais altos. O estrato Qualis B1 foi o que obteve o maior número de publicações, seguido do estrato Qualis A1 e estrato Qualis A2,

o que caracteriza a busca pela submissão de trabalhos a fontes com maiores critérios de qualidade de avaliações, permitindo-se a inferência pela qualidade dos referidos trabalhos. Esses pesquisadores, na sua maioria, estão em regência nas universidades, participando também de pesquisas e projetos de extensão. Percebeu-se que a Biblioteconomia tem a maior representatividade na formação inicial desses pesquisadores, e a Ciência da Informação é responsável pela maioria das titulações de mestrado e doutorado dadas a esses autores.

A partir dos resultados, algumas reflexões se fazem necessárias para que o progresso da produtividade sobre a temática tenha um crescimento mais qualitativo do que quantitativo. Certamente será necessário um alinhamento com preceitos mais qualitativos na produção científica sobre a epistemologia e historiografia da Ciência da Informação. Trata-se de uma área muito sensível, cujas verdades se comprovam pelos construtos de ideias compostas por vieses historiográficos e conceituais.

A temática estudada tem uma importância fundamental para área, pois através dos perfis dos pesquisadores aqui expostos, percebeu-se que as visões interdisciplinares acontecem, uma vez que há o tratamento dos conceitos sobre alguns processos relacionados à informação, possibilitando a transformação e adaptação dos conceitos à Ciência da Informação. É nesse campo que as correntes teóricas são percebidas e suas raízes têm sustentado a copa do conhecimento da área.

Estudar a Epistemologia representa uma caçada às ideias ou características de produção acerca do tema, em uma dada área da ciência, configurando-se como o sustentáculo da essência temáti-

ca, sendo a captura de perspectivas de pensamento, desenvolvendo a expansão do conhecimento. Nesse sentido, os estudos acerca da temática devem ser contínuos, pois as ideias se conflitam e surgimentos de novas pensamentos se tornam possíveis, pois como argumenta Wilson (2008, p. 14),

Nenhuma teoria pode ser considerada absolutamente verdadeira para sempre, ela somente existe como um conjunto de ideias que funcionam, mas que aguardam refutação. Algumas teorias persistem por séculos antes de serem rejeitadas como resultado de novas descobertas, algumas são muito transitórias e são dominantes por um ano ou dois e então desaparecem.

Isso justifica a extrema necessidade de manter os estudos epistemológicos atualizados, pois são base para o construto teórico e metodológico da área, o que permite visualizar as tendências de concepções conceituais e metodológicas.

Esta pesquisa ganha um grau de relevância para a Ciência da Informação, quando consegue expor a produtividade acadêmica sobre a área e as múltiplas relações estabelecidas na produção científica.

Para a Ciência da Informação (CI), os estudos sobre questões epistemológicas tornam-se fundamentais, pois [...] o desenvolvimento de uma ciência é refletido na produção científica, ou seja, que por meio das publicações a comunidade científica tem acesso a um novo conhecimento e o torna legítimo, o estudo da comunicação científica possibilita o exame e a avaliação dos conteúdos produzidos pelos cientistas, bem como as tendências, métodos e influências teóricas. (ARBOIT; BUFREM; FREITAS, 2010)

Por outro lado, a produtividade deve estar associada à qualidade, pois o reflexo que o trabalho produz na ciência permite sua interdiscursividade além das cercas de produto científico, seus re-

sultados resultam em benesses para sociedade como todo. Daí a necessidade de se cuidar para que os pesquisadores não adoçam de “normose acadêmica”³, o que evita a criatividade e a livre iniciativa para o desenvolvimento do novo nas instituições de pesquisa.

O novo que esta pesquisa pode apontar é uma trilha que, a partir do grupo da frente de pesquisa, pode direcionar as relações temáticas entre os trabalhos, identificando as correntes epistemológicas e a análise discursiva do construto interdiscursivo dos trabalhos científicos. A novidade também se dá pelas ligações entre as orientações fornecidas pelos pesquisadores, podendo-se chegar ao patriarca ou matriarca da Ciência da Informação no Brasil.

Outras perspectivas podem ser observadas depois desta pesquisa, sobre como a produtividade científica tem afetado a qualidade dos trabalhos, sobre a epistemologia da área, ou sobre como as novas conjunturas políticas poderão influenciar os trabalhos acerca da referida temática.

Destarte, espera-se ter demonstrado a relevância dos estudos métricos para a Epistemologia e Historiografia da Ciência da Informação, e como os pesquisadores dessa temática podem se ver e se motivar para continuar contribuindo para os avanços da discussão dessa temática, considerada o alicerce teórico e metodológico de uma Ciência.

3 Termo usado pelo professor Renato Santos de Souza (2014) para se referir à ausência de criticidade no produtivismo acadêmico.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, António Manuel Passos. Epistemologia do conhecimento em Michel Foucault: os museus e as suas coleções. **Ensaios e Práticas em Museologia**, Porto, Departamento de Ciências e Técnicas do Património da FLUP, v. 2, p. 37-56, 2012.

ALVARES, Lillian; ARAUJO JUNIOR, Rogério Henrique de. Marcos históricos da ciência da informação: breve cronologia dos pioneiros, das obras clássicas e dos eventos fundamentais. **Transinformação**, Campinas, v. 22, n. 3, p. 195-205, dez. 2010.

ALVES, Rubens. **Filosofia da ciência**: introdução ao jogo e suas regras. 20. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

ANCIB - ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. 2016. Disponível em: Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/index>. Acesso em: jan. 2017.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Bibliometria: evolução histórica e questões atuais. **Em Questão**. Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 11-32, jan./jun. 2006.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Correntes teóricas da ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 38, n. 3, p.192-204, set./dez., 2009.

ARAÚJO, Vania Maria Rodrigues Hermes de. **Sistemas de recuperação da informação**: nova abordagem teórico conceitual. 1994. 240 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade

de Comunicação, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.

ARBOIT, Aline Elis; BUFREM, Leilah Santiago; FREITAS, Kuliana Lazzaroto de. Configuração epistemológica da Ciência da Informação na literatura periódica brasileira por meio de análise de citações (1972-2008). **Perspectiva em Ciência da Informação**, v. 15, n. 1, p. 18-43, jan./abr. 2010.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. A condição da informação. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 1-12, jul./set. 2002.

BASE DE DADOS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (BRAPCI). 2018/2019. Disponível em: <http://www.Brapci.inf.br/index.php>. Acesso em: 10 nov. 2018 e jan./fev. 2019.

BASTOS, Flavia Maria. **Organização do conhecimento em bibliotecas digitais de teses e dissertações**: análise da aplicabilidade das teorias macroestruturais para categorização de áreas de assunto. 2005. 111 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2005.

BATES, Marcia J. The invisible substrate of information science. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 50, n. 132, p. 1043-1050, 1999.

BELENS, Adroaldo de Jesus; PORTO, Cristiane de Magalhães. Ciência e tecnologia, uma abordagem histórica na sociedade da informação. In: PORTO, Cristiane de Magalhães (Org.) **Difusão e cultura científica**: alguns recortes [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 23-43.

BORKO, Harold. Information Science: What is it? **American Documentation**, v. 19, n. 1, p. 3-5, jan. 1968.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. *In*: BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. São Paulo: Atica, 1983. p. 122-155.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da Informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB, 5. **Anais [...]** Belo Horizonte: ECI/UFMG, 2003. [não paginado].

CAPURRO, Rafael; HJØRLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007.

CARDOSO, Ana Maria Pereira. Retomando possibilidades conceituais: uma contribuição à sistematização do campo da informação social. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 107-114, jul./dez. 1994.

CORRÊA, Elisa Cristina. Os artigos científicos em tempos de Web 2.0: uma reflexão teórica. **Revista ACB: Biblioteconomia, Santa Catarina** v. 17, n. 1, p. 42-58, jan./jun. 2012.

COSTA, Francisco José da. **Mensuração e Desenvolvimento de Escalas**: Aplicações em Administração. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2011.

COSTA, Sely Maria de Souza. Mudanças no Processo de Comunicação Científica: o impacto do uso de novas tecnologias. *In*: MUELLER, Suzana Pinheiro Machado; PASSOS, Edilenice J. L. (Orgs.). **Comunicação Científica**. Brasília: UnB, 2000. p. 85-105.

CRUZ, Robson Nascimento da. História e Historiografia da Ciência: considerações para pesquisa histórica em análise do comportamento. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 8, n. 2, p. 161-178, jul./dez. 2006.

CURRICULO LATTES. Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do?metodo=apresentar>. Acesso em: jan. 2018.

DANCY, Jonathan. **An Introduction to Contemporary Epistemology**. Blackwell: Oxford, 1985.

DICIONÁRIO AURÉLIO. 2017. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/epistemologia>. Acesso em: nov. 2017.

DUARTE, Emeide Nóbrega. – **Análise da produção científica em gestão do conhecimento**: estratégias metodológicas e estratégias organizacionais. 2003. 300 f. Tese (Doutorado em Administração) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, CCSA, UFPB – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2003.

FIGUEIREDO, Nice. Paul Otlet e o centenário da FID. In: INSTITUTO BRASILEIRA DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Organização do conhecimento e sistemas de classificação**. Brasília: IBICT, 1996. p. 14-19.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FOSKETT, Douglas John. Ciência da informação como disciplina emergente: implicações educacionais. In: GOMES, Hagar Espanha (Org.). **Ciência da informação ou informática**. Rio de Janeiro: Calunga, 1980. p. 53-69.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo. Ciência da informação: temática, histórias e fundamentos. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 6-19, jan./abr. 2006.

FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo; SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. A configuração do campo da Ciência da Informação: marcas de uma identidade. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 22, p. 161-174, Número Especial 2012.

FREIRE, Isa Maria. **A responsabilidade social da ciência da informação e/ou O olhar da consciência possível sobre o campo científico**. 2001. 166 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Convênio CNPq/IBICT – UFRJ/ECO, Rio de Janeiro, 2001.

FREIRE, Isa Maria. Mediação da informação: um olhar sobre o portal LTI a partir literatura indexada na Brapci. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 23-45, maio/ago. 2014.

FREIRE, Isa Maria. Um olhar sobre a produção científica brasileira na temática epistemologia da ciência da informação. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 1, n. 1, p. 1-31, 2008.

FUMERTON, Richard. **Epistemologia**. Petrópolis - RJ: Vozes, 2014. (Coleção Epistemologia)

GABRIEL JUNIOR, Rene Faustino. **Geração de indicadores**

de produção e citação científica em revistas de Ciência da Informação: estudo aplicado à base de dados BRAPCI. 2013. 140 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GINZBURG, Carlos. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

GOFFMAN, William. Information Science: discipline or disappearance. **ASLIB Proceedings**, Bingley, v. 22 n. 12, p. 589-596, dez. 1970.

GOMES, Maria Yêda Falcão Soares de Figueiras. Tendências atuais da produção científica em Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil. **DataGramZero: Revista de Ciência da Informação**, v. 7, n. 3, jun. 2006. [não paginado]

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. **GT1- ESTUDOS HISTÓRICOS E EPISTEMOLÓGICOS DA INFORMAÇÃO**. Transcrição de Palestra. 2007. Disponível em: <http://slideplayer.com.br/slide/284026/>. Acesso em: dez. 2016.

GRAYLING, Anthony Clifford. Epistemology. In: BUNNIN, Nicholas; TSUI-JAMES, Eric (Orgs.). **The Blackwell Companion to Philosophy**. Cambridge, Massachusetts: Blackwell Publishers Ltd, 1996.

GUEDES, Vânia Lisboa da Silveira. A Bibliometria e a Gestão da Informação e do Conhecimento Científico e Tecnológico: uma

revisão da literatura. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 6, n. 2, p. 74-109, ago. 2012.

HASSAN-MONTERO, Yusef. Visualización y Recuperación de Información. In: ENCONTRO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS DA DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO, 2., 2006. Porto. **Anais** [...]. Porto: Escola Superior de Estudos Industriais e de Gestão (Vila do Conde), 2006. [não paginada]. Disponível em: http://www.nosolousabilidad.com/hassan/visualizacion_y_recuperacion_de_informacion.pdf. Acesso em: 03 maio 2017.

HJØRLAND, Birger. Epistemology and the socio-cognitive perspective in information science. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v. 53, n. 4, p. 257-270, fev. 2002.

JAPIASSU, Hilton. **Introdução ao pensamento epistemológico**. 5. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1988.

KOBASHI, Nair Yumiko; TALAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. Informação: fenômeno e objeto de estudo da sociedade contemporânea. **Transinformação**, Campinas, v. 15, n. spe, p. 7-21, dez. 2003.

KROPF, Simone Petraglia; LIMA, Nísia Trindade. **Os valores e a prática institucional da ciência**: as concepções de Robert Merton e Thomas Kuhn. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 3, p. 565-581, fev. 1999.

KUHN, Thomas. Samuel. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2004.

LIMA, Larissa de Mello. **A INSTITUCIONALIZAÇÃO COGNITIVA E SOCIAL DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL**: uma análise discursiva com base nos anais do GT-1 ENANCIB em sua primeira década. 2017. 104 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2017.

LOURENÇO, Cíntia de Azevedo. A automação em bibliotecas: análise da produção via Biblioinfo (1986/1994). In: WITTER, Geraldina Porto (Org.). **Produção científica**. Campinas: Átomo, 1997. p. 25-40.

MACHADO, Ana Maria Netto; JESUS, Paula Clarice Grazziotin; SILVA, Ilse Chaves da. A “carta periódica”: um modelo de publicação interativo para superar o produtivismo acadêmico e qualificar a produção científica. In: CONFERÊNCIA FORGES, 2, 2012, Macau (CHINA). **Anais [...]**. Macau: Instituto Politécnico de Macau, 2012. [não paginado]. Disponível em: <http://www.aforges.org/wp-content/uploads/2017/03/Machado-Ana-et-al-UNIPLAC-BR.pdf>. Acesso em: maio 2018.

MACIAS-CHAPULA, César A. O papel da informetria e da cienciometria e sua perspectiva nacional e internacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 134-140, maio/ago. 1998.

MARICATO, João de Melo; NORONHA, Daisy Pires. Indicadores bibliométricos e cientométricos em CT&I: apontamentos históricos, metodológicos e tendências de aplicação. In: HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini.; LETA, Jacqueline (Orgs.). **Bibliometria e Cientometria**: reflexões teóricas e interfaces. São Carlos: Pedro & João, 2012. v. 1, p. 21-41.

MARTINS, Roberto de Andrade. Ciência versus historiografia: os diferentes níveis discursivos nas obras sobre história da ciência. In: AFONSO-GOLDFARB, Ana Maria; BELTRAN, Maria Helena Roxo (Orgs.) **Escrevendo a história da ciência: tendências, propostas e discussões historiográficas**. São Paulo: EDUC/Livraria da Física/Fapesp, 2004. p.115-147.

MATTELART, Armand. **História da utopia planetária**: da cidade profética à sociedade global. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2002.

MAZZOTTI, Tarso Bonilha. **Epistemologia das Ciências da Educação**. 1. ed. Marília, SP: Editora Poiesis, 2013.

MEADOWS, Arthur Jack. **A comunicação científica**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MERTON, Robert K. El efecto Mateo en la ciencia. In: MERTON, Robert King. **La Sociologia de la Ciencia 2**. Madrid: Alianza Editorial SA, 1977. p. 554-578.

MORRIS, Edward K.; TODD, James T.; MIDGLEY, Bryan D.; SCHNEIDER, Susan M.; JOHNSON, Lisa M. The History of Behavior Analysis: Some Historiography and a Bibliography. **The Behavior Analyst**, n. 13, p. 131-158, 1990.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. A ciência, o sistema de comunicação científica e a literatura científica. In: CAMPOLLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite (Orgs.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte; Ed. UFMG, 2000a. p. 21-34 319p. – (Aprender)

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Periódicos científicos.

In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite (Orgs.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte; Ed. UFMG, 2000b. p.73-96. – (Aprender)

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. A comunicação científica e o movimento de acesso livre ao conhecimento. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 2, p. 27-38, maio/ago. 2006

NAVES, Madalena Martins Lopes. Aspectos conceituais do browsing na recuperação da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 3, 1998. [não paginado]

NORONHA, Daisy Pires; MARICATO, João de Melo. Estudos métricos da informação: primeiras aproximações. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, n. esp., 1º sem., p. 116-128, 2008.

NUNES, Lucilene. **Epistemologia e Ciência da Informação: Um Estudo das Comunicações do GT-1 do ENANCIB**. 2009. 132 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009.

ORTEGA, Cristina Dotta. Relações históricas entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. **DataGramaZero**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 5, out. 2004. [não paginado]

PAVAN, Cleusa; STUMPF, Ida Regina Chitto. Avaliação pelos pares nas revistas brasileiras de Ciência da Informação. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 14, n. 28, p. 73-92, 2009.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. **A Ciência da Informação entre sombra e luz: domínio epistemológico e campo interdisciplinar**. 1997. 234 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) - UFRJ/ECO, Rio de Janeiro, 1997.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Campo interdisciplinar da Ciência da Informação: fronteiras remotas e recentes. In: PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. **Ciência da Informação, ciências sociais e interdisciplinaridade**. Brasília: IBICT, 1999. p. 155-182.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. **Lei de Bradford: uma reformulação conceitual**. 1982. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - IBICT, Rio de Janeiro, 1982.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Processo evolutivo e tendências contemporâneas da Ciência da Informação. **Informação & Sociedade**, v. 15, n. 1, p. 13-48, jan./jun, 2005.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro; LOUREIRO, José Mauro Matheus. Traçados e limites da ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 42-53, jan./abr. 1995.

PLATAFORMA LATTES/CNPq. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/>. Acesso em: 03 jan. 2019.

POMBO, Olga. Epistemologia interdisciplinar. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINARIDADE, HUMANISMO, UNIVERSIDADE. Porto, 2003. **Anais [...]**. Porto, 2003. p. 1-29.

RABELLO, Rodrigo. A Ciência da Informação como objeto: epistemologias como lugares de Encontro. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 17, n. 1, p. 2-36, jan./

mar. 2012.

RABELLO, Rodrigo. História dos conceitos e ciência da informação: apontamentos teórico-metodológicos para uma perspectiva epistemológica **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 13, n. 26, 2º sem. 2008.

RAYWARD, Warden Boyd. The origins of Information Science and the International Institute of Bibliograph/ International Federation for Information and Documentation (FID). **Journal of the American Society for Information Science**, v. 48, n. 4, p. 289-300, 1997.

RENDÓN ROJAS, Miguel Angel. La ciencia de la información en el contexto de las ciencias sociales y humanas. Ontología, epistemología, metodología e interdisciplina. **DataGramZero**, v. 9, n. 4, ago. 2008. [não paginado]

SANTOS, Raimundo Nonato Macedo dos. Indicadores estratégicos em ciência e tecnologia: refletindo a sua prática como dispositivo de inclusão/exclusão. **Transinformação**, Campinas, v. 15, n. spe, p. 129-140, set./dez. 2003.

SANTOS, Raimundo Nonato Macedo dos. Os indicadores bibliométricos: virtudes e limites no contexto da avaliação em Ciência e Tecnologia. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 319-335, set/dez. 2015

SANTOS, Raimundo Nonato Macedo dos; KOBASHI, Nair Yumiko. Bibliometria, Cientometria, Infometria: conceitos e aplicações. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, João Pessoa, v. 2, n. 1, p. 155-172, 2009.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996.

SCHWEITZER, Fernanda; RODRIGUES, Rosângela Schwarz; RADOS, Gregório Jean Varvakis. Comunicação científica e as tecnologias de informação e comunicação. **Comunicação & Sociedade**, a. 32, n. 55, p. 83-104, jan./jun. 2011.

SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ONLINE - SciELO.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_home&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: maio 2017.

SILVA, Márcia Regina da; HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini. O que Bourdieu tem a dizer à Bibliometria? In: SEGUNDO, José Eduardo Santarem; SILVA, Marcia Regina da; MOSTAFA, Solange Puntel Mostafa (Orgs). **Os pensadores e a Ciência da Informação**. 1.ed. Rio de Janeiro: E-Papers, 2012.

SILVA, Tiago José da. **Indexação automática por meio da extração e seleção de sintagmas nominais em textos em língua portuguesa**. 2014, 144 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Artes e Comunicação – CAC, UFPE – Universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE, 2014.

SILVA, Tiago José da; FREIRE, Isa Maria. Historiografia e epistemologia no campo da ciência da informação: um olhar sobre a literatura brasileira. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, v. 13, n. 1, p. 1-9, 2018.

SILVA, Tiago José da; FREIRE, Isa Maria; OLIVEIRA, Henry Pôncio Cruz de. Participação de Pesquisadores no Grupo de Trabalho Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação.

In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - ENANCIB, 18, 2017, Marília, SP. Anais [...]. Marília, SP: UNESP, 2017. v. 1. [não paginada]

SOLLA PRICE, Derek J. Network of scientific papers. **Science**, v. 149, n. 3683, p. 510-515, jul. 1965.

SOLLA PRICE, Derek J. **O desenvolvimento da ciência**: análise histórica, filosófica, sociológica e econômica. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1976.

SOUZA, Edivânio Duarte de. **A Ciência da Informação**: fundamentos epistêmico-discursivos do campo científico e do objeto de estudo. Maceió: Edufal, 2015.

SOUZA, Edivânio Duarte de. **A epistemologia interdisciplinar na Ciência da Informação: dos indícios aos efeitos de sentido na consolidação do campo disciplinar**. 2011. 346f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Belo Horizonte, 2011.

SOUZA, Renato Santos de. A normose acadêmica. In: NASCIMENTO, Luis Felipe Machado do (Org.). **Lia, mas não escrevia** (livro eletrônico): contos, crônicas e poesias. Porto Alegre: LFM do Nascimento, 2014.

TAGUE-SUTCLIFFE, Jean. An introduction to informetrics. **Information processing & management**, Oxford, v. 28, n. 1, p. 1-3, 1992.

TARGINO, Maria das Graças. Comunicação científica: uma revisão de seus elementos básicos. **Informação & Sociedade**: Estudos,

João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 1-27, jul./dez. 2000.

URBIZAGASTEGUI ALVARADO, Ruben. A cienciometria como um campo científico. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 20, n. 3, p. 41-62, set./dez. 2010

URBIZAGASTEGUI ALVARADO, Ruben. Elitismo na literatura sobre a produtividade dos autores. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 38, n. 2, p. 69-79, ago. 2009.

URBIZAGASTEGUI ALVARADO, Ruben. A produtividade dos autores sobre a lei de Lotka. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 2, p. 87-102, maio/ago., 2008.

URBIZAGASTEGUI ALVARADO, Ruben. **Pierre Bourdieu: a bibliography**. Riverside, CA: Waira Publications, 1993

VAN RAAN, A. F. J. Scientometrics: state-of-art. **Scientometrics**, v. 38, n. 1, p. 205-218, 1997.

VANTI, Nadia Aurora Peres. A Cientometria revisitada à luz da expansão da ciência, da tecnologia e da inovação. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 5, n. 3, p. 5-31, jul./dez. 2011.

VANTI, Nadia Aurora Peres. Da bibliometria à webometria: uma exploração conceitual dos mecanismos utilizados para medir o registro da informação e a difusão do conhecimento. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n. 2, p. 152-162, maio/ago. 2002.

VANTI, Nadia Aurora Peres. **Métodos quantitativos para a avaliação do fluxo da informação e do conhecimento: bibliometria, cientometria e informetria**. Comunicação e informação: ensaios e críticas. Porto Alegre: Sulina, 2006.

WERSIG, Gernot. Information science: the study of postmodern knowledge usage. **Information Processing and Management: An International Journal**, Tarrytown-Nova Iorque, v. 29, n. 2, p. 229-239, Mar./Apr. 1993.

WERSIG, Gernot; NEVELING, Ulrich. The phenomena of interest to information science. **The Information Scientist**. v. 9, n. 4, p. 127-140, 1975.

WILSON, Thomas Daniel. A dimensão epistemológica da informação e seu impacto sobre o ensino em arquivologia e biblioteconomia. **BJIS**, v. 2, n. 1, p. 3-15, jan./jun. 2008.

WORMELL, Irene. Informetrics: exploring databases as analytical tools. **Database**, v. 21, n. 5, p. 25-30, out./nov. 1998.

ZINS, Chaim. Redefinindo a Ciência da Informação: da Ciência da Informação para a Ciência do Conhecimento. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 21, n. 3, p. 155-167, set./dez., 2011.

SOBRE OS AUTORES

Tiago José da Silva

Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba e Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Pernambuco. Bacharel em Gestão da Informação pela Universidade Federal de Pernambuco. Licenciatura Plena em Letras com habilitação em Português, Inglês e suas respectivas literaturas pela Fundação de Ensino Superior de Olinda. Especialização *Lato Sensu* em Linguística do Texto e do Discurso pela Fundação de Ensino Superior de Olinda. Gestor escolar da Rede Municipal de Ensino de Olinda. Professor regente na Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco. Desenvolve pesquisa acerca da extração automática sobre sintagmas nominais em textos escritos em Língua Portuguesa e sobre preceitos epistemológicos da Ciência da Informação.

Isa Maria Freire

Doutora e mestre em Ciência da Informação pelo convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e a Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora associada do Departamento de Ciência da Informação e docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba. Foi presidente da Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ANCIB) no período 2010-2014. Coordenou o Grupo de Trabalho Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação da ANCIB (2014-2018). Editora científica dos periódicos *Informação & Sociedade: Estudos e Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia*, e Editora-Chefe do blog *De olho na CI*. Coordena a rede de projetos do Laboratório de Tecnologias Intelectuais. É líder do Grupo de Pesquisa CNPq *Informação e Inclusão Social*, certificado pela Universidade Federal da Paraíba. Bolsista de produtividade do CNPq.



EJ Editora
UFPB